



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

LEIDE DAIANE ANDRADE

**O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DAS
SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

FORTALEZA
2023

LEIDE DAIANE ANDRADE

**O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DAS
SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Linguagens e letramentos.

Orientadora: Prof.^a Dra. Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo

FORTALEZA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A568t Andrade, Leide Daiane.
O tratamento da variação linguística em livros didáticos das séries finais do ensino fundamental / Leide Daiane Andrade. – 2023.
151 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação Profissional em Letras, Mestrado Profissional em Letras, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo .
1. variação linguística. 2. livros didáticos. 3. sociolinguística. 4. ensino. 5. língua Portuguesa. I. Título.
CDD 400
-

LEIDE DAIANE ANDRADE

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DAS
SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Linguagens e letramentos.

Aprovada em: 30/ 06/ 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Alexandra Maria de Castro e S. Araújo
(Orientadora) Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Franciclé Fortaleza Bento
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico esse trabalho àqueles que me incentivaram a prosseguir no sonho da realização de meus projetos: aos meus filhos, Mirlla, Marília, Mendel e Manuella, ao meu esposo Marcos, à minha querida família, à minha orientadora Alexandra Castro por sua paciência e dedicação, às minhas colegas da turma VII, principalmente as do “quarteto fantástico” pelo incentivo.

AGRADECIMENTOS

A Deus por sua fiel presença em todos os momentos da minha vida.

À Universidade Federal do Ceará (Centro de Humanidades), particularmente ao Curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), pela oportunidade de participar desse programa.

À Profa. Dra. Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo, minha orientadora, por suas observações, disponibilidade e incentivo nos momentos de incertezas.

Aos professores que estiveram presentes durante o curso e contribuíram com todo o seu conhecimento para a realização desse curso.

Ao meu esposo, por seu amor e compreensão imprescindíveis nos momentos difíceis.

Aos meus pais e às minhas irmãs, em especial Cleonice e Adriana, pela motivação no decorrer dessa caminhada.

À minha amiga Leide Maria, por sua grande colaboração em favor da minha permanência no curso.

Às minhas colegas da Turma VII, (Power Rangers) apelido carinhoso, pela fortaleza, apoio e palavras de amizade, sobretudo, as colegas Joelma, Kátia, Carol e Leandra.

À secretária de educação do município de Reriutaba, Lisandra Liberato, pela compreensão nos momentos em que mais precisei.

Aos meus colegas Thércio e Lidiane que me acompanharam desde o início dessa caminhada.

Aos meus alunos do Fundamental - Anos Finais da cidade de Reriutaba, a razão por todo esforço e dedicação.

E, finalmente, a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram e estiveram ao meu lado na elaboração deste trabalho.

O verdadeiro problema é considerar que existe uma língua perfeita, correta, bem-acabada e fixada em bases sólidas, e que todas as inúmeras manifestações orais e escritas que se distanciam dessa língua ideal são como ervas daninhas que precisam ser arrancadas do jardim para que as flores continuem lindas e coloridas! (BAGNO, 2007, p. 37)

RESUMO

O objetivo central desta pesquisa foi o de analisar o tratamento da variação linguística nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental, especificamente, os da Geração Alpha-Língua Portuguesa, 2ª Edição, 2018, das séries finais do Fundamental (8º e 9º). A pesquisa foi fundamentada nos pressupostos teóricos da Variação Linguística de Labov ([1972] 2008), pois trata da importância de estudar a língua como objeto de construção social ajustando-se à Sociolinguística que se integraliza da relação entre língua e sociedade, do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala, com isto, essa teoria lança a proposta da presença do componente social na análise linguística. Constam, também, neste trabalho, as significativas contribuições de grandes linguistas contemporâneos como Bagno (2007), Faraco (2008), dentre outros, dos que colaboram para um efetivo movimento pedagógico com o ensino da variação linguística dentro das escolas brasileiras. Com efeito, se a língua serve para desempenhar funções em diferentes contextos de inter-relação de locutores, ela é um fenômeno estritamente social, e por tão relevante comprovação se explica nos estudos da sociolinguística, posto que é significativo explorá-la em suportes didáticos para o ensino da língua nas escolas. Portanto, a pesquisa se destinou a uma coleta de informações sobre o *corpus* que, para além de uma análise, pauta-se em propor uma reflexão sobre o tratamento que os LD dispõem sobre a variação linguística em seus conteúdos e atividades, uma abordagem feita sobre amostras, comparações e sugestões, visto que entendemos a importância desse conteúdo nos LD que consistem em ser um recurso didático significativo da educação nas escolas do Brasil, principalmente porque há uma maior facilidade para o ensino-aprendizagem, uma vez que eles são os principais coadjuvantes - aliados na promoção da discussão em torno da heterogeneidade da língua nas aulas de Português. No processo de coleta e análise dos livros didáticos, investigamos: (a) se, em seu objetivo inicial; seu sumário, unidades, títulos introdutórios e em cada seção de capítulo, abordaram o fenômeno da variação linguística. (b) como faziam referência, no conteúdo linguístico, a concepção de língua(gem); as normas padrão e não-padrão; aos condicionamentos linguísticos e extralinguísticos (usos regionais, gênero, classe social, escolaridade, faixa etária, nível de formalidade, contexto situacional e interlocutor); o uso de gêneros orais/escritos e o ensino de casos concretos de variação linguística no Português Brasileiro; (c) se, exploraram a variação linguística nos textos e na exposição dos conteúdos de modo que contribuam para facilitar o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Baseando-se no aparato teórico da Sociolinguística, considerando as motivações linguísticas e extralinguísticas no uso efetivo da

língua, propusemos, em nossa dissertação, um caderno pedagógico, cuja proposta tratou de atividades vinculadas à variação linguística, de modo a permitir aos alunos a apropriação das noções, técnicas e instrumentos linguísticos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão, bem como aprendam a lidar com as mais variadas formas de interação social de acordo com as suas necessidades de comunicação.

Palavras-chave: variação linguística; livros didáticos; sociolinguística; ensino; língua portuguesa.

ABSTRACT

The central objective of this research was to analyze the treatment of linguistic variation in the Portuguese Language Textbooks of the final years of Elementary School, specifically, those of the Alpha-Portuguese Language Generation, 2nd Edition, 2018, of the final years of Elementary School (8th and 9th). The research was based on the theoretical framework of Labov's Linguistic Variation ([1972] 2008), as it deals with the importance of studying language as an object of social construction, adjusting to Sociolinguistics, which is part of the relation between language and society, of the study of structure and evolution of language within the social context of the speech community, with this, launches the proposal of the presence of the social component in linguistic analysis. This work also contains the significant contributions of great contemporary linguists such as Bagno (2007), Faraco (2008), among others, who collaborate for an effective pedagogical movement with the teaching of Linguistic Variation within Brazilian schools. Indeed, if language serves to perform functions in different contexts of interrelation between speakers, it is a socially strictly phenomenon, and for such relevant evidence it is explained in studies of sociolinguistics, since it is significant to explore it in didactic supports for language teaching in schools. Therefore, this search was intended to collect information about the corpus that, in addition to an analysis, is based on proposing a reflection on the treatment that textbooks dispose about the linguistic variation in their contents and activities, an sample-based approach, comparisons and suggestions, since, we understand the importance of this content in textbooks that consist of being a significant didactic resource of education in schools in Brazil, mainly because there is a greater facility for teaching and learning, since they are the main coadjuvants - allies in promoting the discussion around language heterogeneity in Portuguese classes. In the process of collecting and analyzing textbooks, we investigated: (a) if, in its initial objective; its summary, units, introductory titles, and in each chapter section, addressed the phenomenon of linguistic variation. (b) how they referenced, in the linguistic content, to the conception of language; the norms standard and non-standard; linguistic and extralinguistic accommodations (regional uses, gender, social class, schooling, age group, level of formality, situational context and interlocutor); the use of oral/written genres and the teaching of concrete cases of linguistic variation in Brazilian Portuguese; (c) if, explored linguistic variation in the texts and in the exposition of the contents in a way that they contribute to facilitate the teaching and learning of the Portuguese Language. Based on the theoretical apparatus of Sociolinguistics, considering the linguistic and

extralinguistic motivations in the effective use of language, we propused, in our dissertation, a pedagogical notebook, whose proposal dealt with activities linked to linguistic variation, in order to allow students to appropriate the notions, techniques and linguistic instruments necessary for the development of their expression ability, as well as learn to deal with the most varied forms of social interaction according to their communication needs.

Keywords: linguistic variation; textbooks; sociolinguistics; teaching; portuguese language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Representação feita por Saussure de como seriam os elementos da língua delimitados.....	40
Figura 2 -	Representação feita por Saussure de como são os elementos com o fenômeno da diacronia da língua.....	41
Figura 3 -	Fragmento do texto O Diário de Anne Frank, p.78 do LD.....	75
Figura 4 -	Fragmento do texto O Diário de Anne Frank, p.79 do LD.....	75
Figura 5 -	Fragmento da atividade, seção de capítulo A linguagem do texto no LD, p. 83.....	76
Figura 6 -	Fragmento do texto Menas, abertura do capítulo 2, Unidade 2, p. 58 do LD.....	77
Figura 7 -	Fragmento da atividade da seção de capítulo Texto em estudo, no LD, p. 59.....	78
Figura 8 -	Fragmento das questões de abertura da unidade 5 no LD, p. 59.....	81
Figura 9 -	Orientação constante no Manual do Professor acerca da resposta à questão de número 5, p. 59.....	81
Figura 10 -	Mapa da unidade, objetivos do capítulo 1 do LD p. 150.....	82
Figura 11 -	Código e conceito da BNCC para uma das habilidades de língua portuguesa.....	82
Figura 12 -	Fragmento da atividade A linguagem do texto sobre o gênero dramático do capítulo 1 da unidade 5, p. 157.....	82
Figura 13 -	Orientação constante no Manual do Professor acerca da resposta à questão de número 14.....	83
Figura 14 -	Fragmento da atividade Escrita em pauta sobre o gênero dramático do capítulo 2 da unidade 5.....	83
Figura 15 -	Orientação constante no Manual do Professor acerca da resposta à questão 5.	84
Figura 16 -	Orientações didáticas para o docente no Manual do professor, p. 23.....	84
Figura 17 -	Fragmento contido na apresentação de capítulo, tópico primeiras ideias da Unidade 1 do LD, p. 9.....	85
Figura 18 -	Orientação constante no Manual do Professor acerca da resposta à questão de	

número 5 do tópico, p. 9.....	85
Figura 19 - Objetivos do capítulo 1, Unidade 1, do LD, p. 10.....	86
Figura 20 - Código e conceito da BNCC para uma das habilidades de língua portuguesa.....	86
Figura 21 - Fragmento da atividade tópico Agora é com você! capítulo1, Unidade 3, p. 87.....	87
Figura 22 - Orientação constante no Manual do Professor acerca da resposta à questão de número 2 do tópico, p. 87.....	87
Figura 23 - Fragmento da atividade Língua em estudo sobre o gênero Poema e Poema Visual do capítulo 1, unidade 6, p. 190.....	91
Figura 24 - Orientação no Manual do Professor acerca da resposta à questão de número 1 do tópico, p.190.....	91
Figura 25 - Fragmento da atividade Língua em estudo sobre o gênero Poema e Poema Visual do capítulo 1 da unidade 6, p. 190.....	92
Figura 26- Orientação no Manual do Professor acerca do conteúdo abordado no tópico, p.190.....	93
Figura 27 - Fragmento da atividade: Uma coisa puxa a outra no capítulo 1 da unidade 3, questões 1 e 2, p.80.....	94
Figura 28 - Orientação no Manual do Professor acerca da resposta às questões de número 1 e 2 do tópico, p.80.....	94
Figura 29 - Orientação no Manual do Professor acerca do conteúdo abordado no tópico, p. 80.....	95
Figura 30 - Fragmento da atividade: Uma coisa puxa a outra, capítulo 1, unidade 3, questões de 7 -10, p. 81.....	95
Figura 31 - Orientação no Manual do Professor acerca das respostas às questões de 7-10 do tópico: Uma coisa puxa a outra, capítulo 1, unidade 3, p. 81.....	96
Figura 32 - Paralelo apresentado por Marcuschi (2010, p.19) entre escrita e oralidade.....	99
Figura 33 - Representação feita por Marcuschi (2010), da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva.....	99
Figura 34 - Quadro apresentado por Marcuschi (2010) do continuum dos gêneros textuais na fala e na escrita.....	101

Figura 35 - Texto da seção de atividades, capítulo 1, unidade 1 do LD do 8º Ano, p. 20.....	102
Figura 36 - Texto da seção Uma coisa puxa a outra, capítulo 1, unidade 8 do LD do 8º ano, p. 254.....	104
Figura 37 - Fragmento da atividade da seção: Uma coisa puxa a outra, capítulo 1, unidade 8 do LD do 8º Ano, p. 255.....	105
Figura 38 - Texto de abertura do capítulo 1, unidade 2 do LD do 9º Ano, p. 44.....	106
Figura 39 - Fragmento da atividade da seção Texto em estudo, capítulo 1, unidade 2 do LD do 9º Ano, p. 44.....	107
Figura 40 - Texto da seção Linguagem do texto, boxe Valores, capítulo 1, unidade 2 do LD do 9º Ano, p. 47.....	107
Figura 41 - Texto da seção de atividades, capítulo 1, unidade 2 do LD do 9º Ano, p. 77.....	108

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Questões para análise dos livros didáticos segundo Bagno (2007)	53
Quadro 2 - Apresentação da estrutura do caderno pedagógico.....	64
Quadro 3 - Análise do objetivo inicial do livro didático.....	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LD	Livro Didático
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LDP	Livro Didático de Português
LM	Língua Materna
LP	Língua Portuguesa
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNEF	Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SPAECE	Sistema Permanente de Avaliação d Educação do Ceará
VL	Variação Linguística

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	REFERENCIAL TEÓRICO	28
2.1	A variação linguística e o ensino de língua portuguesa	28
2.2	As orientações sobre o ensino da variação linguística no ensino de língua materna	34
2.3	Categorização de variação linguística	39
2.3.1	<i>Variação diacrônica</i>	40
2.3.2	<i>Variação diatópica</i>	42
2.3.3	<i>Variação diastrática</i>	43
2.3.4	<i>Variação diamésica</i>	44
2.3.5	<i>Variação diafásica</i>	45
2.4	A variação linguística no livro didático de língua portuguesa do ensino fundamental	46
2.5	O Livro didático e o uso da língua na real	48
2.6	Dois contribuições para a observação sobre o tratamento da variação linguística no livro didático	50
2.6.1	<i>Contribuição de Bagno (2007)</i>	51
2.6.2	<i>Contribuição de Faraco (2007)</i>	55
53	PERCURSO METODOLÓGICO	58
3.1	Caracterização da pesquisa	58
3.2	Contexto de pesquisa	59
3.3	Descrição do <i>corpus</i>	61
3.3.1	<i>Manual do professor</i>	61
3.3.2	<i>Livro do aluno</i>	62
3.4	Procedimentos metodológicos	63
3.4.1	<i>O caderno pedagógico</i>	64
4	ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS	67
4.1	Apresentação e objetivo inicial da coleção	67
4.1.1	<i>Síntese do subcapítulo</i>	73
4.2	Concepção de linguagem	74
4.2.1	<i>Livro geração Alpha de Língua Portuguesa 8º Ano</i>	75

4.2.2	<i>Livro geração Alpha de Língua Portuguesa 9º Ano</i>	77
4.2.3	<i>Síntese do subcapítulo</i>	79
4.3	As normas padrão e não-padrão	80
4.3.1	<i>Livro geração Alpha de Língua Portuguesa 8º Ano</i>	80
4.3.2	<i>Livro geração Alpha de Língua Portuguesa 9º Ano</i>	85
4.3.3	<i>Síntese do subcapítulo</i>	88
4.4	Condicionamentos linguísticos e extralinguísticos	88
4.4.1	<i>Livro geração Alpha de Língua Portuguesa 8º Ano</i>	90
4.4.2	<i>Livro geração Alpha de Língua Portuguesa 9º Ano</i>	93
4.4.3	<i>Síntese do subcapítulo</i>	97
4.5	O uso de gêneros orais/escritos e o ensino de casos concretos no português do Brasil	98
4.5.1	<i>Livro geração Alpha de Língua Portuguesa 8º Ano</i>	102
4.5.2	<i>Livro geração Alpha de Língua Portuguesa 9º Ano</i>	106
4.5.3	<i>Síntese do subcapítulo</i>	110
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
	REFERÊNCIAS	117
	APÊNDICE - CADERNO PEDAGÓGICO	121
	ANEXO A - OBJETIVOS DE LÍNGUA PORTUGUESA- PCN	149
	ANEXO B - COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA – BNCC	150
	ANEXO C - CAPA DO LIVRO DIDÁTICO DA COLEÇÃO GERAÇÃO ALPHA DE LÍNGUA PORTUGUESA 8º ANO - EDIÇÃO 2018	151
	ANEXO D - CAPA DO LIVRO DIDÁTICO DA COLEÇÃO GERAÇÃO ALPHA DE LÍNGUA PORTUGUESA 9º ANO - EDIÇÃO 2018	152

1 INTRODUÇÃO

A variação linguística é tema relevante nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) para o ensino da Língua Portuguesa, assim como vemos, com frequência, o assunto em livros didáticos, bem como em avaliações, caso do ENEM, o que indica a importância a ser dada, haja vista a observação quanto aos falares dos usuários da nossa língua materna quando chegam à escola. No entanto, parece que o assunto, bastante recorrente, não se esgota e continua a sofrer preconceitos, quando o valor majoritário é o da prescrição.

Nesse sentido, esta pesquisa surgiu da necessidade de reflexão e análise da importância do trabalho com a variação linguística em sala de aula, cujo fenômeno é observável em vários contextos sociais de comunicação na sociedade atual, a exemplo das redes sociais, plataformas digitais etc. Diante disso, é relevante o trabalho com observação das diferenças existentes na língua, sobretudo o que se apresenta nos Livros Didáticos, doravante LD, uma vez que também pelos PCN, eles são considerados um dos materiais com mais influência/suporte na prática do ensino brasileiro de português (BRASIL, 1998).

A Língua Portuguesa, doravante LP, embora sendo uma das disciplinas priorizadas para o ensino no Brasil, ainda é tida como de grande dificuldade quanto ao ensino-aprendizagem nas escolas e, por isso, esta dissertação trata da análise da coleção *Geração Alpha - Língua Portuguesa* como apoio nas propostas didáticas diárias para o ensino de LP quanto ao tratamento da variação linguística no município de Reriutaba, situado na região Norte do Ceará, a aproximadamente 276 km da capital Fortaleza, do qual faço parte como professora da rede municipal.

O nosso objetivo foi o de analisar se os LD exploram a variação linguística nos textos, na exposição do conteúdo gramatical e nas atividades gramaticais, pois a princípio, nossa hipótese foi a de que os LD não abordam o fenômeno da variação linguística e se o fazem é de modo superficial, não fazem referência, no conteúdo linguístico, às motivações linguísticas e extralinguísticas (usos regionais, gênero, classe social, escolaridade, idade, nível de formalidade, contexto situacional e interlocutor), assim como também no trabalho com os gêneros textuais, os LD não trazem gêneros autênticos do uso real da língua que demonstrem a ocorrência da variação e que isso seria de grande valia.

Neste sentido, objetivamos, especificamente: (i) analisar se a proposta didática da coleção “Geração Alpha- Língua Portuguesa dos Anos Finais do Fundamental”, em sua organização, objetivo inicial, abordagem dada pelos autores, em seu sumário, unidades, títulos

introdutórios e em cada seção de capítulo, aborda significativamente o fenômeno da variação linguística. (ii) investigar como os LD fazem referência: a concepção de língua (gem); as normas padrão e não-padrão; aos condicionamentos linguísticos e extralinguísticos (usos regionais, gênero, classe social, escolaridade, idade, nível de formalidade, contexto situacional e interlocutor); o uso de gêneros orais/escritos e o ensino de casos concretos de variação linguística no Português Brasileiro. (iii) verificar se as atividades exploram a variação linguística nos textos e na exposição dos conteúdos gramaticais, de modo que contribua para facilitar o ensino e a aprendizagem do aluno quanto à Língua Portuguesa. Ademais, como forma de contribuir, (iv) propor atividades que lidem com a heterogeneidade no uso real da língua apoiando-se nos pressupostos teóricos da Sociolinguística.

A variação linguística é um tema abordado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,1998), norteadores do Ensino Fundamental, que tem como propósito respeitar as diversidades linguísticas, regionais, culturais, políticas, existentes no país, além de considerar a necessidade de elaborar referências nacionais comuns voltadas ao processo educativo em todas as regiões brasileiras, de modo a analisar não só o livro didático, principal ferramenta para o ensino da Língua Portuguesa utilizado nas salas de aulas brasileiras, mas de elaborar materiais didáticos que propiciem o desenvolvimento de tal conteúdo.

Ainda apontam os PCN (BRASIL, 2008), que para o ensino da Língua Portuguesa nas séries Finais Ensino Fundamental, há a necessidade de dar ao aluno condições de ampliar o domínio da língua e da linguagem, desenvolver seus conhecimentos discursivos e linguísticos, refletir sobre os fenômenos dessa linguagem, particularmente os da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua, aprendizagem fundamental para o exercício da cidadania, objetivo também do estudo da sociolinguística.

Nesse contexto, para esta pesquisa, a opção de abordar a variação linguística no LD de Língua Portuguesa deve-se a alguns fatores, dentre eles:

- i) ser, ainda, o LD um dos materiais de forte influência na prática de ensino de Língua Portuguesa no contexto em que atuo (escola pública municipal no interior do Ceará);
- ii) ser preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e a eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos educacionais propostos diante do tema da variação linguística;
- iii) ser a variação constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis (lexicais, fonológicos, morfológicos, semânticos, sintáticos), considerando que a língua é variável sincrônica e diacronicamente, independentemente de qualquer ação normativa;

iv) permitir aos alunos a escolha da forma de falar, considerando as características e condições do contexto de produção no ensino-aprendizagem de diferentes registros de fala e de escrita;

v) levar o aluno a coordenar, satisfatoriamente, o que fala ou escreve e como fazê-lo;

vi) verificar a pertinência do uso de uma ou outra forma da língua e o que revela sobre a estrutura linguística, dado o contexto comunicativo;

vii) adequar a linguagem às circunstâncias de uso e não a questão de erro, mas de utilização adequada da linguagem. (PCNEF, 1998, p.29-31)

A nosso ver, a proposta de ensino baseada na variação linguística auxiliaria professores e alunos a uma melhor interação com o contexto linguístico dos LD e, conseqüentemente, uma maior facilidade para o ensino-aprendizagem, uma vez que os LD continuam sendo, ainda, os principais recursos pedagógicos em sala de aula. Para além da investigação, é salutar explicar por que a abordagem com a heterogeneidade da língua à luz da Sociolinguística se faz necessária nos materiais didáticos.

Neste sentido, auxiliando-nos nesta pesquisa, em nosso estado da arte, trouxemos Coelho (2007), que em se tratando da sociolinguística, revela estudos sobre a heterogeneidade constitutiva das línguas humanas, bem como as mudanças significantes que deve constituir a prática dos professores, nos diversos níveis de escolaridade. Não encontrou, ainda, uma situação ideal para o trabalho com VL, por conta do enaltecimento da norma-padrão pela escola. Acreditamos que, neste sentido, se o professor e a escola adotam o LD como material didático de maior uso, essa reflexão deva ser levada em consideração.

Para a análise da variação linguística nos livros didáticos, temos o trabalho de Lara (2010) que destaca a necessidade de falar e refletir sobre o processo de preconceito às avessas, também chamado de preconceito/ discriminação, justamente por promover o favorecimento de determinado grupo em razão de um fator social discriminatório. Mostra, ainda, que a sociolinguística educacional no Brasil faz um grande movimento em prol das variantes do português que não se aproximam de um padrão prestigiado, ou seja, a sociolinguística objetiva, através desse movimento, esclarecer que não há razões linguísticas determinantes para que um grupo ou alguém seja vítima de preconceito, caso do exemplo anterior. Acerca dos estudos da variação linguística e seu viés social, a autora enfatiza Labov (1972)¹, cujo estímulo da

¹ LABOV, William. Padrões Sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. Título original: Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

sociolinguística é primordialmente a pessoa ou grupo que usa a língua em um contexto social. Partimos destes pressupostos teóricos, pois a relevância de um significativo trabalho com a VL no livro didático consiste em uma ferramenta relacionada ao ensino da LP, cuja aprendizagem da língua se faz importante em contextos de uso social, se assim não o fosse, de nada adiantaria a abordagem desse viés linguístico na vida dos estudantes.

Posto isso, neste estudo, adotamos os pressupostos da Sociolinguística, haja vista a relação entre linguagem e sociedade como princípio da diversidade linguística. Segundo Borin (2010), o homem como um ser social está no exercício de comunicação e interação, pois expressa seus pensamentos e ideias através da língua. Notamos que, para a abordagem da variação linguística no LD, deve-se levar em consideração a linguagem dos estudantes, respeitando, também, o uso da língua em seu contexto social. Faz-se mister tratar que, nas atividades propostas pelos LD, se propicie demandas com textos que contenham “notas” de usos regionais, de gênero, considerar ainda, classe social, escolaridade, idade, nível de formalidade, contextos situacionais e interlocutores. Os autores dos LD devem se apropriar não somente dos tipos de variação linguística, mas das pesquisas desenvolvidas neste âmbito, a fim de proporcionar uma maior familiaridade do aluno com os contextos de uso da língua e, conseqüentemente, motivar o progresso no ensino-aprendizagem.

Conforme Tomlinson (2004, p.13) “tudo o que é usado por professores e alunos para facilitar a aprendizagem de uma língua” é a definição para materiais didáticos, assim como Menezes (2014) destaca os livros didáticos serem os mais adotados em sala de aula. Entretanto, abordar a heterogeneidade da língua tem sido uma tarefa difícil, uma vez que o ensino tradicional é preponderante nas escolas, mesmo a variação sendo inerente a toda língua. Não obstante, é importante orientar o professor na condução do ensino da variação da língua, em seus vários contextos de uso, de modo a aproximar os discentes da disciplina e de seus conteúdos.

Ainda com relação à Sociolinguística e aos Livros Didáticos, Morais (2015), em um levantamento sobre esses materiais dos anos finais do Ensino Fundamental, integrantes do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), buscou compreender como tem acontecido a reflexão sobre a diversidade e a variação linguística nas salas de aulas, em suas análises de dados validou a hipótese de que nos LDP, que circulam atualmente nas escolas brasileiras, ainda predomina a submissão das marcas da diversidade e da variação linguísticas aos processos de normatização da língua, mesmo onde se propõe apresentar e discutir a variação linguística. Aspectos relevantes, nesta pesquisa, fazem-nos compreender o quão significativo ainda é o LD como ferramenta didática para professores e alunos nas salas de aulas e, sobretudo, nas escolas

públicas brasileiras em que se deve abordar o uso/contexto da língua em vez de sua homogeneidade.

Desta forma, para que o aprendiz seja capaz de reconhecer que há uma necessidade de adequação da linguagem em suas manifestações linguísticas, é preciso mostrar-lhe os vieses desta necessidade, ou seja, o tipo de linguagem, para quem e para quem se irá falar. Desse modo, neste trabalho, apontamos estudos (estado da arte) sobre tais usos e como são vistos pela sociedade. Bagno (2007, p. 60) discute o assunto “língua” destacando que, há duas ordens de discurso, pois:

a) o discurso científico, embasado nas teorias da linguística moderna, trabalha com as noções de variação e mudança;

b) o discurso do senso comum, impregnado de concepções ultrapassadas sobre linguagem e de preconceitos sociais fortemente arraigados opera a noção do erro.

Entendemos estes discursos expressos em função: (i) da constante evolução da língua; (ii) da adequação dela à intencionalidade do locutor, no intuito de que a linguagem seja entendida. Contudo, podemos inferir preconceitos linguísticos por parte dos interlocutores, no que se ensina, por vezes, a noção de erro, embora que os interlocutores de uma determinada língua obtenha uma capacidade nata da linguagem como afirma Coelho (2015) em “o erro na língua falada não é um erro de transgressão de algum sistema de regras da língua, mas uma variedade que coocorre e concorre com outra variedade linguística, existente na sociedade.”, isto é, pessoas que dominam uma linguagem mas não têm preocupação em analisar e descrever a língua, apenas a intencionalidade de comunicar, obter informações, mesmo que de modo incompleto ou, que digamos, sem domínio das regras impostas por crenças de uma determinada comunidade de fala.

Um exemplo seria um cidadão comum, que não teve acesso à variante² padrão da língua (variedade de maior prestígio social), faz uma reivindicação, por escrito, contendo desvios linguísticos para atender determinado interesse de uma comunidade em que ele é o representante, tendo sido o texto direcionado ao prefeito da cidade, o qual desconsiderou porque o texto não estaria de acordo com a norma padrão. Neste sentido, é evidente o preconceito linguístico manifestado pela gestão e seus assessores.

Além desse trabalho dedicado à análise da variação linguística nos livros didáticos, Santos, Mendes e Pereira (2016), através da revisão bibliográfica de autores empenhados em

² Formas linguísticas alternativas que incorporam um mesmo sentido. Cada uma das realizações possíveis de uma variável (fenômeno em variação, constituído de duas ou mais variantes linguísticas). A definição mais simples de variante é “cada uma das formas diferentes de se dizer a mesma coisa”. (BAGNO, 2007, p. 50)

discutir a problemática do ensino da sociolinguística variacionista na escola, propuseram, com esse trabalho, desmistificar a homogeneidade na língua e contribuir para a concepção de que a escola precisa promover o ensino da variação linguística, de modo a proporcionar reflexão linguística na competência comunicativa dos alunos.

Outra questão pertinente e que corrobora a nossa pesquisa, é a concepção acerca da sociolinguística educacional³, é a análise, dentro do ambiente de ensino, da condução do professor sobre variedades linguísticas perante as aulas, visto que o professor de LP deve instigar a percepção dos alunos em reconhecer as variações ou até mesmo as diferentes expressões, que podem ou não serem utilizadas nos contextos de comunicação, em determinadas situações de uso. É importante discutir sobre a linguagem, como podemos adequá-la em distintas ocorrências de comunicação e não relacionar isso a erros na condução da língua. Embora, como corrobora Bortoni-Ricardo (2020, p. 37), esse comportamento ainda é problemático para os professores, haja vista ficarem inseguros, sem saber se devem corrigir os erros ou até mesmo se podem falar em erros. Debate pertinente à sociolinguística no contexto educacional, uma vez que na sala de aula, inúmeras vezes, o professor apresenta contestações sobre a análise linguística de um determinado discurso, a depender do evento, por exemplo, em um discurso de oralidade, pode haver o monitoramento para atender às regras da língua, assim como eventos de leitura ou mesmo na situação de um discurso escrito se classificam as intervenções sobre o uso da língua. Questões como estas é que nos fazem refletir a importância da abordagem das variações linguísticas nos materiais didáticos, sobretudo nos LD.

Dentre os trabalhos que discutem a concepção dialógica da variação linguística, destacamos o de Vargas (2021) que, em sua análise, observa o LD, essencialmente, de acordo com a norma culta do português brasileiro, não fazendo menção à heterogeneidade linguística usual no país. A autora traz os conceitos “variedade prestigiada” e “variedade padrão” e que comete, desta forma, um equívoco comum em muitos livros didáticos, pois segundo Bagno (2007), o padrão não é variedade, nem língua, nem dialeto para tratar de variedade, mas a existência de pessoas de carne e osso falando esta variedade, pois ninguém fala (nem escreve) o padrão, nem no máximo grau de monitoramento estilístico.

³ Sociolinguística Educacional - concepção de uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos, atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças nos eventos de letramento. Da perspectiva de uma pedagogia culturalmente sensível aos saberes dos alunos, podemos dizer que, diante da realização de uma regra não padrão pelo aluno, a estratégia da professora deve incluir dois componentes: a identificação da diferença e a conscientização da diferença. BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna [recurso eletrônico]: a sociolinguística na sala de aula / Stella Maris Bortoni-Ricardo. - 1. ed. - São Paulo: Parábola, 2020.

À guisa de a língua ter uma função social e evoluir, a proposta deste trabalho é, também, produzir atividades voltadas ao ensino da variedade da língua em sala de aula, com textos que se vinculem aos discursos condizentes à vida dos alunos como uma forma de aproximar da realidade deles, estimulando-os a refletir para a produção de enunciados das mais diversas possibilidades concomitantemente a análises linguísticas, de modo a promover um conhecimento significativo do uso real da língua em seus diversos contextos.

Diante disso, observa-se que no ensino brasileiro, a Língua Portuguesa é uma das disciplinas priorizadas nas escolas, porém ainda é tida como de grande dificuldade quanto ao ensino-aprendizagem do sistema linguístico por parte dos aprendizes. Certamente, o professor também encontra dificuldades em fornecer meios de melhor explorar os conteúdos para ensinar aos alunos, em vista das regras da língua, de modo que se invertesse o ritual de ensino para começá-lo a partir das variedades linguísticas vivenciadas pelos alunos do que dominam e compreendem, talvez pudéssemos obter um melhor efeito para a compreensão da Língua Portuguesa e seus sistemas linguísticos e, por isso, esta dissertação trata, especificamente, da coleção Geração Alpha- Língua Portuguesa, anos finais (2020-2023), como suporte para as aulas da rede municipal de ensino da cidade de Reriutaba - CE, local de minha atuação enquanto professora.

Nesse sentido, entendemos que se os LD não abordam o fenômeno da variedade linguística, nem fazem referência, em seu conteúdo linguístico, a heterogeneidade da língua, como apontam os documentos oficiais da educação. O ensino da Língua Portuguesa não está sendo satisfatório, tendo em vista que não se é levado em consideração o uso que o aluno faz da língua, aprendizagem fundamental para o exercício da cidadania, um dos objetivos também do estudo da Sociolinguística. No entanto, observa-se que os LD, considerados um dos materiais com mais influência/suporte na prática do ensino de português, não abordam de maneira expressiva, a heterogeneidade da língua, as motivações linguísticas e extralinguísticas em seu conteúdo linguístico.

Sendo assim, partindo da proposta primordial que é a de promover a reflexão sobre os trabalhos nos LD com as variedades da língua, em nosso trabalho, propomos as seguintes questões de pesquisa, os LD: (a) abordam o fenômeno da variação linguística em sua proposta? (b) fazem referência em sua concepção de língua (gem), em seu conteúdo linguístico, às motivações linguísticas e extralinguísticas (usos regionais, gênero, classe social, escolaridade, idade, nível de formalidade, contexto situacional e interlocutor) e fazem o uso de gêneros orais/escritos e o ensino de casos concretos de variação linguística no Português Brasileiro? (c) exploram a variação linguística nos textos e na exposição dos conteúdos de modo que contribua

para facilitar o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa? (d) propõem atividades que lidam com a heterogeneidade da língua considerando a postura investigativa de Labov (1972) e também o que norteiam os PCNs?

Nessa perspectiva, a nossa hipótese básica foi de que o Livro Didático (LD) não contempla o fenômeno da variação linguística nas seções destinadas à língua. Desse modo, a ausência de trabalho com a heterogeneidade da língua e sua função social nas atividades e nos conteúdos propostos pelo LD poderiam ensejar abordagens inapropriadas para uma língua que os estudantes já utilizam, havendo a necessidade de reflexão sobre as variedades linguísticas e suas circunstâncias de uso, a fim de motivar o aluno a interpretar e compreender melhor as formas em função da situação comunicativa e não de repreensão pelo não uso da norma.

Mediante essa contextualização e o desígnio de nossa pesquisa, delineamos esta dissertação da seguinte maneira: - O primeiro capítulo consta a **Introdução** na qual esboçamos o propósito da pesquisa: analisar o tratamento da variação linguística nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental, especificamente, os da Geração Alpha-Língua Portuguesa, 2ª Edição, 2018, das séries finais do Fundamental (8º e 9º), livros dos quais são utilizados pela rede municipal de ensino da cidade de Rerituba da qual faço parte como professora. - O segundo capítulo diz respeito ao **Referencial teórico**, pressupostos dos quais nos baseamos para nossa pesquisa e está subdividido da seguinte forma: A variação linguística e o ensino de língua portuguesa; As orientações sobre o ensino da variação linguística no ensino de língua materna; Categorização de variação linguística; A variação linguística no livro didático de Língua Portuguesa do ensino fundamental; O Livro didático e o uso da língua na real; Duas contribuições para a observação sobre o tratamento da variação linguística no livro didático: contribuição de Bagno (2007) e Faraco (2008). - O terceiro capítulo, intitulado **Percorso metodológico**, apresentamos a caracterização da pesquisa, o contexto de pesquisa, a descrição do *corpus*, bem como expusemos os procedimentos metodológicos. - No quarto capítulo, que tem como título **Análise dos livros didáticos**, destinado à análise do nosso *corpus*, sua base de fundamentação teórica, bem como a análise em conformidade ao roteiro de questões norteadoras considerando os seguintes aspectos: a apresentação e objetivo inicial da coleção; a concepção de linguagem; as normas padrão e não-padrão; os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos; o uso de gêneros orais/escritos e o ensino de casos concretos no português do Brasil. - O quinto capítulo destina-se às **Considerações finais** da pesquisa, seguindo-se às **Referências** e o **Apêndice** composto do **Caderno pedagógico** elaborado no intuito de contribuir para o ensino-aprendizagem da variação linguística em sala de aula.

Ressaltamos o caráter oportuno à realização desta pesquisa que é o de desmistificar que o LD precisa tratar, essencialmente, de atividades relativas apenas à variedade padrão da língua, uma vez que os interlocutores, tanto o professor, quanto o aluno, se servem desse suporte como instrumento na interação com “a língua na real”. Propomos, ainda, com esta pesquisa, contribuir e enaltecer os aspectos relevantes do ensino da variação linguística no LD para um melhor desempenho na aprendizagem da Língua Portuguesa por meio de adaptações didáticas, ou seja, inserir exemplos de atividades que envolvam a VL, cujos contextos correspondam à realidade social e escolar dos alunos do Ensino Fundamental Anos Finais, pautando-se em usos concretos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A busca por novos caminhos, à luz da Sociolinguística, sobretudo, a educacional, para um ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa mais efetivos, foi a motivação para o desenvolvimento dessa pesquisa. Partimos da averiguação de um dos materiais didáticos mais utilizados dentro das escolas brasileiras, o Livro Didático. Entretanto, para que o estudo sobre a variação linguística em livros didáticos fosse devidamente embasado em conceitos teóricos consolidados pela ciência, alguns estudiosos e um percurso de aprendizagem foi traçado para fundamentar as concepções aqui idealizadas. Nesta seção, apresentamos os pressupostos teóricos norteadores de nossa pesquisa.

2.1 A variação linguística e o ensino de língua portuguesa

Ao mencionarmos variação da língua, indubitavelmente, não podemos nos esquecer de William Labov que, por meio de suas pesquisas linguísticas, desenvolveu a teoria da variação e mudança no contexto social das comunidades de fala. Seus estudos abriram um “leque” de eventos para explicar a ocorrência da variação linguística e os fatores que justificam esse fenômeno. No entanto, todas suas concepções sobre a língua só se postularam depois de muitos estudos, inclusive, após a atribuição do estatuto científico da linguística ser incumbida ao suíço Ferdinand de Saussure⁴, no início do século XX, que com o Curso de linguística geral, Saussure instaura a linguística moderna, delimitando e definindo seu objeto de estudo, estabelecendo suas concepções gerais e seu critério de abordagem. Saussure é a referência da corrente linguística chamada de estruturalismo. Para Saussure, a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma, Coelho (2010, p.13).

Com uma visão divergente da de Saussure, William Labov postulando que há uma estreita relação entre língua e sociedade e que existe a variação e mudança, pleiteia sua proposta discorrendo sobre a Sociolinguística que, para ele, em seu livro Padrões Sociolinguísticos, é um

⁴ Ferdinand de Saussure - Professor de Línguas Indo-Européias e Sânscrito em Genebra desde 1891. Estabeleceu as bases do estruturalismo linguístico (Curso de Lingüística Geral, publicado postumamente em 1916). Saussure diferenciava o sistema da linguagem ou "língua", articulado numa série de leis gerais, da utilização individual e concreta ou "fala". Estabeleceu ainda a distinção entre métodos de investigação sincrônicos, que estudam a língua num determinado ponto de sua evolução, e diacrônicos, que a analisam no decurso da história. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/ferdinand-de-saussure.htm>. Acesso em: 17 de janeiro de 2023. Ferdinand de Saussure, linguista e filólogo suíço. Considerado o fundador da linguística estrutural, os principais trabalhos de Saussure são nas áreas de linguística histórica, especificamente nos estudos do indo-europeu. Entre suas principais contribuições, destacam-se sua teoria do signo e os princípios da linguística, da semiologia e da semiótica modernas. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/41519> Acesso em 06 de fevereiro de 2023.

termo mais para a sociologia da linguagem. O autor enfatiza que esta envolve fatores sociais de uma forma bem abrangente, o que compreende a relação de interação entre línguas e dialetos. Labov (2008 [1972], p. 216) comenta, ainda, que “a sociolinguística é uma aproximação do que Hymes (1962)⁵ chama de etnografia da fala” e, por isso, destaca:

Há muito o que fazer na descrição e na análise dos padrões de uso de línguas e dialetos dentro de uma cultura específica: as formas de “eventos de fala”; as regras para a seleção adequada dos falantes; as inter-relações entre falante, ouvinte, público, tópico, canal e contexto; e os modos como os falantes se valem dos recursos de sua língua para desempenhar certas funções. (LABOV, 2008 [1972], p. 216)

Entendemos que, se a língua serve para desempenhar funções em diferentes contextos de inter-relação de locutores, ela é um fenômeno estritamente social, e por tão relevante comprovação se explica nos estudos da sociolinguística, posto ser significativo explorá-la em suportes didáticos para o ensino da língua nas escolas.

A Sociolinguística se detém na estreita relação entre língua e sociedade, no estudo da estrutura e da evolução (mudança) da linguagem em seu contexto social de uso. Temos, por certo, que as mudanças da língua são observadas, de acordo com as mudanças sociais e a sociolinguística, teoricamente, vem tentando desvendar os processos que entrelaçam linguagem e sociedade. Para Borin (2010, p.11), “a Sociolinguística é uma área da linguística que estudará a língua através de fatores externos, os quais caracterizarão a diversidade e a heterogeneidade linguística.”

Para maiores elucidações desses pressupostos, de como a Sociolinguística é explícita em nosso entorno e que engloba diferentes fatores, Tarallo (1986) já enfatizava que, em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação e que a essas formas em variação dá-se o nome de variantes. Para Mollica e Braga (2021, p.10), “a variação linguística constitui fenômeno universal e se pressupõe a existência de formas linguísticas denominadas variantes”.

Diante disso, é possível dizer que a Variação Linguística, doravante VL, sempre existirá e, diante dos fatos, nunca esse evento linguístico de comunicação será estático, inerte à mudança, pois se define com a ocorrência do que chamamos de variantes linguísticas, isto é, os diversos eventos alternativos de comunicação que compreendem o alcance do fenômeno variável (o conjunto de variantes), consideradas por Bagno (2008, p. 50) como cada uma das

⁵ HYMES, Dell. The Ethnography of Speaking. In T. Gladwin & W. C. Sturtevant (Eds.), *Anthropology and Human Behavior*, 1962. Em LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008[1972], p. 216.

realizações possíveis de uma variável e que, segundo Tarallo (1986, p. 8), são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto. Além disso, Mollica e Braga esclarecem:

As variantes podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período curto de tempo ou até por séculos, ou podem sofrer mudança, quando uma das formas desaparece. Neste caso, as formas substituem outras que deixam de ser usadas, momento em que se configura um fenômeno de mudança em progresso. Cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. (MOLLICA; BRAGA, p.11)

Vejamus um exemplo: no caso das palavras bassoura e vassoura, temos duas variantes, ou seja, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes de se dizer a mesma coisa referindo-se ao mesmo objeto, pois vassoura, segundo o dicionário Aurélio, é um utensílio usado para varrer o lixo dos pavimentos, no entanto, a palavra “bassoura”, alguns dicionários registram com o mesmo sentido, porém, destacando como uma informalidade ou variante popular. O termo bassoura, bastante usual em algumas regiões do Brasil, tem o mesmo significado de vassoura, alternância prevista no sistema linguístico, portanto, variantes.

A título de ilustração, ainda, temos a variação do pronome de tratamento “você”, considerando que vem de um contexto de uso bem antigo, segundo Faraco (2017, p.118), uma das mais antigas formas era “Vossa Mercê”, cujo primeiro registro escrito é o texto das Cortes de 1331, sendo um pronome de tratamento que, primeiro, serviu para dirigir-se ao rei, depois aos aristocratas⁶, depois aos nobres mais importantes e pela constante alteração de seu valor social, resultante de sua expansão, tornou-se comum entre todas as classes sociais. Faraco (2017) explica:

A evolução dessa forma depois da ampla expansão social de seu uso se deu em duas direções, provavelmente conectadas a diferentes variantes socioestilísticas. De um lado, ela manteve sua integridade formal e seu valor como uma forma de tratamento relativamente respeitosa num estilo cuidado entre a pequena burguesia urbana, mas foi arcaizando-se durante os séculos XVII e XVIII, ao mesmo tempo em que sua rival abreviada (você) estava se tornando dominante. De outro lado, a forma foi afetada por um rápido processo de simplificação fonética tornando-se os pronomes você/vocês de uso corrente hoje, em especial no português brasileiro, no tratamento da segunda pessoa do discurso (FARACO, 2017, p.120).

⁶ Aristocratas - pessoas distintas do restante da sociedade. Esta distinção se daria através da linhagem, da riqueza e da herança. Por isso recebem o nome de "aristos", os melhores indivíduos de uma sociedade ou no caso grego, cidades-Estado. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/aristocracia/>. Acesso em: 08 de fev. 2023. A palavra aristocracia é derivada dos termos gregos *kratos*, que significa "domínio", e *áristoi*, que quer dizer "aqueles que se destacam", portanto pode ser definida como “o governo dos melhores”. Postado por Elson Barbosa em 16/04/2019 e atualizado pela última vez em 20/07/2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/aristocracia>.

Neste sentido, percebemos que pelo contexto linguístico, “vossa Mercê” cedeu lugar ao atual uso de “você”, segundo Mollica e Braga (2021), houve uma mutabilidade, configurando-se em um fenômeno de mudança, isto é, uma das formas não se usa mais, em cuja competição linguística a vencedora foi a menor forma, ou seja, a que exige menor esforço cognitivo.

Sendo assim, a Sociolinguística defende que diferentes fatores, principalmente as variáveis entrelaçadas nas comunidades de fala, caracterizam a variação linguística, seja ela sincrônica ou diacronicamente⁷, portanto, a língua não é um sistema homogêneo, ela é dinâmica e varia de acordo com diferentes condicionamentos linguísticos e extralinguísticos.

Diante disso, tendo em vista o olhar aguçado da Sociolinguística para o desenvolvimento da linguagem humana, acreditamos ser possível criar uma proposta didática e metodológica capaz de ampliar, em sala de aula, o conhecimento e o uso da Língua Portuguesa, haja vista trazer um modelo que leve em conta a grande importância atribuída aos diversos contextos sociais e interativos, típicos das situações formais e informais em que o indivíduo se insere.

O trabalho com a Sociolinguística, em sala de aula, pode contribuir para reduzir os preconceitos no uso da língua que, infelizmente, mesmo com tantas evidências acerca da pluralidade linguística, ainda assim existe discriminação vivenciada por cidadãos que pertencem a camadas de menor prestígio socioeconômico e cuja linguagem é, muitas vezes, considerada inferior em relação à cultura dos letrados. Em prefácio escrito por Bagno (2004) para a obra de Bortoni-Ricardo (2020, p.7), o autor nos convida a refletir:

Como possibilitar a esses brasileiros o acesso à cultura letrada e, com isso, a chance de lutar pela cidadania com os mesmos instrumentos disponíveis para os falantes já pertencentes às camadas sociais privilegiadas? Como fazer para que a escola – fonte primordial do letramento na nossa sociedade – deixe de ser uma agência reprodutora de agudas desigualdades sociais e dos perversos preconceitos que elas suscitam? Como levar os professores, sobretudo do ensino fundamental e, mais ainda das séries iniciais, a deixar de acreditar em algo que não existe (o “erro de português”) para, no lugar dessa superstição infundada, passar a observar os fenômenos de variação e mudança de modo mais consistente e cientificamente embasado? (BAGNO, 2004)⁸

⁷ Linguística sincrônica e Linguística diacrônica. É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo quanto diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado da língua e uma fase de evolução. (SAUSSURE, 2006, p. 96)

⁸ Marcos Bagno (2004) no prefácio da obra de Bortoni-Ricardo, S. M. Educação em língua materna [recurso eletrônico]: a sociolinguística na sala de aula. 1.ed. - São Paulo: Parábola, 2020, p. 7.

O autor nos traz questionamentos sobre o trabalho que ainda precisa ser feito em sala de aula para o ensino da Língua Portuguesa relacionado à VL, em que as classes menos privilegiadas deixem de ser encaixes, quanto à visão de que, os que não dominam a norma padrão é que devem procurar se adequar ao que alguns insistem em defender, que a existência de uma variedade da língua monopolizada pelas classes socioeconômicas de maior prestígio. No entanto, é preciso que a sociolinguística deixe de ser preterida dentro das escolas e, sobretudo, nos conteúdos linguísticos abordados em livros didáticos, material de maior uso nas salas de aulas brasileiras para o ensino da língua.

Pela visão social da língua, Bagno enfatiza ser preciso uma “reeducação sociolinguística”, sobretudo nas salas de aulas, no sentido de que os cidadãos possam, na complexidade da dinâmica social, respeitar as diferenças sociais existentes entre as pessoas e, por consequência, a diferença de valores empregados a cada situação comunicativa por meio da linguagem, segundo o autor (2007, p. 82). Apresenta, ainda, que a noção de “erro” foi desencadeada no mundo ocidental, nos grandes impérios, face às primeiras obras gramaticais desenvolvidas pelos filólogos da época para que assim, com essa escrita sistemática, se sobressaíssem sobre as outras culturas. Em seu livro, “Nada da língua é por acaso”, Bagno (2007) sinaliza:

Desprezo pela língua falada e supervalorização da língua escrita literária; depreciação de variedades não urbanas, não letradas, usadas por falantes excluídos das camadas sociais de prestígio (exclusão que atingia todas as mulheres); criação de um modelo idealizado de língua, distante da fala real contemporânea, baseado em opções já obsoletas (extraídas da literatura do passado) e transmitido apenas a um grupo restrito de falantes, os que tinham acesso à escolarização formal. Em consequência disso, passa a ser vista como erro todo e qualquer uso que escape desse modelo idealizado, toda e qualquer opção que esteja distante da linguagem literária consagrada; toda pronúncia, todo vocabulário e toda sintaxe que revelam a origem social desprestigiada do falante; tudo o que não conste dos usos das classes sociais letradas urbanas com acesso à escolarização formal e à cultura legitimada. (BAGNO, 2007, p. 69)

Neste sentido, Bagno (2007) considera que a maioria dos falantes de uma língua foge dos padrões linguísticos da norma-padrão, uma vez que principalmente na fala, os falantes de uma língua exercem sua linguagem por padrões culturais e sociais de uma comunidade e não por mera obediência prescritiva. Levando isso para o contexto escolar, é preciso conscientizar o aluno da existência dos mais variados usos da língua e que as imposições sociais e a noção de erro não se sobrepõem ao “manifestar linguístico” do falante. Quanto aos recursos didáticos, eles deveriam explorar mais este fenômeno como objeto de ensino, tendo em vista as multifacetadas variedades da língua, bem como os seus valores.

No que concerne à sociologia da linguagem e às suas variedades da língua, se há muito tempo originou-se a noção do domínio não culto, condição designada ainda por “erro”, e que se faz por muitas pessoas, a considerar uma norma padrão a ser seguida, Faraco (2008) enfatiza sobre a norma e a língua:

Conceito de norma, nos estudos linguísticos, surgiu da necessidade de estipular um nível teórico capaz de captar, pelo menos em parte, a heterogeneidade constitutiva da língua. (...) os estudos científicos da linguagem verbal têm mostrado, nenhuma língua é uma realidade unitária e homogênea. Só o é, de fato, nas representações imaginárias de uma cultura e nas concepções políticas de uma sociedade. (FARACO, 2008, p. 31)

Portanto, se os estudos científicos apontam que a língua não é uma ‘realidade unitária e homogênea’, por que para o ensino da Língua Portuguesa a norma-padrão, ou seja, uma variedade da língua embasada em regras e decodificação que prevalece em detrimento das outras variedades, se uma língua é o espelho do povo que a fala, segundo Maurer Jr (1967, p. 28). Entendemos ainda como outras variedades, estas que não seguem regras petrificadas e que, para a sociolinguística, variam de acordo com as comunidades de fala. Por sua vez, Faraco (2008), direcionando ao português ensinado no Brasil, quanto a definir ou não uma norma padrão face às relativas variedades cultas e comuns no país, considera que não há risco algum a essas variedades, visto que as circunstâncias da grande urbanização brasileira, novas formas de interação, os meios de comunicação ao dispor da população e à ampliação da escolaridade favorecem ainda mais estas variedades e enaltecem a sua amplitude social.

O autor defende uma pedagogia da variação linguística, haja vista os linguistas não serem contrários ao ensino das variedades cultas, pois as situam adequadamente no contexto das práticas socioculturais da escrita, uma vez que se trata de uma pedagogia centrada no letramento amplo e não apenas em formas linguísticas (FARACO, 2008, p. 170). Posto isso, o LD deve ser um coadjuvante/aliado na promoção da discussão em torno da heterogeneidade da língua nas aulas de Língua de Portuguesa, já que é um recurso didático significativo da educação nas escolas brasileiras, cujo objetivo deveria ser o de servir aos falantes na valorização da própria língua e de seu uso real.

Dessa maneira, muitos autores se dispuseram a estudar e fornecer reflexões sobre a língua, já que corroboram com os estudos sociolinguísticos a exemplo da conscientização da variação linguística. Bortoni-Ricardo (2020) relembra quais são os três ambientes onde uma criança começa a desenvolver o seu processo de sociabilização: a família, os amigos e a escola,

os chamados pela tradição sociológica, de “domínios sociais”⁹. De fato, ambientes onde iniciam e circulam a relação de comunicação mais espontânea em que se usufrui de sua língua materna em comunidade. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2020, p. 23) salienta que “a transição do domínio do lar para o domínio da escola é também uma transição de uma cultura predominantemente oral para uma cultura permeada pela escrita, que vamos chamar de cultura de letramento”. Isso quer dizer que as escolas são um ambiente de “cultura letrada”, tornando-se responsáveis por instruir os estudantes, cuja proposta de ensino permeie as mais variadas culturas linguísticas, a fim de levá-los a conhecer o instrumento de comunicação mais autêntico e eficaz de um povo: a língua.

Bagno refere-se às disputas do mercado linguístico, “diferença é deficiência”, ressaltando que cabe à escola levar os alunos a se apoderar das regras linguísticas que gozam de prestígio, bem como enriquecer o seu repertório linguístico, de modo a lhes permitir o acesso a maior gama possível de recursos para que possam adquirir uma competência comunicativa cada vez mais ampla e diversificada sem que nada disso implique na desvalorização de sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade. (BAGNO, 2020)¹⁰

À luz dessas discussões que envolvem a Sociolinguística Educacional, desenvolvemos uma pedagogia baseada em processos educativos sociolinguísticos que reflitam a heterogeneidade da língua, a partir das reflexões das salas de aulas para o ensino da Língua Portuguesa.

2.2 As orientações sobre o ensino da variação linguística no ensino de LM

Para efeitos de organização, alinhamento e ordenação da Educação Básica, os documentos oficiais são orientações norteadoras para o ensino. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, doravante LDB, no artigo 22, dispõe que a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe os meios para progredir no trabalho e nos estudos, e isso não seria possível senão por meio da linguagem, ferramenta fundamental para o desenvolvimento

⁹ Domínio social - espaço físico onde pessoas interagem assumindo certos papéis sociais, sendo um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. [...] são construídos no próprio processo de interação humana. BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna [recurso eletrônico]: a sociolinguística na sala de aula. 1.ed. - São Paulo: Parábola, 2020, p. 23.

¹⁰ Marcos Bagno (2020) no prefácio da obra de Bortoni-Ricardo, S. M. Educação em língua materna [recurso eletrônico]: a sociolinguística na sala de aula. 1.ed- São Paulo: Parábola, 2020, p. 8.

humano. No entanto, as exigências sociais para o domínio de uma língua padrão ou que digamos, a variedade, que por classes de mais prestígio, é absoluta, faz com que seja expressa em lei, cujas orientações norteiam para a valorização das características e diversidades regionais, culturais e, sobretudo, econômicas dos estudantes. Dá-se a entender que a base comum para a escola é o respeito às diversidades sociais e, logicamente, estendemos as diversidades linguísticas nos currículos escolares brasileiros, no que destacamos a seguir:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (LDB, 1996 [2013])

Neste artigo, a educação para ‘o exercício da cidadania’ deve ofertar meios de progresso nos âmbitos de trabalho e estudos, considerando as características regionais e locais da sociedade e dos educandos. Ora, se a língua é uma prática social, a LDB regulamenta a educação brasileira, inclusive quanto às características sociais de um povo, por que não levar à sala de aula e explorar o fenômeno das variações linguísticas e, sobretudo, inserir este conteúdo no livro didático, o principal suporte do professor e aluno nas escolas? Para responder a esta questão, seria pertinente analisar se os professores, nas escolas brasileiras, em suas propostas didáticas para o ensino de Língua Portuguesa implementam o estudo da heterogeneidade linguística voltada à cultura de um povo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCN (1998), referência curricular que promove a instrução de uma educação voltada à cidadania, a organização educacional para o ensino fundamental, a garantia ao respeito às diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas. Consolida, ainda, uma proposta flexível, justamente para que sua efetivação sobre os currículos seja considerada mediante as decisões regionais e/ou locais, as realidades educacionais, as manifestações sociais e a língua de seu povo, orientando assim:

...que a escola organize o ensino de modo que o aluno possa desenvolver seus conhecimentos discursivos e linguísticos, sabendo: a) ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais; b) expressar-se apropriadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato; c) refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua. (PCN,1998, p. 60)

No ensino fundamental, os PCN (1998) não se caracterizam de modo homogêneo e nem em imposição de suas contribuições desconsiderando a competência dos governos

estaduais e municipais e ainda da diversidade política e cultural das múltiplas regiões do país ou a autonomia de professores e equipes pedagógicas (PCN, 1998, p. 50), muito pelo contrário, a contribuição, portanto, destes parâmetros, seria, de fato, organizar um currículo em uma base comum que contemple o contexto das variantes linguísticas, porém sem enrijecer suas orientações a respeito das diversidades sociais. Assim sendo, os PCN (1998) direcionam suas metas para que os educandos, no desenvolvimento de sua linguagem, concebam o conhecimento e sua autoconfiança em função de suas capacidades, bem como perseverar no exercício da cidadania. Quanto à escola no que se refere à variação linguística na prática pedagógica do ensino de Língua portuguesa, os PCN (1998) propõem:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa – dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (PCN, 1998, p.31)

Os PCN (1998) preconizam para o ensino da Língua Portuguesa que o aluno utilize a língua de acordo com os seus propósitos comunicativos e que aprenda a refletir sobre os fenômenos linguísticos dos diferentes contextos de uso da língua, suas variedades, bem como as consequências advindas desta escolha que culminam no que conhecemos como os preconceitos linguísticos. Por outro lado, o ensino de português, nas escolas, ainda está atrelado à orientação normativo-prescritiva, alargando a diferença existente entre a língua escrita formal e a língua oral utilizada em nossas interações comunicativas diárias, conforme Tavares e Cunha (2007, p.13).

Se os PCN (1998) sinalizam e instruem uma educação voltada ao exercício pleno da cidadania, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) surge para lapidar essas orientações, porém em caráter bem contemporâneo que, em comum com os demais documentos oficiais para a educação (LDB, PCN...), corroboram para uma visão mais atual das possibilidades estudantis. As propostas para uma educação nivelada, realmente, desmistificam toda e qualquer forma de opressão a um aprendiz no sentido de que seu contexto social e escolar poderia excluí-lo.

Este documento, que também é intitulado norteador para a educação brasileira, propõe assegurar aprendizagens essenciais por meio de dez competências gerais a serem desenvolvidas pelos estudantes. Competência é definida como a mobilização de conhecimentos

(conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BNCC, 2018, p.8)

Sem se sobrepor aos documentos oficiais já citados, a BNCC (2018) objetiva estimular o ensino de valores, contribuindo para a transformação da ação humana e promover, conseqüentemente, uma sociedade mais justa e também voltada à preservação do meio ambiente. Com tão ampla finalidade, embora não se detenha diretamente na valorização das variedades da língua, reconhece a escola como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, e que deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades (BNCC, 2018, p.14). Norteia a valorização do educando e de suas diversidades, uma vez que reconhece a língua como ação social e cultural de um povo nos processos educativos de desenvolvimento da criança, do jovem e do adulto.

Para o ensino fundamental, a BNCC (2018) orienta trabalhar em um conjunto de habilidades, cujos conteúdos, conceitos e processos são organizados em unidades temáticas, em que tal abordagem objetiva o desenvolvimento das competências específicas de cada componente curricular. Na área das linguagens, o documento norteador sinaliza trabalhar com os estudantes as especificidades de cada linguagem, de maneira a não perderem a visão geral do meio em que estão inseridos. Por isso, é relevante compreender que as linguagens são dinâmicas, e que todos participam desse processo de constante transformação (BNCC, 2018, p.63).

Considerando esses pressupostos e tomando como foco a língua, deve-se considerar que ela varia, e mais que isso, está em constante mudança. A linguagem é uma construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, que deve ser reconhecida e valorizada como forma de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais. Em outras palavras, as linguagens evoluem, mudam e isso precisa ser compreendido.

Para o ensino de Língua Portuguesa, a BNCC (2018), igualmente, se ampara nos PCN (1998) em uma perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem enfatizando, então, que se deve proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, escrita e por outras linguagens (BNCC, 2018, p. 67), posto que:

... procura contemplar a cultura digital, diferentes linguagens e diferentes letramentos, (...). (...) imbricada à questão dos multiletramentos, essa proposta considera, como uma de suas premissas, a diversidade cultural. (...) em relação à diversidade cultural, cabe dizer que se estima que mais de 250 línguas são faladas no país – indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural e linguístico é desconhecido por grande parte da população brasileira. (BNCC, 2018, p.70)

Neste sentido, esta premissa norteadora revela que, na ascensão do ensino contemporâneo, tenhamos um olhar para essa diversidade linguístico-cultural. O ensino das variações linguísticas, portanto, faz-se totalmente necessário, já que a língua é dinâmica, criativa, produtiva, maleável, heterogênea e que deve atender às necessidades comunicativas de seus falantes. Ainda conforme a BNCC (2018), os conhecimentos sobre as diferentes linguagens, inclusive da norma-padrão, devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades, ampliando as possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas.

Partindo desse enfoque, em mais um pressuposto da BNCC (2018) para as linguagens, observamos que cada vez mais os documentos oficiais brasileiros pactuam com o que William Labov (1972) já estudava em suas pesquisas em relação à estrutura e às constantes evoluções por que passa a língua, visto que os falantes nativos de uma língua normalmente têm pouca consciência ou nenhuma de que sua língua está mudando, por isso a necessidade de levar à sala de aula um estudo aprofundado sobre a dinâmica desse processo linguístico e como se apresenta, ou seja, quais são suas facetas.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), criado a partir da Resolução nº 42 de 28 de agosto de 2012, dispõe sobre a educação básica, cujas necessidades são consideradas essenciais como: ser um direito de todos e um dever do Estado, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa para o exercício da cidadania, bem como sua qualificação para o mercado de trabalho; a igualdade de condições para o acesso e a permanência dos alunos na escola; a importância da participação dos docentes no processo de escolha dos livros, pois assegura às escolas públicas de ensino fundamental e médio a aquisição dos livros didáticos.

Neste sentido, percebemos uma visão mais compreensiva da adequação do material didático às ‘diversidades sociais e culturais que caracterizam a população e a sociedade brasileira’, haja vista sempre haver a necessidade de se “moldar” os materiais didáticos às realidades sociais de cada comunidade escolar. Considerando o corpo docente conhecer a realidade de seus alunos, a participação não só na escolha do livro didático, mas na elaboração do material seria fundamental para a inserção desta realidade linguística, de modo a considerar a variedade da língua em contraponto, por exemplo, à norma-padrão.

Diante de muitos questionamentos inerentes ao assunto, resta-nos avaliar qual a contribuição dos livros didáticos ao ensino da variedade da língua. Não podemos rechaçar o trabalho dos LD, mas podemos dar nossa contribuição enquanto usuários do material didático elaborado, aprovado pelo MEC e disponibilizado para uso. Na condição, também, de abrir os horizontes para uma nova versão dos LD, como forma de evoluírem juntamente à língua e a partir de contextos diversos de inter-relação, podem ser desenvolvidas a autonomia e a competência necessárias na abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora (BNCC, 2018, p.19).

2.3 Categorização de variação linguística

Diversos autores têm debatido, nas últimas décadas, sobre a Sociolinguística. Esse estudo, como já mencionado anteriormente, busca compreender a relação entre língua (gem) e sociedade, bem como as suas variações linguísticas, ou seja, dos fatores que estão envolvidos nas transformações constantes da língua. Nesse ínterim, estudamos a língua portuguesa em suas normas e se o falante faz uso adequado da língua. Três fatores contribuíram para tal: uma tentativa de fortalecer um nacionalismo; um olhar limitado do fenômeno linguístico, que apenas consegue dar importância à norma culta; e talvez uma insensibilidade para as variações, tendo em vista que os falantes “se adaptam naturalmente a diferentes contextos de fala” (ILARI; BASSO, 2006, p. 151). No entanto, devido ao tão impulsionado estudo sobre a diversidade linguística, definir a língua como estática tornou-se definitivamente um “mito”.

Entretanto, sabendo-se que a língua é variável, Coelho (2007) assinala que essa variação pode ocorrer em todos os níveis da fala e pode ser influenciada por diversos fatores, seja linguístico ou extralinguístico, como momento histórico, origem geográfica, classe socioeconômica, escolaridade, gênero etc, considerando a sociolinguística como um evento natural, uma característica fundamental das línguas, assim como Bagno (2007, p. 39) que considera a variação ocorrer em todos os níveis da língua: variação fonético-fonológica (diferentes pronúncias de palavras dependendo da origem regional do falante); variação morfológica (diferentes formas ou configurações de palavras com o mesmo significado); variação sintática (diferentes organizações de frases que podem compor o mesmo sentido); variação semântica (diferentes significados de uma mesma palavra a depender da origem regional do falante); variedade lexical (diferentes palavras que significam a mesma coisa);

variação estilístico-pragmática (diferentes vocabulários ou enunciados marcados pelo grau de maior ou menor formalidade do ambiente em que ocorre a interação).

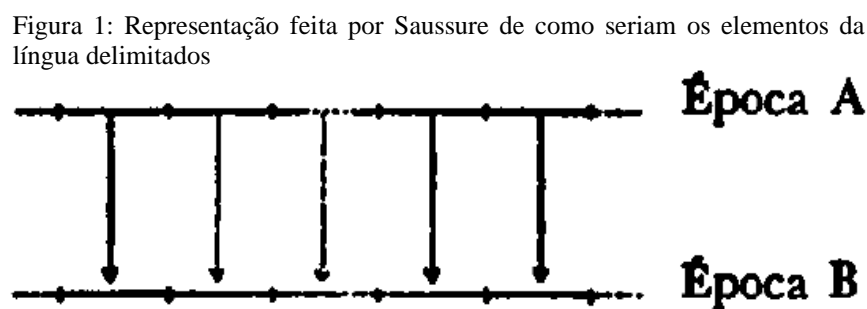
Ilari e Basso (2006, p.152) afirmam que os estudiosos categorizam as variações da seguinte forma: Variação diacrônica; Variação diatópica; Variação diastrática e Variação diamésica. Coelho (2007) traz mais um tipo, chamada de variação diafásica. No entanto, Borin (2010) afirma que as variedades linguísticas são, de certa forma, subordinadas a dois amplos campos: variedades diatópicas e variedades diastráticas, conforme verificamos:

Variação Diatópica ou Geográfica – relaciona-se a diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas, ou seja, são as responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos ou falares locais. As variedades geográficas também conduzem à oposição entre linguagem urbana e linguagem rural. Variação Diastrática ou Social – relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Classe social, idade, sexo e situação ou contexto social são fatores que estão relacionados às variações de natureza social. (BORIN, 2010, p. 13)

Dessa forma, consideravelmente, elucidamos que a língua se compõe de variações e que este é o ponto de partida para as pesquisas sociolinguísticas. Por conseguinte, para mais considerações sobre as categorizações da variação linguística, apresentamos algumas de suas definições nas subseções seguintes.

2.3.1 Variação diacrônica (histórica)

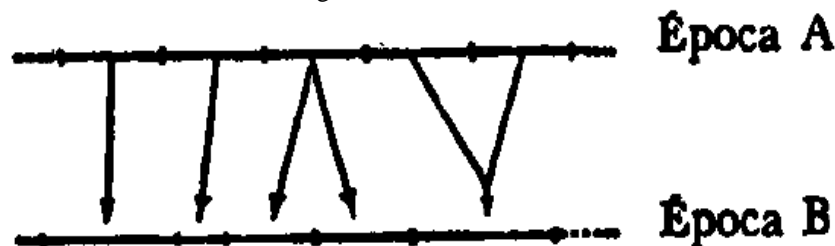
Saussure (2006 [1857-1913], p. 209), em seu estudo, declara que a língua perpassa uma unidade sincrônica e assegura existir o fenômeno da diacronia, afirmando que “não existe elementos delimitados de uma vez para sempre”, no que exemplifica por meio de gráficos a diferença desses elementos:



Fonte: Livro Curso de linguística geral/ Saussure (2006[1857-1913]).

Declara que, “ao contrário, de um momento a outro, eles se distribuem de forma diversa, em virtude de sucessos dos quais a língua é o teatro, pelo que responderiam melhor à figura”:

Figura 2: Representação feita por Saussure de como são os elementos com o fenômeno da diacronia da língua



Fonte: Livro Curso de linguística geral/ Saussure (2006[1857-1913]).

O linguista destaca o processo evolutivo da língua e conclui sobre a representação do último gráfico: “Isso resulta de tudo quanto dissemos a propósito das consequências da evolução fonética, da analogia, da aglutinação etc.” (SAUSSURE, p.209). O autor afirma que, “somente a solução do problema da unidade diacrônica nos permitirá ultrapassar as aparências do fenômeno de evolução e atingir-lhe a essência” (SAUSSURE, p. 211). Essas declarações revelam o grau de observância da variação histórica, no que os estudos linguísticos asseguram a existência da diacronia da língua e, sobretudo, da variação.

Dubois¹¹(1988, p.609), quanto à variação diacrônica, chama o fenômeno no qual, na prática corrente, uma língua determinada não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, em outro lugar e em outro grupo social, assim como para Bagno (2007, p. 47) que explica o termo “diacronia” vir de “Diá-” e *khrónos* significar “tempo” e vir do grego, haja vista que a variação verificada na comparação entre momentos históricos de uma língua se transforma de tempos em tempos, seja entre gerações ou séculos, no que tal estudo é de grande relevância.

Diante desses estudos, a variação diacrônica é um processo de evolução ou mudança de termos (fala/escrita) da língua. Dessa maneira, considerando que os falantes (mesmo sem perceber) buscam novas formas de se comunicar de maneira mais eficiente, a língua sempre estará em transformação.

¹¹ Jean-Paul Dubois - Escritor, ensaísta e jornalista francês, nascido em 1950, em Toulouse, cidade onde sempre viveu. Surgiu no panorama literário francês em 1984 e em 2004 conquistou o Prémio Femina com *Une Vie Française* (Uma Vida Francesa), um dos mais importantes galardões literários do seu país. Porto Editora – Jean-Paul Dubois na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-05-31 23:10:28]. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$jean-paul-dubois](https://www.infopedia.pt/$jean-paul-dubois)

2.3.2 Variação diatópica (regional ou geográfica)

O termo “diatópica” vem do grego *diá* (através de) e de *tópos* (lugar), em que se percebe a comparação entre os jeitos de falar de diferentes localidades, seja entre estados, zona rural ou urbana e áreas demarcadas socialmente mesmo na mesma cidade (BAGNO, 2007, p. 46).

Alguns estudiosos ainda a denominam como regional, geográfica ou geolinguística, pois é a variação linguística presente nas diversas regiões em que uma língua é falada. Segundo Coelho (2007), essa categoria pode ser vista dentro de um mesmo país de diferentes formas e, a título ilustração para o Brasil, vejamos dois destes:

1. A pronúncia das palavras: esse fenômeno pode ser percebido como o sotaque de cada região do país.

Sobre isso, Coelho (2007) exemplifica que há lugares no Brasil em que os dialetos variam, por exemplo, a vogal [o] “quando átona e em posição pretônica (como em novela, corrente, nojento) é pronunciada aberta [ó], enquanto em outras, é pronunciada fechada [ô]”, por exemplo... A autora ainda cita outro exemplo onde se pode notar a diferença entre a pronúncia do [t] e do [d], principalmente quando seguidos de [i], que em alguns lugares do país se fala [tchia] e [djia] e em outros [tia] e [dia], assim como a pronúncia do [r] nas palavras, que são algumas da variabilidade regional no Brasil (COELHO, 2007).

2. As diferenças no léxico: o uso de diferentes vocabulários (dizeres ou palavras) que significam a mesma coisa.

Alguns exemplos citados pela autora: “mexerica”, “bergamota” ou “tangerina”, a depender da região do país; alternância entre “tu” ou “você”; vários dicionários regionais como o “Baianês”, da Bahia; o “Papachibé”, do Pará; o “da Ilha”, de Santa Catarina. Mas, ainda de acordo com a autora, também há fatores de ordem morfosintática como o uso ou supressão dos artigos definidos “Entrei na casa de mãinha/de minha mãe/da minha mãe” ou no uso de tu e você, como pronomes de segunda pessoa, entre muitos outros (COELHO, 2007). A autora salienta que a maior parte dos exemplos de variabilidade diatópica no português brasileiro vem do léxico.

Como depreendemos, a identificação dessa variedade é feita por meio das diferenças lexicais, ou seja, pela distinção das escolhas do vocabulário na manifestação do uso, por isso pode ser chamada de regional ou geográfica, já que está sempre relacionada aos traços linguísticos do território ou comunidade de fala a que pertence um indivíduo.

2.3.3 Variação diastrática (social)

Para Bagno (2007, p.46), o termo vem do grego “*diá*” (através) e do “*stratum*” (camada, estrato), ou seja, por meio do *status* social do falante esse tipo de variação é visto na comparação entre os jeitos de falar das diversas classes sociais. Acrescentando a essa informação, Borin (2010, p.14) explica que, classe social, idade, sexo e situação ou contexto social são fatores que estão relacionados às variações de natureza social, pois são influenciáveis tanto pela organização sociocultural da comunidade de fala quanto pela identidade dos falantes.

A autora acrescenta o ambiente de sala de aula como propício para discutir a variação linguística no que “na fala entre colegas e mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal” (BORIN, 2010, p. 14). Nesse sentido, compreendemos que existe uma caracterização da linguagem de ambos os interlocutores na situação de uso, por exemplo, a da professora se diverge por fatores como o de idade, posição e responsabilidade social etc., a do aluno por fatores como, grupo social, idade, escolaridade etc.

Coelho (2007) define essa variedade como “a distinção constatada entre as diferentes esferas da população, podem-se observar no contexto social, cultural, nível de escolaridade e local de origem (rural e urbano)”. A autora traz como exemplo as formas de tratamento (dona, madame, senhora) muito utilizadas pelos cariocas, que mesmo sendo da mesma forma semântica, são empregados de forma diferente de acordo com a classe social de quem pronuncia.

No português brasileiro, Castilho (1985, p. 248- 250) apresenta alguns exemplos de como a variação diastrática se manifesta:

- Na fonética, a queda da vogal átona postônica, acompanhada ou não da perda de outros elementos fonéticos da palavra: *cosca* (por *cócega*) *abobra* (por *abóbora*), *arve* (por *árvore*), *oclos* (por *óculos*), *lampa* (por *lâmpada*), *figo* (por *fígado*);
- Na morfologia, a anteposição do advérbio de comparação a adjetivos que já são comparativos: *mais mió* em vez de *melhor*;
- Na sintaxe, a generalização do reflexivo *se* para as primeiras e segundas pessoas: “*eu se esqueci*”, “*faz tempo que nós não se falemo mais*”, “*eu esqueci*”. (CASTILHO, 1999, p. 248-250).

Em conformidade com os exemplos citados, Ilari e Basso (2006, p. 176) declaram ser importante observar as formas de construção do português fazendo parte de uma variedade

da língua que tem uma gramática própria, e que permite uma comunicação muito eficaz. Posto isso, entendemos que a variação diastrática é a mudança no sistema linguístico, observada entre os diferentes grupos de falantes da população, dos quais percebemos até mesmo em nossa linguagem do dia a dia.

Ainda como entrelaces dessa variação, existem os socioletos, estes se caracterizam por diferentes dialetos sociais, cujas variantes decorrem exatamente de fatores sociolinguísticos, ou seja, se compõem de traços linguísticos caracterizadores e identificadores de um grupo de falantes. Assim, a variação diastrática ou social pode ser percebida entre as diferentes ‘comunidades de fala’, no que resulta das várias linguagens apresentadas por seus interlocutores e, sobretudo, de suas diferenças socioculturais.

2.3.4 *Variação diamésica (fala e escrita)*

Essa denominação origina-se dos termos gregos “*diá*” (através) e de “*mésos*” (meio), isto é, do meio de comunicação, comparando-se a língua falada e a língua escrita, análise essencial para o conceito de gênero textual (BAGNO, 2007, p. 46).

Para uma maior compreensão de onde e como acontece esse tipo de variação, inicialmente, assinalamos os estudos de Marcuschi (2010, p. 25) que aborda e questiona, em uma de suas concepções, sobre a necessidade ou oportunidade de distinguir entre duas dimensões de relações no tratamento da língua falada e da língua escrita, o autor decifra: (a) de um lado, a oralidade e letramento e (b) de outro lado, fala e escrita. Ainda ressalva que (i) seria uma distinção de práticas sociais e (ii) entre modalidades de uso da língua (MARCUSCHI, 2010). Para melhor entendermos, o autor explica essas dimensões (grifos do autor):

A **oralidade** seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso (...) O **letramento** por sua vez envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita (...) até uma apropriação profunda (...) Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita (...) A **fala** seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto) sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano (...) A **escrita** seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades e caracteriza-se por sua constituição gráfica (...) Trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala (MARCUSCHI, 2010, p. 25-26).

Coelho (2007) afirma que essa variação comporta as diferenças existentes entre as modalidades de expressão da língua, por isso é fundamental o conceito de gêneros discursivos no *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual, na distinção e correlação dos textos de cada modalidade (fala e escrita), segundo Marcuschi (2010, p. 42).

Nesse caso, tomando por base a análise dos autores, a variação diamésica abrange as diferenças de práticas da língua (falada ou escrita) e assume a observância dos diferentes aspectos dicotômicos: na fala - a não normatização, não planejada, implícita etc; na escrita - normatizada, planejada, explícita etc, o que se percebe na interação discursiva entre os falantes.

É importante deixar claro que, nesta variação, não podemos marcar uma oposição rígida entre: (a) os registros formal e informal; (b) as modalidades oral e escrita da língua, uma vez estarmos tratando de uso linguístico.

2.3.5 Variação diafásica (Estilística ou situacional)

Essa variação, definida por Bagno (2007, p. 47) como estilística, é o uso que o falante faz da língua de acordo com o seu nível de monitoramento e quanto ao seu costume de falar. Além disso, o adjetivo deriva de “*Diá-*” somando-se ao termo grego *Phásis*, modo de falar, de se expressar.

Para Coelho (2007), a variação Diafásica ocorre em um grupo muito homogêneo como, no mesmo momento histórico, mesma classe social, mesmo gênero, faixa etária e até a mesma profissão, em que ainda pode haver a diferença que o falante faz “de acordo com o grau de monitoramento em determinada situação” (COELHO, 2007), ou seja, a conduta verbal do falante depende do contexto em que está inserido, “tipo de relação entre os interlocutores, classe social, sexo, idade etc” (COELHO, 2007), cujas interações verbais costumam ser mais monitoradas em ambientes como o profissional, por exemplo.

Com uma percepção de fatores que caracterizam a variação diafásica, Coelho (2010) declara que as chamadas relações de poder e solidariedade são os papéis que representam os tipos de relações entre o locutor e seu interlocutor, o contexto ou domínio social. Afirma que esses são os fatores que determinam a variação estilística, questões de adequação ao contexto em que ocorre a comunicação e que, dependendo do contexto de interação, podem resultar em situações com maior monitoramento (mais formal) ou situações mais informais (mais coloquiais), no que podemos pensar em uma gradação, vejamos (grifos do autor):

Apesar da classificação entre registro formal e informal, normalmente, nossa fala não apresenta somente esses dois extremos. É mais apropriado pensarmos que existe um *continuum* que perpassa situações de maior ou menor formalidade, correspondendo a registros mais ou menos formais, entre esses dois pólos. Ou seja, mais do que dois modos que se opõem, temos graus de formalidade que permeiam as situações cotidianas de interação. Eventualmente, falantes vão apresentar uma escala maior ou menor de possibilidades de registro, dependendo de seu desempenho linguístico. As crianças, por exemplo, usualmente não apresentam uma escala grande e, portanto, têm menor possibilidade de variar estilisticamente seus registros. (COELHO, 2010, p. 82)

Diante dessa contextualização, constatamos que a variação diafásica ocorre dependendo do contexto situacional e que, obviamente, o estilo da comunicação (fala ou escrita) resulta em fatores nos quais os interlocutores estejam envolvidos, isto é, a situação ou circunstância pode determinar a escolha da linguagem utilizada e, com isso, certos aspectos têm influência na observância de regras, normas e costumes no contexto da comunicação.

Com todas essas variações que foram descritas, pensamos ser possível que os materiais didáticos, sobretudo, os LD, mesmo com os distintos editais que os selecionam, possam encontrar a maneira adequada de tratar este assunto acerca da língua, no sentido de debater, de forma mais aprazível, nas salas de aulas, para que o ensino da língua portuguesa se torne descomplicado, uma vez que a apresentação da variedade da língua, em suas diferentes modalidades de uso, pode favorecer o entendimento da própria normatização.

2.4 A variação linguística no livro didático de Português do Ensino Fundamental

O livro didático e suas propostas de atividades, em geral, direcionam a procedimentos de análise linguística (fonéticos, morfológicos e sintáticos), vistos como um conjunto de regras para o ensino da língua. Situando-se as variedades e os conceitos linguísticos, vale ressaltar que o texto ainda é a forma mais utilizada de apresentação no contexto de uso pelos LD, na medida em que o diferencial para trabalhar a sociolinguística nos livros didáticos é a escolha dos tipos de enunciados e/ou textos relevantes para promover aos aprendizes o conhecimento das variedades linguísticas no ensino da Língua Portuguesa.

Em relação à abordagem do ensino das variedades da língua, é válido considerar a elaboração de LDs pelos autores, ao passo que ensejamos inserções de natureza autêntica, por exemplo, transcrição de frases/textos falados e analisados em pesquisas *stricto sensu* demonstrando a ocorrência da variação, ao mesmo tempo, fazerem referência, no conteúdo linguístico, às motivações linguísticas e extralinguísticas (usos regionais, gênero, classe social, escolaridade, idade, nível de formalidade, contexto situacional e interlocutor). Dessa maneira, dá-se ao aluno condições de ampliar o domínio da língua, sendo uma forma de comportamento

social, conforme Labov (1972), assim como também aproximar a linguística da prática cotidiana de sala de aula.

Diante disso, entendemos a relevância com que os autores de livros didáticos de Língua Portuguesa podem inserir, por meio de atividades diversificadas, o conteúdo das variedades linguísticas, de modo que os alunos possam se apropriar, na medida em que percebam a heterogeneidade da língua, bem como aprendam, de maneira ampla, a lidar com as mais variadas formas de comunicação social de acordo com as suas necessidades de interação.

Em contraposição, sobre a produção de um livro didático que seja adequado, que permeie textos e atividades eficientes, Bagno (2021)¹² afirma que “nunca será produzido um LD perfeito, ideal, totalmente sintonizado com os resultados da pesquisa científica...” De fato, sobre o que comenta o autor, tem-se uma plena significância, uma vez que a língua está inserida em um eixo sincrônico, ou seja, em constante evolução e que assim os LD devem seguir. Com isso, voltamos à teoria de Labov (1972), em que as comunidades de fala se utilizam da língua a ser considerada em sua plenitude.

Ao adentrarmos no contexto de produção dos LD, não queremos, com isso, trazer à tona a polêmica do livro didático *Por uma vida melhor, da coleção viver, aprender*, distribuída pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do MEC, em 2011. Foram muitos os posicionamentos contra a pedagogia da variação linguística proposta pelo livro, naquele momento, a exemplo do texto “Inguinorância” de Clóvis Rossi, que despertou a manifestação da Profa. Dra. Maria José Foltran (2011), presidenta da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN, na época, e que comenta:

A linguística se constituiu como ciência há mais de um século. Como **qualquer outra ciência**, não trabalha com a dicotomia certo/errado. (...) Esse trabalho investigativo permitiu aos linguistas elaborar outras constatações que constituem hoje material essencial para a descrição e explicação de qualquer língua humana. Uma dessas constatações é o fato de que **as línguas mudam no tempo**, independentemente do nível de letramento de seus falantes, do avanço econômico e tecnológico de seu povo, do poder mais ou menos repressivo das Instituições. As línguas mudam. Isso não significa que ficam melhores ou piores. Elas simplesmente mudam. Formas linguísticas podem perder ou ganhar prestígio, podem desaparecer, novas formas podem ser criadas. Isso sempre foi assim. (...) A escola precisa estar atenta a esse fato, porque precisa ensinar que, apesar de **falarmos** "vou comprá", precisamos **escrever** "vou comprar". E a linguística ao descrever esses fenômenos ajuda a entender melhor o funcionamento das línguas, o que deve repercutir no processo de ensino. (FOLTRAN, 2011)

¹² Marcos Bagno em Webconferência de abertura da III Semana de Letras do Seridó com o tema “Os impactos da BNCC para o ensino de línguas e literatura” em 03 de ago. 2021. Web disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g9qNypJBzew>.

De acordo com o posicionamento de Foltran (2011), fica esclarecida a ideia de que os autores de livros didáticos de Língua Portuguesa devem apresentar uma proposta didático-pedagógica voltada a abranger as variedades linguísticas em suas composições, não desqualificando o conteúdo neles apresentados, hoje, mas promover a reflexão e a análise, a partir das interações comunicativas, do que de fato a língua é moldada.

2.5 O Livro didático e o uso real da língua

Diante de muitos estudos acerca da heterogeneidade da língua, detivemo-nos na abordagem da variação linguística na perspectiva clássica de Labov (1972). Assim, os falantes de uma língua, em suas ‘comunidades de fala’, inconscientemente, não percebem as diferenças linguísticas existentes entre uma e outra comunidade, haja vista “dominaram” sua LM e, nessa sociabilidade, compartilham suas regras linguísticas (a linguagem de sua comunidade), na medida em que, com o uso, esse processo de partilha pode ir se modificando, conforme a necessidade comunicativa é o que revela Bortoni-Ricardo (2020):

(...) sempre haverá variação de linguagem nos domínios sociais. O grau dessa variação será maior em alguns domínios do que em outros. Por exemplo, no domínio do lar ou das atividades de lazer, observamos mais variação linguística do que na escola ou na igreja. Mas em todos eles há variação, porque a variação é inerente à própria comunidade linguística. Vamos nos deter na variação que se observa na escola. Para começar, há as diferenças relacionadas aos papéis sociais: professores, diretores, coordenadores etc. desempenham função de autoridade que lhes confere direitos especiais e também obrigações: entre elas a de usar uma linguagem mais cuidada — que podemos chamar também de *monitorada* — que a dos alunos. Há também as diferenças relacionadas aos eventos que têm lugar na escola: eventos de sala de aula são mais formais que eventos que ocorrem na cantina ou no recreio. Mas, mesmo em sala de aula, há eventos que são conduzidos com mais formalidade e mais *monitoração linguística* que outros. (BORTONI-RICARDO, 2020, p. 25)

Nesse contexto, entendemos que os autores dos LD poderiam utilizar textos autênticos, usos reais da língua no dia a dia, aproximando a análise linguística à realidade dos alunos, no sentido de levá-los a perceber as variedades linguísticas e de como tratá-las nas diversas situações linguísticas de comunicação. Bortoni-Ricardo (2020, p.24) salienta que, em sala de aula, como em qualquer outro domínio social, pode-se encontrar grande variação no uso da língua, por exemplo, a linguagem da professora, que por exercer um papel social de hierarquia sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal. Salientamos, ainda, as observações sobre as variedades linguísticas:

Estudando rigorosamente essas interações em sala de aula, pudemos constatar uma ampla gama de variação linguística. Nos eventos de letramento, constatamos um alto grau de monitoração na linguagem do professor. Já nos eventos de oralidade, os professores se monitoravam menos e eram mais coloquiais. Essa forma intuitiva de administrar a variação em sala de aula é salutar porque dá ao aluno a oportunidade de participar em interação com um grau maior ou menor de monitoração estilística. (BORTONI-RICARDO, 2020, p. 25)

Dessa forma, o professor é o principal coadjuvante para a exploração das variedades linguísticas em sala de aula. Por este motivo e por tais contextos de uso real da língua é que “apostamos” em um ensino-aprendizagem eficiente do português como uma significativa contribuição do LD, de modo a considerar as estratégias do domínio linguístico dos estudantes e oportunizar ao professor a inovação, baseando-se neste material didático, que é considerado o de maior uso em sala, certamente, contemplaria a mesma didática e avançaria nessa proposta.

Por esta razão, a análise do material didático é imprescindível, já que permeia o espaço entre sala de aula, professor, aluno e a aprendizagem. Discutir sobre a ideologia desse material, sua metodologia para o ensino de português e não discutir sobre a variedade da língua, que verdadeiramente usamos, não faria sentido algum. Diante disso, Faraco (2008, p.177), declara que “os sinais mais evidentes da ausência de uma pedagogia de variação linguística podem ser encontrados nos livros didáticos”. O autor destaca que, a didática existente nos LD ainda permanece a de supervalorização da “norma culta” e não o reconhecimento das situações reais de comunicação, por isso que:

...raramente os livros didáticos tratam da variação social, isto é, dos contrastes, conflitos, aproximações e distanciamentos entre as variedades do português chamado popular (a norma popular) e as variedades do português chamado culto (a norma culta/comum/*standard*). É nesse ponto que residem os estigmas linguísticos mais pesados de nossa sociedade. Poucos se aventuram a mexer nessa ferida. Talvez falte um estudo sistemático mais aprofundado da variação social e uma ampla divulgação dos fenômenos linguísticos brasileiros... (FARACO, 2008, p.178)

Correlacionando as nossas intenções da pesquisa ao desenvolvimento de uma pedagogia variacionista promovida pelos LD à vida atual dos educandos, destacamos a colaboração de Cyranka e Barroso (2018), quando enfatizam que muito além dos problemas sociais e econômicos que a escola brasileira enfrenta para garantir a presença dos alunos e incentivá-los, resta-nos investigar o que lhes interessa aprender na língua portuguesa e como levá-los à ampliação das competências comunicativas por meio da análise da variação linguística, o que implica identificar na língua as variadas ocorrências sem ser estigmatizador, nem preconceituoso. Nesse sentido, buscamos um elo entre o livro, a proposta de atividade e o interesse do aluno para, assim culminar na sua aprendizagem efetiva.

O Livro Didático da coleção Geração Alpha- Língua Portuguesa, alvo de nossa investigação, teoricamente, em sua proposta, se detém a atrair o aluno pelo estudo do uso real da língua, uma vez que deve estar de acordo com o seu interesse, permeando um conteúdo importante e pertinente para a sua progressão linguística. Neste sentido, a coleção analisada contempla, para o aluno, uma seção de atividades de estudo denominada *A Língua na real* que, no manual do professor, p.22, apresenta a seguinte descrição: “A seção *A língua na real* propõe a apresentação dos conceitos gramaticais estudados no capítulo em diferentes situações de uso. Ao abordar esses conteúdos, em uma perspectiva semântico-discursiva, promove a ampliação da reflexão sobre os conceitos estudados”, em diferentes situações de uso.

Entretanto, para adentrarmos nas práticas de linguagem em que os estudantes das séries finais do fundamental estão inseridos, indagamo-nos qual logística o LD poderia explorar como ferramenta atrativa no desempenho linguístico destes estudantes? Vale salientar que, no livro, já existe uma sugestão de atividade inerente ao tópico, porém coube-nos analisar se essa proposta contempla, expressivamente, a variedade linguística como ponto de partida para reflexão do aluno, no sentido de levá-lo a fazer a análise linguística do conteúdo e ampliar o conhecimento acerca do tema.

Este foi o foco do estudo para o nosso *corpus*. Se em sua proposição linguística, os autores não abordaram realmente a língua em seu uso real ou fizeram de modo superficial, demos relevância a identificação desse conteúdo e das atividades desenvolvidas, no sentido de sugerir que o trabalho seja voltado aos diversos contextos situacionais de comunicação, partindo do domínio linguístico que o estudante já adquiriu, tornando mais fácil a apreensão e o conhecimento das nuances linguísticas envolvidas nas comunidades de fala que lhes é comum, em paralelo ao domínio linguístico da variante “cultura”, assim denominada por muitos autores da nossa área. Salientamos que, nossa pesquisa não intenciona desqualificar os materiais didáticos, mas de propor uma maior quantidade de atividades atinentes à variação linguística.

2.6 Duas contribuições para a observação sobre o tratamento da variação linguística no livro didático

Apresentamos duas contribuições: uma de Bagno (2007) em forma de roteiro e outra do Faraco (2008), as quais podem ajudar na análise do tratamento dado pelos livros didáticos à abordagem da Variação linguística. As propostas a seguir demonstram as observações de pesquisadores acerca do assunto e de como professores de Língua Portuguesa

podem levar à sala de aula tal tema, a fim de refletir quanto às estratégias e intervenções sobre o ensino proposto nos LD.

2.6.1 Contribuição de Bagno (2007)

Bagno (2007), em seu livro “Nada na língua é por acaso, por uma pedagogia da variação linguística”, faz uma análise crítica acerca das variações linguísticas na língua portuguesa brasileira e, sobretudo, sobre como o ensino da VL é abordado nos livros didáticos. Sua obra está dividida em duas partes, sendo a primeira a *Variação, mudança e ensino* com as várias faces da variação linguística, sua construção histórica e sua importância no ensino da língua portuguesa, bem como enfatiza as concepções de certo ou errado, dentre outros temas relevantes. Nesse tópico, inclui, ainda, a discussão sobre as variações linguísticas nos LD. Na segunda parte intitulada *Com a mão na massa* está dividida em três tópicos: (1) um projeto de pesquisa proposto pelo autor, a fim de o (a) professor (a) levantar dados e métodos para suas aulas, ou com seus alunos; (2) a análise “do tratamento das variedades estigmatizadas em sala de aula”; e o (3) “Para ler e refletir” traz breves atividades para praticar tudo que foi explanado.

Ao iniciar a primeira parte, Bagno (2007) traz o questionamento: “Por que tratar da variação linguística?” e cita a publicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) de 1997, afirmando que essas diretrizes elaboradas pelo Ministério da Educação trouxeram uma tentativa de renovar o ensino nas escolas. Salienta, ainda, que o impacto dos PCN (1997) foi muito positivo, entretanto, evidenciava dois grandes obstáculos: o primeiro foi “a resistência das pessoas muito apegadas às concepções antigas e às práticas convencionais de ensino” e, o segundo, “a falta de formação adequada das professoras para lidar com todo um conjunto de teorias e práticas que até então jamais tinham aparecido como objetos e objetivos do ensino” (BAGNO, 2007, p.28). Ademais, trazendo o foco para a atualidade, o autor expõe serem escassos os livros que se ocupam, especificamente, das VL, o que também pode ser encarado como um obstáculo, pois este tema tende a ficar em segundo plano na docência ou é trabalhado superficialmente.

Para Bagno (2007), a variação é verificada em todos os níveis da língua (fonético-fonológico; morfológico, sintático; semântico; lexical; e estilístico-pragmático), ressaltando que isso somente evidencia a importância do seu ensino nas escolas, reverberado pelo *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD), criado em 1996, pelo Ministério da Educação que “avalia, compra e distribui obras destinadas ao ensino”. Em seu livro *Nada na língua é por acaso*, o autor reconhece:

[...] o tratamento da variação linguística nos livros didáticos ser [...] um tanto problemático. A gente percebe, em muitas obras, uma vontade sincera dos autores de combater o preconceito linguístico e de valorizar a multiplicidade linguística do português brasileiro. Mas a falta de uma base teórica consistente e, sobretudo, a confusão no emprego dos termos e dos conceitos prejudicam muito o trabalho que se faz nessas obras em torno dos fenômenos de variação e mudança (BAGNO, 2007, p.119).

O autor questiona, exclusivamente, a forma que os LD trabalham as VL trazendo uma série de problemas em sua análise. A primeira delas é a tendência de abordar a VL como um mero sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas, supondo que falantes urbanos e mais escolarizados utilizam a língua de forma “mais correta”, próxima do padrão. O que se costuma encontrar nos LD quanto a esse caso de variação, é a utilização de tirinhas do Maurício de Sousa (personagem Chico Bento), os poemas de Patativa do Assaré e os sambas de Adoniran Barbosa como se fossem exemplos fiéis de VL, porém Bagno (2007, p. 120) afirma que estes “não são representações fiéis das variedades linguísticas que eles supostamente veiculam [...] o problema está no uso inadequado que se faz dos trabalhos criativos dessas pessoas”.

Outra problemática a que o autor se refere é sobre a frequência de atividades com o objetivo de fazer com que o aluno “passe para a norma culta” trechos desses autores citados. Bagno (2007, p. 123) afirma que esse tipo de tarefa se mostra, mesmo que indiretamente, “tão preconceituosa quanto a atitude de discriminar o Chico Bento por ‘falar tudo errado’ [...] essa diferença é transformada em deficiência, em algo que pode e deve ser ‘corrigido’ e o que se tem como “norma culta” termina sendo enfatizada como a que “vale de verdade”. Depois de suscitar tais questionamentos, o autor sugere formas de se trabalhar com “variedades reais” dando três exemplos diferentes do que são costumeiramente cobrados nos LD:

1. Buscar variedades linguísticas autênticas: explorar canais educativos de televisão que realizam programas voltados aos mais diversos grupos sociais, ricos em aspectos culturais, que retratam as peculiaridades de determinadas comunidades;

2. Usufruir do portal do Museu da Língua Portuguesa, rico em material para estudos e pesquisas tanto na língua falada quanto na escrita de diversas regiões do país e de outros países falantes da língua portuguesa, por explorar diversas camadas sociais e períodos históricos;

3. Pesquisa de campo: o (a) professor (a) pode pesquisar sobre as origens sociais e regionais de seus próprios alunos a fim de aproximar ainda mais o conteúdo com a realidade do aluno. (BAGNO, 2007, p. 124,125)

Estes são apenas alguns exemplos trazidos pelo autor, contudo, adverte que o mais importante, nas atividades, é sempre o de preservar o respeito pelas diferenças linguísticas. À guisa de “uma pedagogia da variação linguística”, Bagno (2007, p. 125-140) propõe “Um roteiro para analisar os livros didáticos” com 10 perguntas que buscam ajudar pesquisadores e docentes a avaliar o tratamento que os LD dão aos fenômenos de variação e mudança linguísticas, vejamos:

Quadro 1: Questões para análise dos livros didáticos segundo Bagno (2007)

QUESTÕES PARA ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS SEGUNDO BAGNO (2007)	
1. O livro didático trata da variação linguística?	
	A primeira e principal questão busca atentar para o fato de que caso o LD não trabalhe com VL, significa que este se encontra fora de harmonia com as propostas mais recentes do meio e até mesmo ultrapassado de acordo com as diretrizes oficiais, no entanto, se o LD faz um bom trabalho nos outros aspectos, então, caberá ao docente buscar meios para abordar os fenômenos das variações (p. 125-128).
2. O livro didático menciona, de algum modo, a pluralidade de línguas que existe no Brasil?	
	O autor declara que, historicamente, devido a uma formação social violenta e de autoritarismo, constitui-se a crença de existir uma única língua falada no Brasil, que ele chama de monolinguismo, e assegura ser uma inverdade. Bagno traz dados das mais variadas línguas que coexistem com o português e afirma que o plurilinguismo é uma realidade, apesar de silenciado por décadas, portanto, o monolinguismo é um mito a ser combatido em sala de aula (p.126-128).
3. O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?	
	O autor salienta que a grande maioria dos LD é produzida e publicada na região Sudeste do país e, em menor quantidade, na região Sul, de onde são os seus autores. As VL mais representadas, nesses livros, são as urbanas dessas localidades, e quando recorrem às variações rurais, também são limitadas a essas regiões e pode levar o usuário do LD a acreditar que seu jeito de falar é errado, sendo um desserviço na busca em superar o preconceito linguístico (p.128,129).
4. O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?	
	Essa questão complementa a anterior, pois na maioria das vezes os LD não apresentam as variedades presentes nos centros urbanos e mesmo em pessoas escolarizadas, como é o caso da diafásica. O intuito ao trabalhar as VL é criar “a consciência de que a língua é essencialmente heterogênea, variável e mutante, e que não existe nenhum grupo que fale mais “certo” ou mais “errado” do que outro” (p. 129,130).
5. O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão com uma variedade real da língua?	

O autor demonstra que há diferenças entre norma culta (variedades privilegiadas - presente em falantes urbanos e com grau elevado de escolaridade) e norma padrão (o vernáculo - presente nas gramáticas, o padrão a ser alcançado como uma “receita de língua”) em detrimento das variações estigmatizadas, que são retratadas muitas vezes como um erro a ser corrigido (p.130,131).

6. O tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticais?

Essa questão se torna necessária, pois é bastante frequente o tratamento da VL restringindo-a a eventos superficiais, como por exemplo, o sotaque e o léxico, tanto entre regiões do país, quanto ao português europeu, o que termina por reforçar ainda mais os estigmas. O autor reforça que a empreitada da reeducação sociolinguística integra aumentar o repertório linguístico do aprendiz, sendo que também existem “modos e tempos verbais que são exclusivos dos gêneros textuais mais monitorados” (p. 132-134).

7. O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática: Ou continua, nas outras seções, a tratar do “certo” e do “errado”?

Bagno apresenta essa questão e chama atenção para o que aparenta acontecer, pois acredita que alguns livros didáticos abordam a VL com o mero intuito de “cumprir as exigências do Ministério da Educação” para, então, poder ser inserido nas listas das obras que poderão ser compradas e distribuídas aos alunos. Acrescenta haver, nos LD, uma grande contradição, pois “é incoerente pedir respeito e tolerância diante da variação linguística e apontar, nos exercícios de gramática, que usar o pronome “ele” como objeto direto é um “erro”, portanto, é necessário um cuidado especial ao avaliar este ponto” (p. 135).

8. O livro didático explica que também existe variação entre fala e escrita, ou apresenta a escrita como homogênea e a fala como lugar de erro?

O autor argui sobre a falsa ideia de que fala e escrita são diferentes, que a fala é ilógica e não tem gramática, ou seja, lugar de erro, enquanto a escrita mostra-se lógica, organizada, homogênea. Bagno diz que há uma necessidade da abordagem da língua nos LD, em termos, não só de sua organização estrutural (a gramática), mas também em termos de suas manifestações concretas na vida social: os gêneros textuais, falados e escritos (p. 136).

9. O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística? Como?

Bagno critica o fato de que os livros didáticos abordam o fenômeno da mudança, mas que nunca avançam em esclarecer que a língua continua em transformação. Declara ser imprescindível fazer entender que essas mudanças não param e que estão em constantes transformações. Sugere que os LD deem exemplos de textos antigos para mostrar que a língua mudou, não só no léxico, mas principalmente na sua gramática (p. 136-138).

10. O livro didático apresenta a variação linguística somente para dizer que o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?

Bagno diz ser comum que os LD, em seu conteúdo, apresentem variações regionais e nas atividades peçam para corrigir o “erro”, o que se torna uma grande contradição. Destaca haver um “sutil preconceito linguístico” abordar a VL e, no final, insistir na preservação de um modelo

idealizado da língua. Para Bagno, a VL “precisa ser estudada como fator social e cultural, naquilo que ela é, na riqueza que representa e como reveladora do dinamismo da língua” (p. 138-139).

Essas são as considerações de Bagno (2007) sobre o ensino da variação linguística em LD. Torna-se inegável sua positiva contribuição para a observação e o tratamento das VL nos LD de Língua Portuguesa, uma vez que essa abordagem permite aos estudiosos, professores e, sobretudo, aos autores de LD refletirem sobre esse ensino baseado no uso real da língua e da sua constante evolução, de acordo com as suas variações nas diversas situações comunicativas.

2.6.2 Contribuição de Faraco (2008)

Em sua obra *Norma culta brasileira, desatando alguns nós*, assim como fez Bagno, o autor contribui à discussão sobre as VL e, concomitantemente, ao problema desse ensino nos LD de Língua Portuguesa, no Brasil. Antes de entrar no contexto da VL, permite uma análise sobre os conceitos de norma, norma culta, normas padrão e não-padrão, além de correlacioná-las à gramática e ao ensino do português. O autor e pesquisador, além de contextualizar gramática, variação e ensino colabora para a reflexão e o avanço da sociolinguística em favor do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Brasil.

Faraco (2008) não esconde sua crítica ao que ele chama de “gramatiquice e ao normativismo”, porém refuta que isso não deve levar ao abandono do ensino da norma culta. O autor enfatiza que a reflexão sobre as estruturas da língua e seu funcionamento no meio social é essencial para o domínio fluente da escrita e da fala, posto que conhecer a norma culta faz parte do amadurecimento das capacidades linguístico-culturais e cultiva o seguinte lema: “reflexão gramatical sem gramatiquice e estudo da norma culta/comum/standard sem normativismo” (p. 157).

Embora destaque normas e concorde com a não abolição do ensino da variedade culta da língua, ao tratar da norma-padrão, esclarece:

O padrão não conseguirá jamais suplantando integralmente a diversidade porque, para isso, seria preciso alcançar o impossível (e o indesejável, obviamente): homogeneizar a sociedade e a cultura e estancar o movimento e a história. Mesmo assim, o padrão terá sempre, por coações sociais, certo efeito unificador sobre as demais normas (FARACO, 2008, p. 78).

Dessa forma, acreditamos que, embora permaneça o prestígio de uma variedade em detrimento das outras, a língua como uma manifestação ‘puramente social’, jamais será

compreendida como homogênea. O autor traz as mesmas problemáticas de Bagno (2007) em que destaca uma variedade continuar se sobrepondo a outra por ‘coações sociais’ e rebate a ideologia da língua homogênea, cujo “equivoco se constituiu e se cristalizou” tornando-se um obstáculo a ser enfrentado. Acrescenta que, para a ideologia normativista da língua homogênea, a heterogeneidade da língua, ou seja, as variações são vistas como um mal a ser combatido, por isso Faraco (2008) adverte:

Essa crença social é tão forte e arraigada que nem sequer as incontáveis contradições, insuficiências e deficiências desses manuais se tornam minimamente visíveis. A crença é tão forte que chega a cegar para o óbvio. Em consequência dela, é comum se ouvir asserções de que os brasileiros não sabem falar sua língua, de que os brasileiros tratam mal sua língua, de que, no Brasil, a língua está em decadência etc. (FARACO, 2008, p. 167).

Sobre o ensino do português, para o autor, existe um evidente aspecto de que a pedagogia da variação linguística é ausente e salienta: “Parece que não sabemos, de fato, o que fazer com a variação linguística na escola. E o que temos feito é seguramente bastante inadequado” (FARACO, 2008, p. 176), apesar dos diversos trabalhos sobre esse tema. Considera notória a ausência do ensino da variação linguística nos livros didáticos, além de, nos exames de avaliação como ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) também existir essa ausência, mesmo que minimamente.

Em relação aos LD, Faraco (2008) concorda que o tratamento do fenômeno da variação ainda é maltratado ou distorcido, pois, neles, ainda há a concepção do erro e isso é totalmente inadmissível em uma sociedade com vários fatores influentes à linguagem de seus falantes. O autor discorre que as abordagens sobre VL, nos LD, predominam a variação geográfica, sendo a mais simples de ser abordada, porém a ela restringem-se à forma de anedótica, em vez de tratá-la como expressões linguísticas e acabam por reforçar estereótipos - como o uso das tirinhas do Chico Bento - que pouco contribui para o reconhecimento da VL (FARACO, p. 177).

Outro ponto citado pelo autor, é que dificilmente os LD trabalham com a variação social, ou seja, "dos contrastes, conflitos, aproximações e distanciamentos entre as variedades do português chamado popular (a norma popular) e as variedades do português chamado culto (a norma culta/ comum/ standard)” (FARACO, 2008, p.178). Nessa variação é onde incide os maiores estigmas sociais e que talvez ainda falte um estudo aprofundado dessa VL, o que serviria de parâmetro mesmo para a elaboração dos LD.

Sobremaneira, ao longo de sua obra, Faraco (2008) faz um levantamento de todo o contexto histórico do ensino da Língua Portuguesa com importantes questionamentos sobre as metodologias usadas em sala de aula no ensino da gramática, além das implicações no caso das VL, seus equívocos e/ou distorções apresentados nos LD, reforçando o que tem se tentado superar que é o preconceito linguístico. É inegável sua colaboração ao evidenciar tais problemáticas, tornando-se fundamental debater, constantemente, acerca desse ensino em sala de aula.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção, descrevemos as etapas e a forma como a pesquisa foi conduzida. Levamos em consideração os aspectos da caracterização, o contexto da pesquisa, o *corpus* e os procedimentos metodológicos. Com ênfase nos pressupostos sociolinguísticos e na análise dos livros didáticos, investigamos se esses materiais didáticos utilizados pelos professores das séries finais do Ensino Fundamental, para as aulas de Português, contemplam o ensino da variação linguística, bem como seu contexto de uso social.

3.1 Caracterização da pesquisa

Os propósitos desta pesquisa se caracterizam na adoção do método exploratório e propositivo, tendo como objetivo inicial fazer um levantamento das propostas didáticas e atividades do livro *Geração Alpha de Língua Portuguesa aderido pelo PNLD/ Edição 2020-2023*, quanto à variação linguística com a intenção de auxiliar o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

O processo exploratório tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, no sentido de torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (GIL, 2002). A pesquisa exploratória, ainda, tem como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores (GIL, 2008).

Quanto aos procedimentos técnicos utilizados para obtenção do *corpus*, pautamos-nos em desenvolver, segundo Gil (2002), uma pesquisa documental: as coleções de livros didáticos do PNLD que foram analisadas são documentos que ainda não receberam tratamento analítico e a pesquisa qualitativa no tocante à abordagem do estudo.

Por certo, com esta pesquisa, exploramos o *corpus*, no sentido de analisar atividades e textos que fossem propensos ao estudo das variações linguísticas, em diversos contextos, a fim de esclarecer se o conteúdo apresentado no LD era limitado ao ensino da variação linguística em português.

Além disso, a Coordenação Nacional do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), que define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sétima turma, através da Resolução nº 003/2021 do Conselho Gestor, de 31 de

março de 2021, Art. 1º, resolve que: “Os trabalhos de conclusão da sétima turma poderão ter caráter propositivo sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial”.

Dessa forma, como proposição, elaboramos um caderno pedagógico contemplando atividades inerentes à variação linguística e que consta ao final deste trabalho de pesquisa. Criamos múltiplas atividades, de modo a permitir o aluno a apropriação das noções, técnicas e instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita em situações diversas de comunicação, no sentido de motivá-los para o aprendizado da Língua Portuguesa. Igualmente, em nosso caderno pedagógico, incluímos um percurso de aprendizagem em que os estudantes possam fazer observações de seus próprios construtos, reflitam e comparem seus usos linguísticos em situação de comunicação.

3.2 Contexto da pesquisa

Para nossa pesquisa, escolhemos as séries de 8º e 9º Anos Finais do Fundamental, de modo a compreender por que ainda existe grande dificuldade em relação ao ensino aprendizagem na disciplina de português. Nossa pesquisa partiu, em princípio, da realidade do município de Reriutaba, situado na região Norte do Ceará, a aproximadamente 276 km da capital Fortaleza, cidade da qual sou professora na rede municipal de ensino.

O município através da sua rede de ensino e precisamente a EEF Nossa Senhora das Graças, da qual sou professora, utiliza o referido Livro Didático *Geração Alpha de Língua Portuguesa aderido pelo PNLD/ Edição 2020-2023*, como principal recurso destinado ao ensino da Língua Portuguesa e abrange 765 alunos matriculados, atualmente, nas séries finais do fundamental e que destes, 248 são das séries do 8º e 9º Ano. A rede de ensino do município é composta por 6 (seis) escolas com ensino direcionado às séries Finais do Fundamental, com 19 professores que ministram a disciplina de Língua Portuguesa, todos formados na área, dentre efetivos e temporários, portanto, enfatizamos o porquê da escolha das referidas séries e obras para análise.

Salientamos que a pesquisa se destina a uma coleta de informações sobre o *corpus* que, para além de uma análise, pauta-se em propor uma reflexão quanto ao tratamento da variação linguística nos LD em seus conteúdos e atividades, no que tange a amostras, comparações e sugestões. Para alcançarmos o objetivo esperado, empenhamo-nos em delinear a estrutura do *corpus* sob análise.

Debruçamo-nos, inicialmente, em uma pesquisa básica sobre os índices de aprendizagem dos alunos em língua portuguesa nas referidas séries tanto no Sistema

Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE)¹³, quanto no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB)¹⁴.

O SAEB, base para o SPAECE, permite ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP)¹⁵ realizar um diagnóstico da educação básica brasileira. O resultado dessas avaliações tanto é um indicativo da qualidade do ensino quanto identificam o nível de proficiência e a evolução do desempenho dos alunos, além de oferecer subsídios para a elaboração, o monitoramento e o aprimoramento de políticas educacionais com base em evidências. Destacamos, como referência para a pesquisa, o município de Reriutaba-CE, cujos índices podem ser encontrados nos sites oficiais¹⁶.

Entretanto, ao observarmos os índices e gráficos sobre o referido município, no último SPAECE, em 2022, denominado como diagnóstico, os indicadores críticos e muito críticos ultrapassaram os adequados, e o índice intermediário praticamente permaneceu o mesmo do resultado do ano de 2019, antes da pandemia, ou seja, o ensino remoto favoreceu o déficit já existente e mesmo com a volta às aulas presenciais em 2022, o indicador é ainda menor quanto à aprendizagem de Língua Portuguesa.

Baseando-se nessas avaliações externas, analisamos de que modo a Língua Portuguesa e mais precisamente o fenômeno da variação linguística pode auxiliar os estudantes na interpretação do próprio código linguístico, em sua reflexão e usos, no sentido de despertar para um avanço significativo quanto às estratégias de abordagens tanto no que diz respeito à aprendizagem do português, quanto ao principal material didático utilizado para o ensino dessa língua.

Portanto, a investigação da variação linguística nos LD de língua portuguesa, a análise do método disponibilizado nas propostas didáticas do livro fez-se necessária, haja vista as lacunas do LD quanto à realidade linguística dos alunos. Desta forma, averiguamos se os livros exploram a variação linguística nos textos e na exposição dos conteúdos de modo que contribuam para facilitar esse ensino.

¹³ Sites de referências sobre o SPAECE. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/spaece/>; <https://institucional.caeddigital.net/projetos/spaece-ce.html>

¹⁴ (Saeb) é um conjunto de avaliações externas em larga escala que permite ao Inep realizar um diagnóstico da educação básica brasileira e de fatores que podem interferir no desempenho do estudante. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb>

¹⁵ (Inep) é o órgão federal responsável pelas evidências educacionais e atua em três esferas: avaliações e exames educacionais; pesquisas estatísticas e indicadores educacionais; gestão do conhecimento e estudos. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/sobre>

¹⁶ Sites de referências aos índices do SAEB sobre o município de Reriutaba. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb/resultados>; <https://qedu.org.br/municipio/2311702-riutaba/ideb>

Com esta pesquisa, por meio de todo o contexto em análise, pudemos propor sugestões de atividades, apoiando-se nos pressupostos teóricos da Sociolinguística que lidam com a heterogeneidade da língua a fim de amenizar as dificuldades encontradas no ensino aprendizagem da variação linguística.

3.3 Descrição do *corpus*

O *corpus* analisado consta de dois livros didáticos da coleção Geração Alpha- Língua Portuguesa das Séries Finais do Ensino Fundamental, cujos volumes correspondem aos níveis de ensino 8º ano e 9º ano, 2ª Edição de 2018, dos autores: Everaldo Nogueira, Greta Marchetti e Maria Virgínia Scopacasa, de responsabilidade da editora Andressa Munique Paiva. É uma obra coletiva, desenvolvida e produzida pela SM Educação, selecionada pelo PNLD para 2020/2023 e adotada pela rede pública da cidade de Reriutaba-Ceará.

Para o que pretendemos elucidar na pesquisa, partimos da leitura preliminar da apresentação do LD (estrutura e organização) verificando o propósito da coleção e os seus objetivos iniciais. Cada obra, tanto a do 8º quanto a do 9º ano, dispõe de 8 (oito) unidades compostas de dois ou três capítulos. Salientamos que ambos os manuais, *Língua Portuguesa 8º e 9º ano*, possuem a mesma estrutura, inclusive os mesmos textos para sua apresentação.

3.3.1 Manual do professor

Os livros Geração Alpha - Língua Portuguesa das Séries Finais 8º e 9º ano, em sua estrutura e organização, iniciam com um texto de apresentação, em seguida, oferecem um primeiro sumário destinado, exclusivamente, ao educador, que contempla a divisão e subdivisão de tópicos apresentados a seguir:

- ✓ A coleção (*A escola no século XXI e a educação para competências; Educação baseada em valores; A Base Nacional Comum Curricular*). A obra destina esses tópicos como uma apresentação de seu principal referencial teórico concomitante a instrução para o embasamento do professor a sua prática em sala de aula;
- ✓ Estratégias e abordagens (*As interações disciplinares no ensino de Língua Portuguesa; Avaliação e autoavaliação; Investigação e Pesquisa*). Neste tópico,

a coleção aborda a perspectiva dos resultados a partir da didática utilizada pelo LD e as referenciam teoricamente;

- ✓ O ensino de língua portuguesa, A BNCC e o Ensino de Língua Portuguesa (*As competências gerais da BNCC na coleção; as competências específicas de Língua Portuguesa; Concepção de linguagem; as práticas de linguagem e os eixos; os campos de atuação*). Nesta abordagem, os autores destinam o tópico exclusivamente para o ensino da LP, expõem como são contempladas as competências gerais e específicas, além de especificar o valor dado pela coleção aos campos e práticas orientadas pela BNCC;
- ✓ Exposição da organização e estrutura do livro do aluno. (*Abertura da unidade; Capítulos; Fechamento da unidade; Final do livro; Distribuição de conteúdos na coleção*). Este tópico destina-se a descrever, através de pequenos textos, o que dispõe em cada parte do livro do aluno;
- ✓ Distribuição de conteúdos na coleção. De forma bem extensa, o LD traz a exibição da organização e distribuição de todos os conteúdos dispostos em todas as obras da coleção (6º - 9º), além de suas respectivas habilidades;
- ✓ Textos de apoio. Neste tópico é apresentado 6 (seis) textos com auxílio de embasamento teórico ao professor para sua prática em sala de aula;
- ✓ Conheça o manual do professor em “Formato U”. Este último tópico traz a descrição do formato da exposição de seções e boxes com as orientações para a prática do professor;

Cada tópico apresentado pelo LD, com exceção do último, contempla a inserção dada pelos autores, de uma abordagem teórica, no que remontaremos as devidas considerações na análise das obras, no capítulo 6.

3.3.2 Livro do aluno

Logo após as abordagens teóricas sobre os objetivos do LD, no manual do professor, é feita a apresentação da organização da coleção, bem como da estrutura do livro do aluno que consta:

- ✓ *Abertura da unidade*, com três subtópicos (*Primeiras ideias; Leitura de imagem; Questão de valor*) que sensibiliza o aluno para o conteúdo a ser tratado, totalizando 3 páginas.

- ✓ *Composição dos capítulos*, o LD se detém com a seguinte subdivisão: *texto inicial*, com as características do gênero que vai ser estudado no capítulo; *texto em estudo*, que pretende trabalhar as habilidades de leitura e as características do gênero textual do texto inicial; *uma coisa puxa outra*, que dispõe de uma relação do texto proposto na seção com o assunto do texto inicial; *língua em estudo*, cuja seção intenciona levar a uma reflexão para a construção do conhecimento sobre a LP; *a língua na real* propõe a ampliação dos conceitos da LP por meio de diferentes situações de uso da língua; *escrita em pauta* (não contempla todos os capítulos) e oferece atividades sobre ortografia, acentuação e pontuação; *agora é com você* propõe ao estudante produzir um texto.
- ✓ *Fechamento da Unidade*, uma espécie de aprofundamento da temática discutida no capítulo com as seguintes subdivisões: *Investigar* (contempla apenas dois capítulos), propondo diferentes metodologias de pesquisa e resultados das investigações; *atividades integradas*, oferecidas para integrar os assuntos da unidade; *ideias em construção* com questões para o estudante fazer sua autoavaliação do seu aprendizado.
- ✓ *Final do livro* consta somente uma subseção denominada *Interação*, que propõe o planejamento e o desenvolvimento de um projeto coletivo destinado à comunidade escolar.

Portanto, esta é a composição do livro didático destinado ao estudante. Apreciamos, aqui, de maneira resumida, porém, na análise, traçamos um perfil mais detalhado da obra.

3.4 Procedimentos metodológicos

Para atingirmos os objetivos da pesquisa, no processo de coleta e análise do material escolhido, *Coleção Geração Alpha de língua portuguesa 8º e 9º ano*, cumprimos algumas etapas de realização conforme elencamos abaixo:

1. Análise da apresentação do LD, de sua estrutura e organização, verificando seu objetivo inicial; a abordagem dada pelos autores, em seu sumário, unidades, títulos introdutórios e em cada seção de capítulo, sobre o nosso fenômeno de estudo: variação linguística (manual do professor e livro do aluno);
2. Análise dos livros didáticos pautada em um roteiro com questões norteadoras para a coleção de Língua Portuguesa das Séries Finais do Fundamental contempla:

- a) a concepção de língua(gem);
- b) as normas padrão e não-padrão;
- c) os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos (usos regionais, gênero, classe social, escolaridade, idade, nível de formalidade, contexto situacional e interlocutor);
- d) o uso de gêneros orais/escritos e o ensino de casos concretos de variação linguística no Português Brasileiro.

3. Elaboração da proposta do caderno pedagógico com atividades sobre variação linguística.

Enquanto professora de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino de Reriutaba-CE e atenta aos fenômenos linguísticos a serem investigados no principal recurso educativo utilizado pelos professores no município: o Livro Didático (doravante LD), a investigação sobre variação linguística, nesse material, foi essencial considerando os diversos usos da língua, sobretudo pelos adolescentes, a partir da fase de reflexão e de observações sobre o contexto linguístico e de aprendizagem dos alunos, principalmente em se tratando da idade em que esta comunidade estudantil está incluída nas séries finais do Fundamental.

3.4.1 O caderno pedagógico

Vislumbrando a pesquisa propositiva, ao projetarmos o caderno pedagógico, tivemos a pretensão de explorar as possibilidades de variação linguística de modo a conscientizar os alunos, seja na expressão oral ou escrita, do emprego de certas palavras, conforme as situações comunicativas. Por meio da apresentação de gêneros que contemplem variedades linguísticas, analisamos a língua em uso, pressupondo que, no decorrer de cada etapa, para o ensino da língua portuguesa, haja uma progressão na aprendizagem, tanto em análises quanto na expressividade linguísticas nas mais diversas possibilidades de uso.

Por meio das atividades propostas e para alcançarmos os objetivos, a estrutura do material didático idealizado contemplou:

Quadro 2: Apresentação da estrutura do caderno pedagógico

- **Capa:** expomos os elementos pré-textuais como o tema do caderno, a autora e a orientadora;
- **Sumário:** apresentamos as divisões, seções e outras partes do trabalho, na mesma ordem e grafia em que se sucedem o delinear do caderno, acompanhadas do respectivo número da página;

- **Apresentação do material ao professor:** expomos a utilidade do caderno, bem como exibimos sua estrutura e a fundamentação de cada seção para o planejamento e execução das atividades em sala de aula;
- **Quadro do planejamento de duas oficinas:** visualizamos uma subdivisão contendo: as séries destinadas, o quantitativo de aulas previstas, o campo de atuação bem como sua definição, a prática de linguagem, os objetos do conhecimento, a finalidade das aulas, os gêneros textuais trabalhados e as habilidades propostas;
- **Apresentação do caderno do aluno:** traz uma apresentação geral e a explanação de todas as etapas do caderno, bem como sua relevância para aprendizagem;
- **Se liga no que você vai aprender:** expõe os objetivos a serem alcançados com a aplicação do material e, por conseguinte, apresenta a temática a ser abordada: Variação linguística. Alguns conceitos sobre as diferentes variações linguísticas são apresentados para servir de apoio ao seu desempenho no decorrer das atividades abordadas;
- **Oficinas subdivididas:** Abertura - apresentação de um texto, de forma a sensibilizar o aluno para o conteúdo a ser tratado; Texto inicial - aborda as características do gênero que vai ser estudado na oficina; Compreendendo e interpretando o texto - visamos o trabalho com as habilidades de leitura e as características do gênero do texto inicial; Texto x gênero – traz o estudo do gênero textual proposto na seção; Apropriando-se da língua - propõe levar o aluno a uma reflexão para a construção do conhecimento sobre a LP; Analisando os traços da língua(gem) do texto – intenta a ampliação dos conceitos sobre a LP por meio de diferentes situações de uso da língua; Refletindo sobre a língua - objetiva o aprofundamento e retomada da temática discutida na oficina a fim de levar o aluno a refletir acerca dos conteúdos abordados referentes às variedades linguísticas; Colocando as habilidades em prática - propõe ao estudante fazer atividades acerca do conteúdo abordado na oficina, intercalando questões objetivas com questões subjetivas;
- **Orientações metodológicas:** nas atividades, algumas sugestões são apresentadas, inclusive, boxes (*variação à vista; variação em estudo*) com exposições teóricas que vislumbram as variações linguísticas contempladas nos conteúdos. Em cada questão das atividades, trazemos uma sugestão de resposta para o aluno, uma maneira de, também, ajudar o professor quanto ao assunto tratado;
- **Referências:** apresentação do referencial teórico abordado em nosso caderno didático.

Almejamos que estas atividades do caderno ampliem o contato do estudante com gêneros textuais relacionados à temática da Variação Linguística, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens que permitam induzi-los, espontaneamente, a uma

análise de possíveis inadequações dos recursos linguísticos. Dessa forma, pretendemos que o estudante avalie se determinado uso linguístico no texto é adequado ao efeito de sentido a que se deseja estabelecer, tendo em vista ampliar essas práticas e correlacioná-las a novas experiências discursivas, às novas aprendizagens de análises linguísticas, que contemplem textos, jogos, músicas e curiosidades relacionadas ao gênero escolhido.

4 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

Neste capítulo, apresentamos as análises e as discussões dos resultados obtidos acerca das obras descritas no capítulo 3. Fazemos as devidas considerações quanto ao objetivo inicial dos livros, a base de fundamentação teórica e análise dos LD, de acordo com o roteiro das questões norteadoras nos procedimentos metodológicos, quais sejam: (i) a concepção de língua(gem); (ii) as normas padrão e não-padrão; (iii) os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos; (iv) o uso de gêneros orais/escritos e (v) o ensino de casos concretos de variação linguística no Português Brasileiro. Os livros foram avaliados e discutidos considerando cada aspecto, portanto, o presente capítulo consta de dez seções.

4.1 Apresentação e objetivo inicial da coleção

Para esta análise, verificamos que tanto o manual do professor quanto o livro do aluno Geração Alpha - Língua Portuguesa das Séries Finais 8º e 9º ano possuem a mesma composição, qual seja: a apresentação, a estrutura e a organização, inclusive os mesmos textos de apoio, a única diferença está na exibição das competências gerais para cada unidade destacadas em nossa análise.

Para este percurso de análise, inicialmente, examinamos o sumário destinado exclusivamente ao educador. Este contempla a divisão e a subdivisão de tópicos, sendo expostas as respectivas explanações e nossas considerações:

Quadro 3: Explanações e considerações sobre o objetivo inicial do livro didático.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O OBJETIVO INICIAL DO LIVRO DIDÁTICO
A COLEÇÃO SOBRE:
1. A escola no século XXI e a educação para competências:
Para este título, o LD destaca, no manual do professor, que há décadas o ensino tem tomado novos rumos e que o professor deixou de ser o “detentor do conhecimento”, sendo o aluno, em meio ao mundo contemporâneo, o protagonista da construção de sua própria aprendizagem. Enfatiza, ainda, que as noções de habilidade e de competência vêm sendo amplamente debatidas na educação e defende que, ao promover o desenvolvimento das competências e habilidades, a educação do século XXI volta-se ao desafio de formar pessoas na ampla possibilidade de interação e de acesso ao conhecimento proporcionado

pelas inovações tecnológicas, à capacidade de buscar e selecionar informações para utilizá-las com propriedade e responsabilidade, de trabalhar em equipe para tomar decisões e, principalmente, de criar soluções para os problemas da vida em comunidade (LIVRO GERAÇÃO ALPHA, p. V).

Diante do exposto, percebemos que o LD observado, em sua teoria, está pactuando com os documentos oficiais para a educação, tanto com os PCNEF como a BNCC, pelo menos quanto à educação contemporânea, uma vez que ambos os documentos apregoam que o aluno deve ser o protagonista no processo de construção de seu conhecimento. Isso é pertinente à pesquisa, pois o LD deve se pautar nos documentos norteadores para a educação, cujos critérios de análise pelo PNLD se fizeram necessários à escolha da coleção.

2. Educação baseada em valores

Neste aspecto, o manual aborda que a educação baseada em valores deve ser parte integrante do trabalho voltado ao desenvolvimento de competências, permeando todas as relações estabelecidas no ambiente escolar, dentro e fora da sala de aula e, ainda, que a escola deve abordar não apenas o convívio em sociedade, mas propor uma reflexão sobre quais valores devem orientar os comportamentos das pessoas nos diferentes contextos sociais. Ainda sobre esse aspecto, o LD enfatiza a participação do educador, que é, também, responsável pelo desenvolvimento intelectual do aluno.

O manual trata que, durante o processo de aprendizagem, cabe ao professor incentivar o exercício da liberdade de pensamento e da responsabilidade dos alunos, a fim de que eles possam conquistar autonomia e se imbuir de noções de responsabilidade social. O professor deve estar atento às realidades de sua turma, propondo a discussão de temas locais, para que eles se percebam como parte da sociedade em que vivem, atuando como agentes transformadores. Por meio de uma prática didática intencional realizada durante a educação básica, os valores passarão a ter significado para os alunos, uma vez que são aprendizados levados à vida adulta.

Neste ponto, considerando o contexto para a Variação Linguística, o manual é oportuno, pois o papel do professor também é o de vislumbrar a realidade da LM do estudante intencionando gerar uma discussão dos níveis de linguagem existenciais à realidade deste, pois desafortunadamente, alguns alunos não dominam a LP, em alguns contextos de uso, muitas vezes porque o aluno sai da escola sem saber como se comportar em uma situação comunicativa que exige formalidade, o que poderia o professor de LP propiciar momentos de reflexão, em sala de aula, quanto ao uso dessa forma de linguagem, por exemplo.

3. A Base Nacional Comum Curricular

A coleção, em sua apresentação, mostra-se estar de acordo com todos os princípios que a BNCC propõe e estabelece a relação em contribuir para o aprendizado do aluno no desenvolvimento das dez competências gerais, listadas mais à frente neste texto.

Ainda em consonância com a BNCC, a proposta de ensino desta coleção ressalta que possui foco no desenvolvimento da capacidade de aprender a aprender e de aprender a conviver, de modo que o aluno tenha discernimento para lidar com a disponibilidade cada vez maior de informações, atue com ética e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplique conhecimentos para resolver problemas, tenha autonomia para tomar decisões e, principalmente, valorize e respeite as diferenças e as diversidades.

A COLEÇÃO SOBRE AS ESTRATÉGIAS E ABORDAGENS:

4. As interações disciplinares no ensino de Língua Portuguesa

A coleção destaca permitir o diálogo entre as diversas disciplinas, destaca oportunizar debates produtivos, pesquisas e ampliações culturais que favoreçam a interação disciplinar na escola. Ainda, ressalta que a diversidade de gêneros textuais possibilita a relação com diferentes componentes curriculares, tendo em vista que muitos textos, apresentados nesta coleção, podem correlacionar-se a outros temas.

5. Avaliação e autoavaliação

A coleção instrui tomar o texto como objeto de estudo e que a avaliação deve ser compreendida como atividade repleta de significação, ligada a experiências situadas que possam contribuir, de fato, para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno. Considera que evidencia a preocupação com uma avaliação menos acumulativa e mais processual. Destaca como *avaliação inicial* o levantamento de hipóteses por partes dos alunos na seção *Primeiras ideias*, também propõe a *avaliação reguladora* nas seções de *Atividades e Agora é com você!* e, por fim, a *avaliação final*, apresentada na seção *Atividades integradas*, cuja proposta de aplicação de conhecimentos construídos ao longo dos capítulos compõem cada unidade.

6. Investigação e Pesquisa

O Manual oportuniza situações em que o aluno é levado a refletir sobre diversas práticas de linguagem como a de estudo e pesquisa orientados pela BNCC e a investigar seu funcionamento, presentes na seção *Investigar*, cujo foco é o ensino de como fazer, ou seja,

uma abordagem metodológica das estratégias que o aluno deve realizar no desenvolvimento da pesquisa.

Temos, pois, um ponto significativo no manual, considerando a abordagem de reflexão sobre as diversas práticas da linguagem e a investigação do seu funcionamento, o aluno é incentivado a aprender a lidar com os contextos de uso da LM, de modo a analisar a variação linguística, nas mais diversas situações de uso, foco de nossa investigação, nesta dissertação de mestrado.

A COLEÇÃO SOBREA BNCC E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA:

7. As competências gerais da BNCC na coleção

Neste aspecto, a coleção elenca as competências gerais da BNCC presentes nas unidades propondo garantir aos alunos um conjunto de conhecimentos necessários à vida social. A seguir, listamos todas as competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, destacando-se, sobretudo, os itens 4 e 5 referentes à nossa pesquisa de cunho variacionista:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao (s) interlocutor (es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais (BRASIL, 2018).

Eis que, nas obras, em suas unidades, as competências estão assim distribuídas segundo os autores:

LIVRO GERAÇÃO ALPHA DE LINGUA PORTUGUESA 8º ANO

UNIDADES	TÍTULO DA UNIDADE		COMPETÊNCIAS GERAIS
	1	Conto de enigma e conto de terror	3 e 4
	2	Novela e romance de ficção científica	2, 3 e 5
	3	Diário íntimo, declaração e petição on-line	5, 8 e 9
	4	Verbetes de enciclopédia e dissertação acadêmica	1, 2 e 6
	5	Texto dramático	3 e 4
	6	Poema e poema visual	2 e 4
	7	Artigo de opinião e editorial	6, 7 e 8
	8	Carta do leitor e debate regrado	1 e 7
FINAL DO LIVRO			
Interação - simulação ONU		4, 9 e 10	
Interação - peça teatral		3, 4 e 10	

LIVRO GERAÇÃO ALPHA DE LINGUA PORTUGUESA 9º ANO

UNIDADES	TÍTULO DA UNIDADE		COMPETÊNCIAS GERAIS
	1	Conto psicológico e conto social	1 e 3
	2	Crônica e vlog de opinião	5 e 8
	3	Crônica esportiva e reportagem	1 e 6
	4	Reportagem de divulgação científica e infográfico	2 e 4
	5	Roteiro de TV e roteiro de cinema	3, 4, 5 e 8
	6	Artigo de opinião de lei	5 e 7
	7	Resenha crítica	5 e 7
	8	Anúncio publicitário e anúncio de propaganda	5 e 6
FINAL DO LIVRO			
Interação- canal e vídeos		4, 5, 9 e 10	
Interação- cineclube		9 e 10	

Fonte: De autoria própria, baseada nas informações do LD.

8. As competências específicas de Língua Portuguesa

Segundo o que está descrito no manual, as competências específicas são contempladas na coleção com base no trabalho com textos, que sinalizam ser o objeto de ensino. Enfatizam que nas leituras propostas, as questões objetivam desenvolver tanto as capacidades de compreensão quanto as discursivas ligadas à reflexão sobre o uso: interlocutores envolvidos, finalidade de comunicação, interesses em jogo etc. quanto à produção de textos focalizando os gêneros que circulam socialmente e estimula o protagonismo do aluno. Além dos estudos linguísticos, o manual destaca estimular a reflexão sobre o uso situado da língua e declara que essas propostas contribuem para o desenvolvimento do sujeito enquanto ser social.

9. Concepção de linguagem

Quanto à proposta da coleção, os autores assumem uma perspectiva de linguagem enunciativo-discursiva, o que para eles implica compreender que a produção de qualquer enunciado ocorre no interior de uma prática concreta, engendrada por sujeitos ativos que têm uma finalidade no momento da realização de seu discurso.

Nesta concepção, deparamo-nos com uma possível resposta a uma das questões de nossa pesquisa “o LD aborda o fenômeno da variação linguística?”, uma vez que o próprio manual destaca desenvolver dimensões discursivas, linguísticas e estilísticas na produção de discursos adequados às diferentes situações comunicativas, que também se refere à outra questão: o LD “faz referência, no conteúdo linguístico, às motivações linguísticas e extralinguísticas (usos regionais, gênero, classe social, escolaridade, idade, nível de formalidade, contexto situacional e interlocutor)?”, no que os mecanismos de linguagem propostos no LD devem partir dos diferentes contextos linguísticos existentes na comunidade de fala dos estudantes. Ressaltamos que se trata de análise preliminar, cujas observações pertinentes são acerca do objetivo do LD e que a aplicação intrínseca desta concepção consta no próximo subcapítulo.

10. As práticas de linguagem e os eixos

O manual explana que as práticas de linguagem da Língua Portuguesa estão no dia a dia de cada cidadão por meio de sua utilização, já que o seu uso está ancorado na interação entre os sujeitos e, portanto, no ensino de língua materna na escola, sendo necessária ter essa práxis em mente.

Assim, a coleção propicia o contato com diferentes práticas de linguagem e, baseadas nelas, os alunos refletem a língua em uso. Destaca que o LD obtém uma organização

do planejamento didático dos vários aspectos de cada uma dessas práticas com a utilização dos eixos de ensino – Leitura, Produção de textos, Oralidade e Análise linguística/Semiótica, descrevendo os aspectos relevantes para a prática de cada uma delas.

11. Os Campos de atuação

O Manual salienta que as práticas de linguagem realizadas, cotidianamente, ocorrem sempre no interior de um campo de atuação, ou seja, ligadas a contextos mais amplos dos quais participam, isto é, na família, no trabalho, na escola, no grupo de amigos etc., bem como aborda as escolhas linguísticas e de organização do discurso guiadas por esses espaços em que o enunciado é produzido.

Após as abordagens teóricas sobre o objetivo de cada tópico apresentado nas primeiras seções do manual do professor, a coleção trata de expor a distribuição de conteúdos nas seções de todas as séries dos Anos Finais. Também, de forma bem extensa, a coleção reproduz todas as práticas de linguagem, os objetos do conhecimento e todas as habilidades dos Anos Finais do Ensino Fundamental apresentados na BNCC.

Ainda como apoio ao professor com reflexões teóricas sobre o ensino e a língua, na seção *Textos de apoio*, a coleção disponibiliza seis textos relacionados ao ensino aprendizagem e, em seguida, consta o *Conheça o manual do professor em “formato U”* mostrando a organização das seções e dos boxes que trazem orientações à prática docente. Finalizando, no sumário destinado ao professor, também constam as orientações de cada atividade, além de ser disponibilizada a bibliografia de toda a orientação teórica dirigida ao professor.

4.1.1 Síntese do subcapítulo

Conforme observamos, o objetivo inicial apresentado pelo LD em suas propostas, teoricamente, condiz com o uso da língua nas diversas situações, pois sinalizam serem voltados aos discursos produzidos em função da situação almejada, ou seja, a comunicação que se quer transmitir entre os interlocutores, levando em consideração, portanto, a língua e suas variantes, porém, esta comprovação sobre a abordagem e o ensino da VL será exposta mais adiante em nossa pesquisa.

Quanto à estrutura e à organização do LD destinado ao aluno, percebemos que o livro tem uma significativa organização em seu sumário, unidades, títulos introdutórios e em cada seção de capítulos. Destacamos como de maior relevância as seções *Língua em estudo* e

A língua na real, especificamente, por serem, pelo menos em seus títulos, propensos ao estudo sobre o contexto de nossa pesquisa: o ensino da variação linguística.

Em suma, para além desse contexto de organização e objetivo da coleção, não percebemos um ensino voltado à VL, pelo menos no que se refere ao estudo da sociolinguística educacional, no entanto, enfatizamos que, ao longo da pesquisa, o nosso papel é o de contribuir com este ensino no conteúdo do LD, uma vez que se torna fundamental para a aprendizagem de LP, considerando a vivência e o uso linguístico de cada ser humano em atividade escolar.

Diante disso, ressaltamos ainda que o resultado positivo dessa abordagem, a variação linguística no LD, logicamente, somente será alcançada se, para o ensino de LP, for levado em consideração o contexto linguístico do educando, como corrobora Cyranka e Barroso (2018, p.28), em uma de suas concepções sobre as práticas bem-sucedidas de ensino da língua portuguesa. Salientam que, deve-se tomar a língua do aluno, quer seja na modalidade oral ou escrita, como objeto de ensino e reflexão para a aquisição da norma culta, ou seja, se o ensino for explorado de maneira em que o fenômeno da VL seja analisado face à realidade linguística dos alunos, estes terão o domínio de múltiplas variantes linguísticas, inclusive o da variante dita como culta, como conceituam as autoras.

4.2 Concepção de língua (gem)

Na primeira parte do manual do professor, em ambos os livros didáticos do 8º e 9º Ano, os autores apresentam uma perspectiva de linguagem enunciativo-discursiva e enfatizam que seu objetivo fundamental é o desenvolvimento das dimensões: discursiva, linguística e estilística do texto. Segundo os autores, a primeira compreende relacionar-se à capacidade de produzir discursos adequados às situações comunicativas; a segunda, aos conhecimentos sobre a língua que o sujeito domina e usa ao produzir seus textos; e a terceira, à condição de saber selecionar os recursos expressivos mais adequados aos objetivos e às finalidades do gênero e da situação de comunicação (manual do professor do 8º e 9º ano, sumário - tópico XIII, p.15).

Para Cavalcante Filho e Menezes Torga (2011), baseando-se na concepção do Círculo de Bakhtin¹⁷, sobre enunciado e discurso, perspectiva de base do LD em estudo, “entender a língua como discurso significa não ser possível desvinculá-la de seus falantes e de

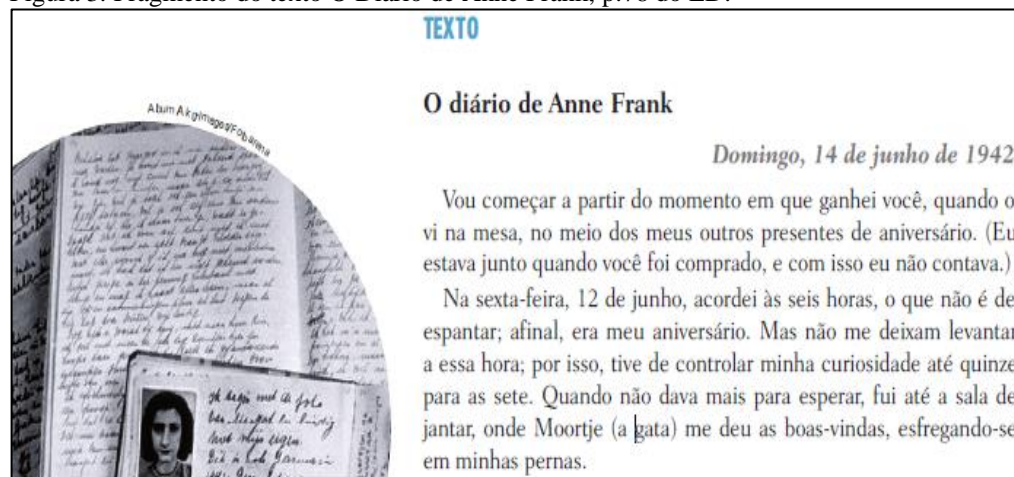
¹⁷ Círculo de Bakhtin é a denominação dada pelos pesquisadores ao grupo de intelectuais russos que se reunia regularmente no período de 1919 a 1974, dentre os quais Bakhtin fez parte. Para o pensador russo, a língua é uma atividade essencialmente social dada as condições inquestionáveis de comunicação entre os falantes. Bakhtin faleceu em 1975. Referência: CAVALCANTE FILHO; MENEZES TORGA, Língua, discurso, texto, dialogismo e sujeito, I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, Vitória-ES, 18 a 21 de outubro de 2011.

seus atos, das esferas sociais, dos valores ideológicos que a norteiam”, ou seja, neste contexto, a língua (gem) é significativamente o ato de mais pura relação do falante com o meio social de sua ‘comunidade de fala’, conforme Labov (1972). Neste íterim, é conveniente relacionar esse estudo com a nossa pesquisa sobre VL no livro didático de LP, uma vez que o falante (aluno) é usuário de sua língua materna dentro do domínio linguístico que lhe convém.

4.2.1 Língua Portuguesa- Geração Alpha/ 8º Ano

Vejam as observações do Livro Didático de Língua Portuguesa do 8º Ano. O capítulo 1, unidade 3, aborda o gênero *Diário pessoal* (gênero descrito para estudo no capítulo do livro). Neste capítulo consta um texto que exhibe trechos do livro *O Diário de Anne Frank* (Lançado em 1947, o diário da jovem, vítima dos nazistas na Segunda Guerra Mundial, tornou-se um dos livros mais conhecidos e lidos no mundo). No texto, os relatos são correspondentes a três dias do *diário de Anne Frank*. Abaixo, o trecho:

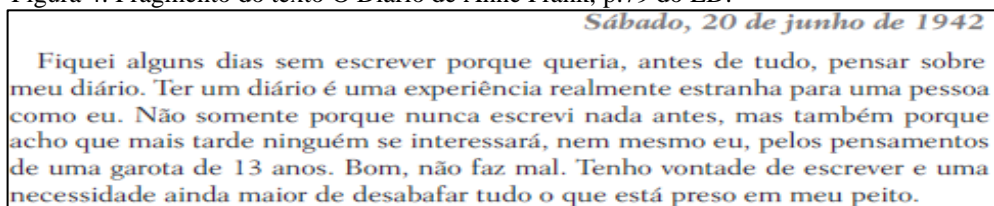
Figura 3: Fragmento do texto O Diário de Anne Frank, p.78 do LD.



Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 8º, 2ª Edição de 2018, p. 78.

A seguir, mais um trecho do texto *O diário de Anne Frank*, exposto no LD:

Figura 4: Fragmento do texto O Diário de Anne Frank, p.79 do LD.



Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 8º, 2ª Edição de 2018, p. 78.

Para o estudo linguístico do texto, pudemos perceber uma incógnita quanto à abordagem sobre a linguagem. A seguir, um fragmento da atividade relacionada ao texto para nossa análise:

Figura 5: Fragmento da atividade, seção de capítulo *A linguagem do texto* no LD, p. 83.

12. Identifique no texto três adjetivos relacionados a sentimentos de Anne Frank e associe o uso desses adjetivos com o gênero diário íntimo.

ANOTE AÍ!

Em um texto, quando se percebe o relato de **pensamentos** do autor, revelados nas frases opinativas, e também na escolha dos fatos relatados, na seleção do vocabulário, no emprego de determinados adjetivos, há uma criação de efeito de sentido de **subjetividade**. **Diários íntimos** são, então, textos predominantemente **subjetivos**, pois aquele que escreve procura apresentar uma **visão pessoal** dos fatos e o **valor** que atribui a eles.

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 8º, 2ª Edição de 2018, p. 83.

Na seção *A linguagem do texto*, em nenhuma questão da atividade dá-se relevância acerca das variantes da língua apresentadas no texto, pois pelas características do gênero, ou melhor, pela linguagem discursiva de quem o produziu (uma garota de 13 anos), compreende-se uma linguagem com fatores extralinguísticos (idade; sexo) que envolve a autora do discurso (Anne Frank) e isso não é levado em consideração, embora que, no boxe *Anote aí!* abordem o conceito de subjetividade, não consideraram, no texto, a análise dos aspectos linguísticos dominados e utilizados pelo falante. Por exemplo, quando a autora diz: “os bons momentos foram poucos e muito espaçados”, a jovem utilizou o termo ‘espaçado’ em vez de “com grandes intervalos de tempo”, pois em seu contexto de vida, para sua idade e seu domínio linguístico, essa determinada forma de falar (escrever) era dentro da normalidade diária.

Depreendemos ainda que, na questão da atividade apresentada no LD, embora os autores no boxe “*Anote aí!*” peçam, indiretamente, a percepção para estilo do texto (*relato de pensamentos; frases opinativas; predominantemente subjetivo; apresenta uma visão pessoal dos fatos...*), em outros termos, enfatizam os traços estilísticos (uma linguagem mais afetiva, subjetiva e expressiva), entretanto, não assinalam observações para as variantes do texto.

No boxe, não evidenciam que o contexto do gênero diário íntimo pode conter vocabulários ou expressões que correspondam a fatores de VL de domínio do falante, tal como na questão, pedir para observarem a ‘variação semântica’ existente, a título de exemplo, o sentido do fragmento “*desabafar tudo o que está preso em meu peito*” (5º parágrafo, p. 79). Serviria de base para perguntar ao aluno se ‘variação lexical’, como por exemplo, a palavra peito (vocabulário/léxico utilizado por Anne Frank) poderia ser substituída por outra? Dessa forma, apontariam diferentes maneiras de abordagem da VL no texto. Em todo esse contexto, ainda vale ressaltar que as cartas de Anne Frank são uma tradução, deste modo, a escolha lexical

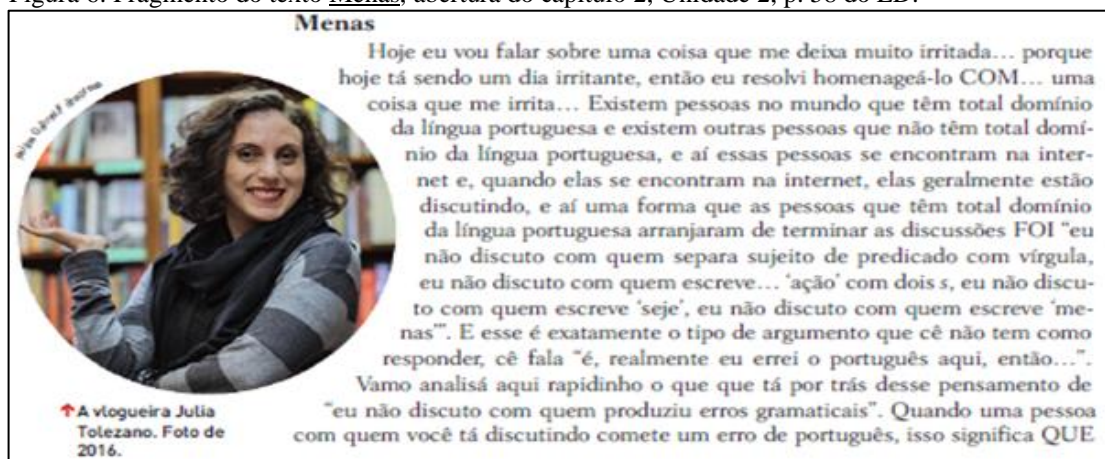
é do tradutor baseando-se no original, assim, apresenta-se outro ponto do qual poderia ser trabalhado, pois com a possibilidade de outras formas de tradução, suscitaria outras variantes para se dizer o que a autora escreveu em seu diário. Nesse sentido, corrobora Pozzani e Steffler (2016, p. 5) que, para estudar um texto “é essencial observar os pontos extratextos, os fenômenos extralinguísticos, porque o enunciado está para além da simples decodificação dos signos linguísticos.”

Diante disso, compreendemos que no LD de LP do 8º Ano, a concepção de linguagem volta-se ao desenvolvimento das dimensões: discursiva e estilística do texto, mas não faz referência à concepção explícita de língua (gem) no tocante às conexões estabelecidas entre a língua falada pelos indivíduos, assim como também não trata, significativamente, do ensino das variações linguísticas.

4.2.2 Língua Portuguesa - Geração Alpha/ 9º Ano

No LD de LP do 9º Ano, recorte do capítulo 2, unidade 2, que aborda o gênero *Vlog de opinião* (gênero descrito para estudo no capítulo do livro), em uma transcrição de um vídeo de Julia Tolezano, conhecida como JoutJout.¹⁸, pudemos perceber a relevância da linguagem abordada no texto, que trata justamente do domínio ou não da língua portuguesa, no sentido de compreendermos a necessidade do debate, em sala de aula, acerca do uso das variações linguísticas. Vejamos, a seguir, o fragmento de um texto do LD:

Figura 6: Fragmento do texto *Menas*, abertura do capítulo 2, Unidade 2, p. 58 do LD.



Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa, 2ª Edição de 2018, p. 58.

¹⁸ Julia Tolezano, a JoutJout – como é conhecida –, é fluminense e jornalista de formação. Começou a criar vlogs como um projeto pessoal, para vencer o medo que tinha de críticas. De forma didática e engraçada, ela grava seus vídeos em casa e expõe sua opinião sobre os mais variados assuntos. Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa, 2ª Edição de 2018, manual do professor, p. 140.

O exposto acima conduz a uma abordagem de língua no discurso de uma vlogueira que produziu o texto, cuja linguagem do dia a dia (coloquial) destaca a motivação para se discutir o uso da língua, uma espécie de metalinguagem no aprofundamento deste debate trazido no texto e que o LD é o suporte para esse tipo de atividade crítica ser desenvolvida, a exemplo do tópico *Texto em estudo*, como vemos a seguir, a título de ilustração:

Figura 7: Fragmento da atividade da seção de capítulo *Texto em estudo*, no LD, p. 59.

PARA ENTENDER O TEXTO

- O assunto que você imaginou com base no título foi tratado no texto? Explique.
- No *vlog* de opinião “Menas”, Julia Tolezano aborda uma questão relativa à língua portuguesa e a situa no espaço da internet.
 - Ela faz referência a “pessoas que têm total domínio da língua portuguesa” e a pessoas que não o têm. É possível um falante ter total domínio de sua língua? Justifique.
 - O conflito descrito pela vlogueira restringe-se à comunicação pela internet?
- A vlogueira se irrita com a estratégia que pessoas usam para discutir na internet.
 - Que estratégia é essa? Transcreva o trecho que a ilustra.
 - Essa estratégia revela a falta de argumento dessas pessoas. Por quê?
- Para comprovar seu ponto de vista, Julia Tolezano realiza um raciocínio. Acompanhe-o.

Raciocínio	Trecho
Um interlocutor que não “domina” a língua portuguesa não pode debater porque ele comete desvios...	A
... e as pessoas citadas não discutem com quem os comete.	B
As pessoas citadas já cometeram/cometem desvios.	C
É impossível não cometê-los.	D
Então as pessoas citadas também não podem debater. O resultado é que ninguém pode debater.	E

- Associe cada trecho abaixo a uma parte do raciocínio de Julia.
 - Porque erros de português vão acontecer na internet... principalmente no Twitter, que você não pode, você não tem caracteres o bastante pra acertar no português, né?
 - “Eu não discuto com quem separa sujeito de predicado com vírgula, eu não discuto com quem escreve... ‘ação’ com dois s, eu não discuto com quem escreve ‘seje’, eu não discuto com quem escreve ‘menas’.”
 - Isso sugere QUE uma pessoa que talvez não teve o acesso que essa outra pessoa teve à educação não pode entrar na discussão de nada.
 - E provavelmente essas pessoas que não discutem com quem cometeu erro de português já cometeram erro de português.
 - E aí comê que resolve essa questão?

Com a exposição das atividades acima, compreendemos que no LD de LP do 9º Ano, a concepção de linguagem para o ensino de LP faz a devida análise da língua (gem) e, sobretudo, das conexões estabelecidas entre a língua e o discurso do texto, neste caso, o gênero vlog de opinião, que aborda e trata da Língua Portuguesa em uso, inclusive, na referida atividade do *Texto em estudo*, alude à análise sobre o “erro de português” e o preconceito linguístico, servindo aos pressupostos para o ensino das variações linguísticas.

4.2.3 Síntese do subcapítulo

Nossa análise não se limitará apenas a estes determinados capítulos, os quais serviram de exemplos como forma de mostrar que os autores tratam da variação linguística, mas de forma sutil entre seus conteúdos e não como um propósito de levar a aquisição do português a partir do conhecimento das variedades linguísticas e extralinguísticas existentes. Salientamos que, a nosso ver, para além do ensino da gramática e conceitos de certo ou errado da língua, as abordagens nos LD de LP deveriam partir do trabalho com os mais variados contextos de uso da LM entre seus interlocutores, corroborando Pozzani e Steffler (2016) em que salientam:

No que se refere ao reconhecimento quanto às características estruturais, acredita-se que não se deva enfatizar somente a forma, já que essas são variáveis. Deve-se preocupar também com o modo como as atividades humanas estão organizadas em linguagem. Lembrando que a meta principal do processo ensino aprendizagem é levar o aluno ao domínio de sua língua materna (POZZANI; STEFFLER, 2016, p. 7).

Ademais, o que percebemos ao longo dessa análise nos LD (8º e 9º) de LP é que, mesmo com algumas atividades concebidas face à concepção de linguagem, o estudo da língua ainda resta superficial, haja vista que estamos tratando de maleabilidade, evolução, transitoriedade no quesito uso linguístico, quer dizer, eu posso me restringir a um léxico diferenciado, técnico, por exemplo, a depender da situação comunicativa, para me fazer entender, a título de ilustração: uma palestra proferida aos professores de Língua Portuguesa da rede pública de Reriutaba sobre norma padrão e não-padrão. Certamente, será motivo de curiosidade, pois todos já sabem falar e escrever a língua da qual são usuários desde pequenos, não sendo necessária uma palestra para tal conteúdo, é o que vão imaginar. Embora defendam adotar uma concepção de linguagem que “visa garantir tanto a associação entre textos e seus contextos de uso quanto à relação intrínseca entre o desenvolvimento de habilidades e as

práticas de leitura, escuta e produção textual” (manual do professor, sumário - tópico XIII, p.15), a metodologia apresentada no livro atende, superficialmente, a essas expectativas.

4.3 As normas padrão e não-padrão

Segundo Faraco (2008, p. 41), “uma norma, qualquer que seja, não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas linguísticas; ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas”, isto significa que esses valores estão inseridos em determinados grupos de falantes, ou seja, ‘comunidades de fala’, cujas práticas (normas) linguísticas os distinguem. Um fato indiscutível é que esses falantes também circulam, se movimentam em outros grupos, ou seja, um mesmo falante possui conhecimentos acerca de variadas normas que compõem cada grupo.

Dessa forma, podemos afirmar que não existe uma norma de exclusividade ou a mais certa, como salienta Bagno (2007, p.158), o fato de que “as normas linguísticas, como todas as normas sociais, mudam com o tempo e que de nada vale lutar contra essa mudança - mais sensato é tentar se adaptar a elas”. Ele ainda insiste:

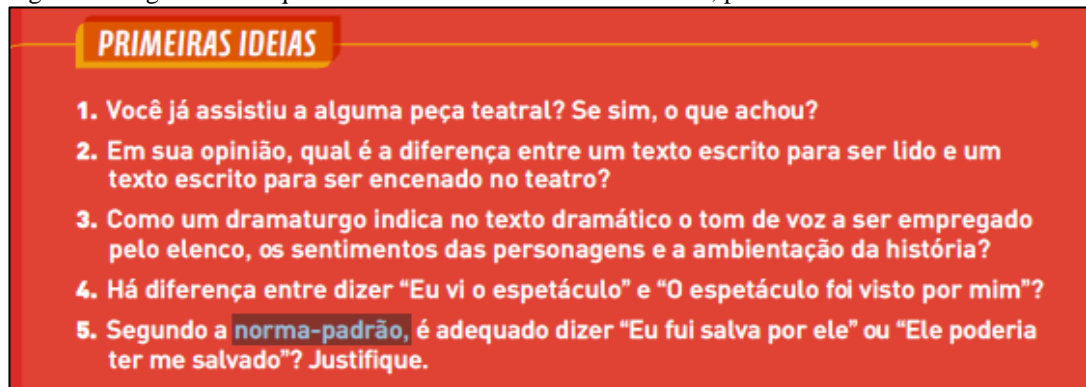
A tendência nas sociedades democráticas contemporâneas é para a revisão constante das normas de conduta e de convívio social, para que elas sejam adequadas às exigências da vida atual, para que não prejudiquem um segmento social em detrimento dos outros etc. (BAGNO, 2007, p.159).

Com esta observação de Bagno, notamos a necessidade de que os LD de Língua Portuguesa abordem essa problemática, no sentido de não existir uma norma linguística que se sobressaia das outras, mas de variedades linguísticas que devem ser apresentadas como as diferentes maneiras de comunicação entre os falantes de uma língua em suas comunidades.

4.3.1 Livro *Geração Alpha de Língua Portuguesa 8º Ano*

Para responder à questão se o LD de LP contempla as normas padrão e não-padrão, em nossa análise, fizemos alguns recortes de atividades do livro, no que destacamos a seguir, a título de ilustração, os questionamentos para a abertura da unidade 5, Gênero Texto dramático, extraído do livro geração Alpha de Língua Portuguesa:

Figura 8: Fragmento das questões de abertura da unidade 5 no LD, p. 59.

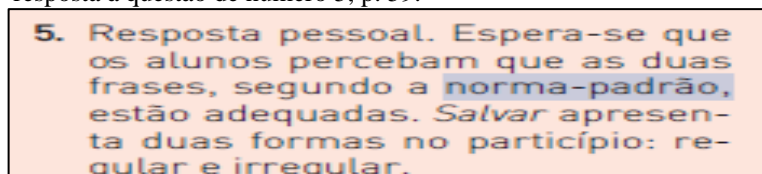


Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa, 8º ano, 2ª Edição de 2018, p. 59.

Essas cinco perguntas acima, constantes na atividade do LD de LP revelam a primazia de se analisar a variação linguística sob variados aspectos, senão vejamos: a oposição entre escrita *versus* fala, disposta em um gênero próprio para tal, que é o teatro, cuja encenação, eis a presença da oralidade a partir da escrita. Esse é o primeiro ponto. Na sequência, a variação em âmbito sintático disposto na estrutura (voz ativa *versus* voz passiva), em que na primeira, temos apenas uma forma verbal (estrutura, cuja ação indica o ato de ver o espetáculo) e, na segunda oração, temos o uso do auxiliar (ser) acrescido do particípio passado do verbo “ver” (visto), assim formando a perífrase verbal [foi visto], além da alternância da posição da função de sujeito “eu” para agente da passiva “por mim”. Ademais, o agente “espetáculo”, na segunda oração, se transforma em Objeto Direto da primeira. A isso, damos o nome de variação estilística. O mesmo direcionamento é trabalhado na questão 5, mas em uma variação estilístico-semântica, posto que na primeira oração “fui salva”, temos um evento finalizado, o que não acontece na segunda oração quando “poderia ter me salvado” está no âmbito da possibilidade e não é um fato realizado.

Neste sentido, logo abaixo destacamos, igualmente, a resposta à questão 5 do questionamento da atividade, cuja orientação para o professor se encontra no Manual dirigido a ele:

Figura 9: Orientação constante no Manual do Professor acerca da resposta à questão de número 5, p. 59.



Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa, 8º ano, 2ª Edição de 2018, p. 59.

Em seguida, os objetivos da unidade 5, capítulo 1, de acordo com as habilidades orientadas pela BNCC:

Figura 10: Mapa da unidade, objetivos do capítulo 1 do LD p. 150.

MAPA DA UNIDADE	OBJETIVOS	HABILIDADES
	CAPÍTULO 1 – DO LIVRO AO PALCO	
	Texto em estudo: Conhecer as principais características do gênero texto dramático; identificar a organização do texto dramático.	EF08LP16; EF89LP32; EF89LP34; EF89LP37; EF69LP44; EF69LP55
	Uma coisa puxa outra: Ler e compreender as características do gênero resenha; reconhecer o objetivo de uma resenha de peça teatral, que é o de levar o leitor a assistir a uma peça.	EF08LP16; EF69LP45
	Língua em estudo: Compreender os conceitos de voz passiva, ativa e reflexiva; reconhecer os sujeitos em orações; identificar em que voz o verbo está.	EF08LP08
	A língua na real: Compreender que o uso da voz verbal possibilita destacar aspectos diferentes de determinado fato.	EF08LP08
	Agora é com você!: Produzir um texto dramático; planejar a produção textual do texto dramático de acordo com suas características composicionais; elaborar rubricas claras para orientar a montagem da peça.	EF08LP08; EF08LP14; EF69LP50; EF69LP51; EF69LP55

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 8º, 2ª Edição de 2018, p. 150.

Na figura acima, referindo-se ao mapa da unidade com os objetivos de cada seção de capítulo, observamos que os tópicos (*Texto em estudo*) e (*Agora é com você!*) referem-se à habilidade EF69LP55, que na BNCC significa:

Figura 11: Código e conceito da BNCC para uma das habilidades de língua portuguesa, p. 161.

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

Fonte: BNCC, p. 161.

Seguidamente, abaixo, uma das atividades abordadas sobre a linguagem do texto (gênero dramático). Análise do texto *Terceiro ato (comédia de William Shakespeare - O Sonho de uma noite de verão)*:

Figura 12: Fragmento da atividade *A linguagem do texto* sobre o gênero dramático do capítulo 1 da unidade 5, p. 157.

14. Releia as falas de algumas personagens:

Personagem	Fala
Bute	"Minha senhora apaixonou-se por um monstro."
Oberon	"O que aprontaste? Tu te enganaste completamente, pingando o sumo do amor nos olhos de quem sente um amor verdadeiro."
Hércia	"E você, senhorita, todo esse tumulto é por sua causa. Nada disso, não se afaste."
Lisandro	"Faltou-me discernimento, quando a ela prometi o meu amor."

- O registro predominante na peça é formal ou informal? Indique exemplos que justifiquem sua resposta.

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 8º, 2ª Edição de 2018, p. 157.

Na sequência, observamos a resposta à questão 14 do questionamento da atividade, cuja orientação para o professor se encontra no Manual:

Figura 13: Orientação constante no Manual do Professor acerca da resposta à questão de número 14:

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS
14. O registro da peça é mais formal. Pode ser justificado pela época em que a peça foi escrita, no século XVI. Exemplos que justificam a resposta: "Minha senhora"; "Tu te enganaste"; "senhorita"; "Faltou-me discernimento".

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 8º, 2ª Edição de 2018, p. 157.

Percebemos que os autores sugerem estar de acordo com a BNCC, a objeção aqui é se realmente tratam da variação como o ponto de partida para análise dos textos. O texto está em uma linguagem mais formal, como salienta o LD com a justificativa, porém, nesta questão, seria oportuno fazer perguntas, como por exemplo: se a peça fosse escrita nos dias atuais, teria a mesma linguagem? Como ficaria o fragmento da fala do personagem Lisandro "*Faltou-me discernimento, quando a ela prometi o meu amor*", se fosse proferida por um garoto de 15 anos de idade? Que variedade linguística contempla este fragmento? (variedade histórica ou diacrônica) e assim trabalharia contextos sobre o fenômeno da variação linguística de acordo com o nível linguístico dos próprios alunos.

Notamos ainda que, o LD do 8º Ano, em suas atividades, e nas recomendações no Manual do Professor, dá ênfase ao ensino da norma padrão com a possibilidade de uso dos participípios, haja vista haver regra gramatical que determina usar o participípio regular (marcado pelas terminações -ado ou -ido) com os verbos ter e haver, por exemplo: "Ele tinha salvado o arquivo" e "Ela havia prendido o dedo". Já com os verbos ser e estar, o emprego é da forma irregular, exemplos: "Ele foi salvo por um herói" e "Os bandidos estão presos". Vejamos, a seguir, a questão de uma das atividades que fazem essa alusão:

Figura 14: Fragmento da atividade *Escrita em pauta* sobre o gênero dramático do capítulo 2 da unidade 5.

5. Leia este título:

Piloto perde controle, mas vence rali: "pensei que não tinha ganhado"

Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/velocidade/ultimas-noticias/2017/03/13/piloto-de-rali-perde-controle-a-metros-do-fim-mas-se-recupera-e-vence.htm>>. Acesso em: 6 set. 2018.

a) A fala do piloto está de acordo com a **norma-padrão?** Justifique.

b) **Reescreva-a, empregando a forma irregular do participípio do verbo ganhar.**

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 8º, 2ª Edição de 2018, p. 175

A resposta sugerida no Manual do Professor para a questão 5 está disposta a seguir.

Figura 15: Orientação constante no Manual do Professor acerca da resposta à questão 5.

5. a) Sim. O verbo *ganhar* é abundante; logo, podem ser empregadas as duas formas de particípio.
b) Pensei que não tinha ganho.

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 8º, 2ª Edição de 2018, p. 175.

No entanto, a explanação para o professor deveria ser mais abrangente, no sentido de mostrar que para outros verbos, como ganhar (caso da questão), além de verbos como pagar e pegar, a tendência moderna é o uso cada vez maior do particípio irregular (ganho, pago e pego, respectivamente) seja lá qual for o verbo antecessor. A título de ilustração, temos: "Ele havia ganho muitos presentes" e "Ele tinha ganho muitos presentes". Essa desobediência não constitui erro. É considerada pelos estudiosos um movimento natural da língua e que deveria ser trabalhado pelo professor em sala de aula se a isso ele fosse exposto.

Abaixo, apresentamos um recorte da unidade 1, capítulo 1, tema sugerido *Mistério desvendado*, tópico “Agora é com você! Escrita de conto de Enigma”, para mostrar que nestas orientações didáticas, no Manual do Professor, percebemos mais uma relevância dada à abordagem das regras da norma-padrão.

Figura 16: Orientações didáticas para o docente no Manual do professor, p. 23.

• **Avaliação e reescrita do texto:** No fim da primeira versão do texto, oriente os alunos a reler o conto para identificar possíveis contradições, problemas de continuidade e falta de consistência no enredo. Lembre-os de que a existência de pistas falsas serve para desviar o raciocínio do leitor, mas não o do detetive. É isso que torna esse gênero tão interessante, pois o leitor passa a acreditar na genialidade do detetive e se surpreende com o inesperado. Procure organizar a avaliação em duas etapas. Na primeira, os alunos trocam os contos entre si para apreender com mais propriedade as partes da narrativa de enigma. Nessa etapa, sugira a eles que, ao ler os textos dos colegas, façam breves anotações acerca da história lida. Após a reescrita baseada nas sugestões do colega, faça a sua avaliação para identificar possíveis oportunidades de melhoria e corrigir eventuais desvios da **norma-padrão**. A reescrita com base nos critérios estabelecidos em classe poderá ser feita em casa.

• **Circulação:** No laboratório de informática, ajude os alunos a organizar o livro. Oriente-os a escolher os formatos de letras para os contos, a definir o padrão de títulos, a organizar um sumário e a produzir uma capa coerente com o ambiente de mistério que deve ter um livro de contos de enigma.

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 8º, 2ª Edição de 2018, p. 23.

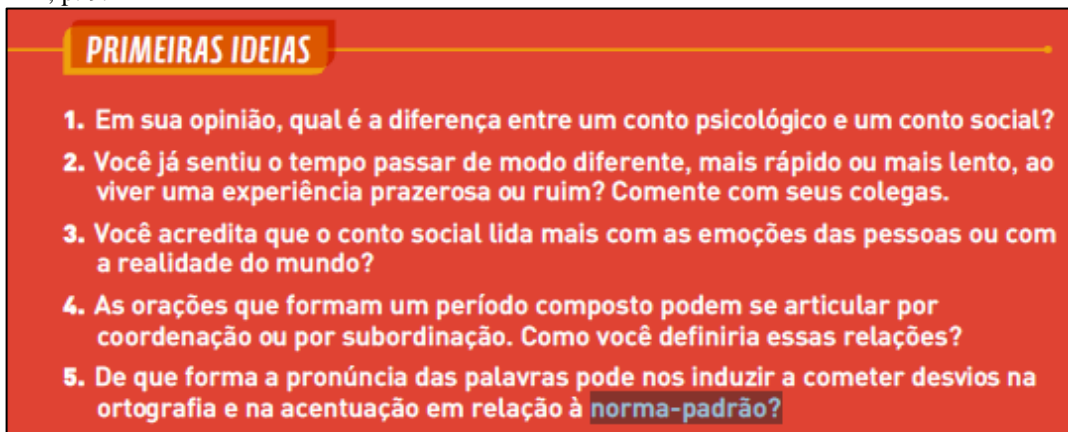
Dessa forma, compreendemos que o LD do 8º ano, se apropria, especialmente, da “norma-padrão”, a ‘variedade prestígio’ tanto em sua linguagem quanto para a motivação de

que os aprendizes a dominem, tratando, portanto, a variedade não-padrão da língua de maneira irrelevante.

4.3.2 Livro *Geração Alpha de Língua Portuguesa 9º Ano*

Partimos, agora, para as observações das orientações e embasamentos do livro *Geração Alpha de Língua Portuguesa do 9º Ano*. Abaixo, os questionamentos para a abertura da unidade 1, Gênero Conto psicológico e conto social, extraído do livro. Diferentemente da imagem 4 em que das cinco questões, três versaram sobre a possibilidade de desenvolver trabalhos e explicações acerca da variação linguística, nesta imagem das cinco questões, apenas uma merece ser explorada para o fenômeno em questão na nossa pesquisa, que é a questão 5:

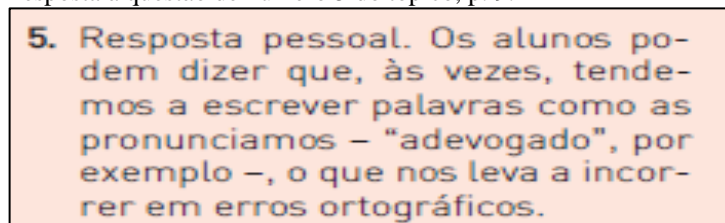
Figura 17: Fragmento contido na apresentação de capítulo, tópico primeiras ideias da Unidade 1 do LD, p. 9.



Fonte: Livro *Geração Alpha de Língua Portuguesa 9º*, 2ª Edição de 2018, p. 9.

Em seguida, no manual do professor, a orientação para a resposta 5 da questão versa:

Figura 18: Orientação constante no Manual do Professor acerca da resposta à questão de número 5 do tópico, p. 9.



Fonte: Livro *Geração Alpha de Língua Portuguesa 9º*, 2ª Edição de 2018, p. 9.

No entanto, para além dessas considerações, da ‘concepção de erro’ na linguagem, o professor poderia aproveitar para tratar de explicar a variação estilística que é regulada pelos domínios em que se dão as práticas sociais na escola, igreja, lar, trabalho, clube etc., bem como os papéis sociais envolvidos e monitorados a depender do evento comunicativo mediado pela língua escrita e/ou falada, como o caso do professor *versus* aluno; pais *versus* filhos etc., além do grau de variação concernente a esses fatores, conforme Görski e Coelho (2009, p. 78).

Na imagem a seguir, apresentamos os objetivos da unidade 1, capítulo 1, de acordo com as habilidades orientadas pela BNCC:

Figura 19: Objetivos do capítulo 1, Unidade 1, do LD, p. 10.

MAPA DA UNIDADE	OBJETIVOS	HABILIDADES
	CAPÍTULO 1 – Mergulho Interior	
	Texto em estudo: Conhecer as principais características do gênero conto psicológico; diferenciar a construção do tempo psicológico e do tempo cronológico em narrativas; identificar as intencionalidades das escolhas linguísticas na narrativa psicológica.	EF89LP33; EF89LP37; EF69LP47
	Uma coisa puxa outra: Analisar poema com temática sobre o universo infantil.	EF89LP37
	Língua em estudo: Diferenciar período composto por coordenação de período composto por subordinação; reconhecer as conjunções coordenativas e seus sentidos nas orações; identificar orações coordenadas e reconhecer sua expressividade e seus sentidos.	EF09LP08
	A língua na real: Reconhecer o valor geral de oposição da conjunção <i>mas</i> .	EF09LP08; EF09LP11; EF69LP05
	Agora é com você!: Escrever um conto psicológico, utilizando os recursos de linguagem adequados para obter a expressividade desejada; organizar uma coletânea de contos.	EF09LP04; EF09LP08; EF89LP35; EF69LP56

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 9º, 2ª Edição de 2018, p. 10.

Na figura acima, referindo-se ao mapa da unidade com os objetivos de cada seção de capítulo, destacamos o tópico (*Agora é com você!*), que se vincula à habilidade EF69LP56, significando na BNCC:

Figura 20: Código e conceito da BNCC para uma das habilidades de língua portuguesa

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Fonte: BNCC, p. 161.

Também, posteriormente, ao observarmos as questões do tópico *Linguagem do texto* para a abertura da unidade 3, capítulo 1, Gênero Crônica esportiva e reportagem, eis a nomenclatura “norma-padrão” exposta, aleatoriamente, sem a devida explicação do que seja esta expressão, pois o aluno poderia indagar ao professor – E o que é norma-padrão? Observe:

Figura 21: Fragmento da atividade tópico *Agora é com você!* capítulo1, Unidade 3, p. 87.

LINGUAGEM DO SEU TEXTO

1. Na crônica esportiva “Onde futebol é coisa de mulher”, várias conjunções e pronomes relativos foram utilizados para articular as orações. Cite um exemplo do texto que você leu nesta seção em que isso acontece.
2. Além do primeiro e do segundo parágrafo, que você já analisou, cite outro segmento da crônica em que adjuntos adverbiais tenham sido utilizados para relacionar diferentes parágrafos.

Ao escrever sua crônica, use adequadamente a **norma-padrão**, enriquecendo seu texto com conjunções, pronomes relativos e adjuntos adnominais, a fim de marcar a progressão dos conteúdos que você vai discutir.

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 9º, 2ª Edição de 2018, p. 87.

Destacamos, ainda, que após a proposta das duas questões para a escrita da crônica, a recomendação deixada pelos autores é de que os alunos devem escrever, adequadamente, utilizando-se da norma-padrão.

Na sequência, a orientação fornecida pelo Manual do Professor para a resposta 2 do questionamento sem maiores explicações acerca da ênfase à expressão *norma-padrão*, não se utiliza de explicações pormenorizadas quanto ao uso de uma ou outra forma linguística:

Figura 22: Orientação constante no Manual do Professor acerca da resposta à questão de número 2 do tópico, p. 87.

2. Ao longo da crônica, os diversos adjuntos adverbiais, especialmente os de tempo e de lugar, auxiliam na articulação entre os parágrafos. Professor, incentive diferentes alunos a apresentar suas respostas e aceite as que estiverem corretas.

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 9º, 2ª Edição de 2018, p. 87.

Evidenciamos que a atividade acima considera que o aluno tenha o domínio da norma-padrão para a escrita do texto crônica, inclusive, focalizamos na orientação ao professor, para a resposta 2 da questão, que o aconselha a aceitar apenas as que estiverem corretas. Ademais, verificamos que não há explicações detalhadas quanto ao termo norma-padrão. E se o aluno perguntar, o que vai explicar o professor diante de tal questão? Enfatizar o que seria regra e não o uso que se faz da língua? Justificar-se-iam explicar que, em uma perspectiva científica, as manifestações linguísticas são legítimas e previsíveis, ainda que exista flutuação estática, como explica Mollica (2021, p.13), “os padrões linguísticos estão sempre sujeitos à avaliação social positiva e negativa e, nessa medida, podem determinar o tipo de inserção do

falante na escola social”, ou seja, o padrão pode ser reconhecido por alguns falantes como língua legítima, na mesma medida que outras manifestações de fala também podem ser consideradas legítimas e positivas, obviamente, a depender da situação comunicativa em que o falante esteja inserido. Dessa forma, o professor poderia explicar que se considera a ‘norma-padrão’ umas das múltiplas variantes linguísticas existentes para promover uma comunicação entre interlocutores.

4.3.3 Síntese do subcapítulo

No LD de LP, a abordagem dos autores para o trabalho com os conhecimentos linguísticos, é que toda a obra “baseia-se no estudo de textos autênticos, permitindo aos alunos refletir sobre a língua e seus usos, reconhecer as variedades linguísticas e apropriar-se da norma padrão” (tópico XVII, manual do professor, p.19). No entanto, percebemos que os autores tratam, teoricamente, das variedades linguísticas, esclarecem que visam levar o aluno a conhecer essas variedades, porém, ao final da concepção dada sobre sua base de estudo tendem a priorizar o ensino da norma dita como padrão, culta. Será aqui uma aproximação da percepção de Bagno, sobre a análise de LD, o sutil preconceito linguístico? Para Bagno (2007), os LD tendem a “abordar a variação linguística, mostrar que a língua é heterogênea para, no final, insistir na preservação de um modelo idealizado de língua, de um padrão normativo extremamente rígido e conservador”.

Dessa forma, para a análise do uso de conhecimentos linguísticos, consideramos que o Livro Didático Geração Alpha de Língua Portuguesa do 8º e 9º Anos privilegiam, quanto ao objetivo do ensino de português, a “norma padrão” em detrimento do uso linguístico por seus usuários. Em todo o contexto didático, os LD de LP especificam termos como o de “apropriação da norma padrão da língua”. Embora que, a possibilidade da razão e explicação do uso destes termos seja porque o LD, em sua base teórica, ressalta estar de acordo com os pressupostos orientados pela BNCC, cuja composição de suas habilidades enfatiza tanto a terminologia *norma-padrão* quanto à orientação para o ensino e o reconhecimento de suas regras e normas em situações de fala e escrita a serem utilizadas.

4.4 Condicionamentos linguísticos e extralinguísticos

Ao buscarmos o entendimento de como analisar os livros em sua abordagem sobre os condicionamentos que influenciam o fenômeno da variação linguística, trouxemos o que

Coelho (2010) corrobora para esta compreensão, subjugando que os condicionadores ajudam na análise e delimitação de quais são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo, divide-os em dois grandes grupos, os de aspectos internos ao sistema linguístico ou os externos a ele. Os internos, que também são chamados de condicionadores linguísticos (a ordem dos constituintes, a categoria das palavras ou construções envolvidas, aspectos semânticos etc.). No segundo caso, os externos, também chamados de condicionadores extralinguísticos ou sociais, os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante (COELHO, 2010, p. 28).

Percebemos ser importante essa inclusão significativa deste estudo em sala de aula, haja vista existir a variação, a mudança, um conjunto de parâmetros, um complexo estruturado de origens e níveis diversos. Mollica (2021) explica que os condicionamentos ocorrem no emprego de formas variantes, agem simultaneamente e emergem de dentro ou fora dos sistemas linguísticos, também, apresenta uma classificação dos fatores atuantes na variação: nas variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fonomorfo sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais que dizem a respeito às características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e do significado, bem como diversos subsistemas de uma língua.

Logo, nas variáveis externas à língua, a autora declara que, estes, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia, sexo) os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva). Salienta que, os do primeiro tipo referem-se a traços próprios aos falantes, enquanto os demais, a características circunstanciais que envolvem o falante, ora o evento de fala.

Mollica (2021) ainda declara que cabe a Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, já que nas ‘comunidades de fala’ existem os condicionadores linguísticos, isto é, suas variáveis. Alguns autores a exemplo de Bagno (2007) citam existirem nelas suas ‘gramaticalizações’ e, por isso, assinalamos a necessidade de que, em sala de aula, seja fundamental trabalhar a língua, bem como suas variedades inseridas no contexto social do aluno apresentando-os justamente seus fatores condicionantes.

Entretanto, não é apenas incumbência do professor colocar o aluno e seu contexto sociocultural no centro do eixo das questões pertinentes ao estudo da Língua Portuguesa, bem como fazer a introdução das facetas reais da língua para a absorção do conteúdo de português em sala de aula.

Se existem os manuais didáticos, Ebooks, canais de pesquisas, dentre outros meios de investimentos como apoio a rede de ensino para conduzir o alcance da aprendizagem dos

alunos, acreditamos que os docentes, como protagonistas do ensino em sala de aula, se utilizem destes materiais como base ao que realmente é primordial para o aluno aprender em se tratando de variação linguística, posto que os documentos norteadores de ensino fornecem subsídios para tal inclusão.

Ademais, o que queremos aqui destacar é de como fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam no contexto de comunicação dos falantes de uma língua e de como os alunos podem refletir sobre sua própria língua (gem) tendo como base essa exploração nos LD na compreensão desses aspectos.

Dessa forma, tratando dos LD que, embora forneçam um ensino voltado para obtenção do domínio da “norma-padrão” da Língua Portuguesa, o mais importante seria considerar e conceder o que Faraco (2008, p.164) chama de “uma pedagogia da língua” que supõe uma compreensão do funcionamento estrutural e social da língua, o que inferimos haver a inclusão da variação linguística. Posto isso, sabemos que os LD se baseiam nos documentos oficiais para a educação, que é o material didático de maior utilização pelos professores e que são os norteadores destes profissionais para o ensino de LP.


Neste sentido, os LD devem prever, em seu conteúdo, a reflexão sobre o uso da língua trazendo atividades inerentes aos condicionadores não só linguísticos, mas também extralinguísticos como os usos regionais, gênero, classe social, escolaridade, idade, nível de formalidade, contexto situacional e interlocutor, a fim de apresentar as variedades da língua existentes em torno do aluno, assim como também explicar a variedade culta, que geralmente aparece no LD.

Nesse sentido, questionamos se são levados em consideração tanto os condicionadores linguísticos quanto os condicionadores extralinguísticos em seus conteúdos quanto à “pedagogia” sugerida nos LD para o ensino da Língua Portuguesa em suas atividades? Para nossa análise sobre essa pergunta, a seguir analisamos se nos LD da Coleção Geração Alpha de Língua Portuguesa (8º e 9º Ano), em suas propostas didáticas, apresentam esses condicionamentos.

4.4.1 Livro geração Alpha de língua portuguesa 8º Ano

Em relação aos fatores linguísticos e extralinguísticos no Livro Didático destinado ao 8º Ano, a atividade a seguir, inerente ao capítulo 1, unidade 6, que aborda o gênero *Poema e Poema Visual* (gênero descrito no capítulo) se apresenta:

Figura 23: Fragmento da atividade *Língua em estudo* sobre o gênero *Poema e Poema Visual* do capítulo 1, unidade 6, p. 190.



1. Leia a seguir outro poema escrito por João Cabral de Melo Neto.

O engenheiro

A luz, o sol, o ar livre envolvem o sonho do engenheiro. O engenheiro sonha coisas claras: Superfícies, tênis, um copo de água.	(Em certas tardes nós subíamos ao edifício. A cidade diária, como um jornal que todos liam, ganhava um pulmão de cimento e vidro.)
O lápis, o esquadro, o papel; o desenho, o projeto, o número: o engenheiro pensa o mundo justo, mundo que nenhum véu encobre.	A água, o vento, a claridade, de um lado o rio, no alto as nuvens, situavam na natureza o edifício crescendo de suas forças simples.

João Cabral de Melo Neto. O engenheiro. Em: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 69-70.

a) Esse poema apresenta uma reflexão sobre o ofício do engenheiro. De acordo com o texto, como o engenheiro pensa o mundo?

b) Na primeira estrofe, são enumeradas as "coisas claras" sonhadas pelo engenheiro. Quais são os três elementos indicados no poema?

c) João Cabral é considerado um poeta-engenheiro pela crítica literária. Em sua opinião, o que há em comum entre o trabalho do engenheiro e o ofício do poeta?

No poema "O engenheiro", ao acrescentar o verso "Superfícies, tênis, um copo de água", o poeta amplia o sentido da expressão *coisas claras*.

ANOTE AÍ!

O elemento sintático responsável por introduzir uma especificação, uma explicação ou uma enumeração referente a um termo da oração chama-se **aposto**. O aposto pode ser formado por uma palavra, expressão ou frase e aparecer antes ou depois do termo a que se refere.

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 8º, 2ª Edição de 2018, p. 190

A seguir, a orientação fornecida pelo Manual do Professor para a resposta aos questionamentos referentes à questão 1 do tópico:

Figura 24: Orientação no Manual do Professor acerca da resposta à questão de número 1 do tópico, p.190.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1. a) Com seus instrumentos (lápis, esquadro, papel, desenho, projeto e número), o engenheiro pensa em um mundo justo, projetado com grande rigor.

b) São superfícies, tênis e um copo de água.

c) Resposta pessoal. Professor, comente com os alunos que, como o engenheiro, o poeta lida com as formas para edificar sua obra (poema). Sua principal matéria-prima para essa construção é a palavra.

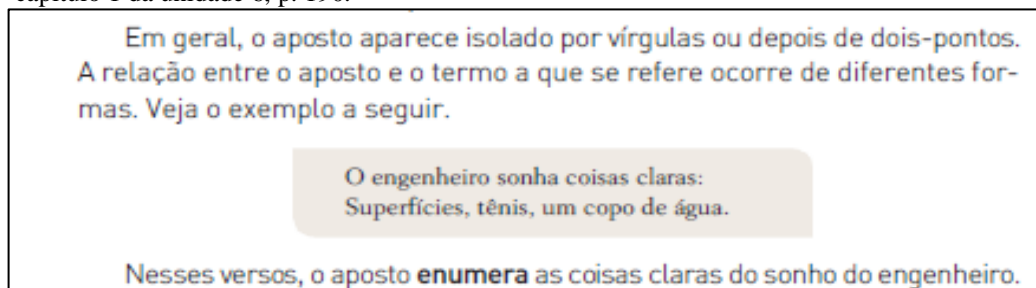
Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 9º, 2ª Edição de 2018, manual do professor, p. 190.

Utilizando como exemplo essa atividade, do tópico *Língua em estudo*, pudemos perceber a ausência da abordagem sobre as variações linguísticas, sobretudo, dos condicionamentos extralinguísticos que poderiam ser abordados. O que nos chama atenção é o fato de, na análise do texto, apenas constituir as seguintes propostas: no item (a), uma reflexão sobre “o ofício e o pensamento de um engenheiro”; no item (b), a observação para a correlação entre “coisas claras e os elementos referentes a este termo”; no item (c), a opinião sobre “o que há em comum entre o ofício do engenheiro e o do poeta”, em que se poderia abordar, para a ampliação de conhecimentos, essencialmente, a variação da língua, de modo a levar o aluno à reflexão, nesta mesma atividade, quanto aos seguintes questionamentos:

- a) *Existem diferenças entre a linguagem de um poeta e a de um engenheiro?* (Uma análise sobre letramentos - escolaridade)
- b) *Na voz de um poeta (na produção do poema) que elementos decifriam “coisas claras”?* (Uma análise sobre a linguagem do poeta – variação estilística)
- c) *Em outros contextos de comunicação é utilizada a palavra “coisa”. Você já mencionou essa palavra para se referir a algo? Se sim, exemplifique.* (Reflexão sobre o uso real da língua no cotidiano ou em sua comunidade de fala).
- d) *Diante do ofício (profissões) de um engenheiro e de um poeta, há diferenças salariais? Se você responde que sim, como se justifica isso?* (uma análise social/econômica)

E além desses questionamentos, percebemos que, no tópico *Anote aí!* Há uma apresentação sobre o *elemento sintático* o ‘aposto’ *e*, na questão seguinte a explicação (análise sintática) desse elemento, vejamos:

Figura 25: Fragmento da atividade *Língua em estudo* sobre o gênero *Poema e Poema Visual* do capítulo 1 da unidade 6, p. 190.



Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 8º, 2ª Edição de 2018, p. 190.

Destacamos que, diante dessa explicação, como uma forma de fazer o aluno compreender melhor o LD, utilizando-se de uma linguagem mais acessível, poderia abordar

essa questão de outra forma, por exemplo: *Nesse trecho do poema, se o autor colocasse “O engenheiro sonha coisas claras, superfícies, tênis e um copo com água”, os elementos indicados teriam o mesmo sentido?* (uma reflexão para que o aluno compreenda o sentido de um aposto na oração - espera-se que o aluno entenda que não, já que ‘coisas claras’ estariam enumeradas como um elemento constituinte do sonho e não como o termo subjetivo que abrange tais elementos).

Agora, observemos as orientações didáticas acerca do conteúdo abordado no tópico:

Figura 26: Orientação no Manual do Professor acerca do conteúdo abordado no tópico, p.190

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS	
<ul style="list-style-type: none"> • Na unidade 2, foram apresentados aos alunos dois termos acessórios da oração: o adjunto adnominal e o adjunto adverbial. Nesta seção, eles vão estudar outro termo acessório, o aposto. Para introduzir o assunto, incentive os alunos a apresentar exemplos de cada um dos termos acessórios já estudados. • Peça aos alunos que leiam o poema “O engenheiro”, de João Cabral de Melo Neto, e, em seguida, respondam aos itens da atividade 1. Proceda da mesma forma em relação à atividade 2. Essas atividades podem ser realizadas em duplas, para que os alunos discutam as respostas e se auxiliem mutuamente na compreensão dos conceitos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Corrija oralmente as atividades da seção e leia em voz alta o boxe <i>Anote aí!</i> que sistematiza o conceito de aposto. Aproveite para explicar que esse termo da oração pode ou não estar isolado de seu referente por meio de vírgulas. • Após introduzir o conceito de aposto e explicar seus tipos, solicite aos alunos que deem exemplos de orações em que haja termos que explicam, especificam, enumeram ou resumem pessoas ou objetos do cotidiano deles. É possível que destaquem atributos positivos ou negativos dos referentes, dependendo do ponto de vista de cada um. • Como a diferença entre o aposto e o adjunto adnominal pode gerar dúvidas, há uma sub-

Fonte: Livro Geração Alpha de LPdo 9º, 2ª Edição de 2018, p. 190.

Diante do exposto, a resposta à pergunta no início de nosso subcapítulo é que sim, o LD volta-se ao estudo de condicionadores linguísticos no texto (característica de gênero, semântica dos termos, análise sintática), contudo, de maneira superficial em se tratando dos fatores extralinguísticos (linguagem, semântica dos termos, letramento, diferenças sociais), instrumentos relevantes para o ensino da variação linguística no português brasileiro.


4.4.2 Livro geração Alpha de Língua Portuguesa 9º Ano

Quanto às observações referentes aos condicionamentos linguísticos e extralinguísticos no livro Geração Alpha de Língua Portuguesa do 9º Ano, extraímos um fragmento da unidade 3, capítulo 1, Gênero *Crônica esportiva e reportagem*, tópico: *Uma coisa puxa a outra*, cuja atividade indiretamente, demonstra uma observação, em seu contexto, a alguns condicionamentos, senão vejamos:

Averiguando a atividade abaixo, percebemos que, literalmente, aborda o gênero (feminino/masculino), cuja análise da linguagem do texto predispõe referir-se ao condicionamento extralinguístico, que é o fator sexo, observe:

Figura 27: Fragmento da atividade: *Uma coisa puxa a outra* no capítulo 1 da unidade 3, questões 1 e 2, p.80.

1. Observe a capa do manual a seguir e responda às questões.



UOL. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/album/2016/07/25/como-nao-ser-um-machista-em-contextos-esportivos.htm>>. Acesso em: 4 out. 2018.

- A que grupo esse manual é dirigido? Explique.

2. Considere a especificidade desse *Manual didático de como não ser machista em contextos esportivos*. Sabendo que ele foi divulgado em julho de 2016, que evento esportivo motivou sua criação? Essa circunstância limita a aplicação do manual a outros contextos? Explique sua resposta.

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 9º, 2ª Edição de 2018, p. 80.

No manual do professor, ao observarmos as instruções sobre as respostas referentes à atividade acima, encontramos:

Figura 28: Orientação no Manual do Professor acerca da resposta às questões de número 1 e 2 do tópico, p.80.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1. A homens, meninos, entre outras pessoas que, em geral, discriminam a presença da mulher no universo esportivo.
2. Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro. Espera-se que os alunos percebam que esse manual se aplica a diversos contextos, além das Olimpíadas.

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 9º, 2ª Edição de 2018, p. 80.

Nestas respostas, especialmente da questão de número 2, admite-se que o manual do professor pode abordar diversos contextos, a exemplo das orientações didáticas a seguir:

Figura 29: Orientação no Manual do Professor acerca do conteúdo abordado no tópico, p. 80.

<p>ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS</p> <p>Se necessário, para explorar o manual <i>Como não ser machista em contextos esportivos</i>, possibilite que os alunos naveguem na internet e peça a eles que acessem o manual (disponível em: <http://linkte.me/pono9>; acesso em: 10 jul. 2018). Depois, peça que respondam às questões desta seção. Após a correção coletiva, organize a turma em grupos e solicite a cada um que escreva o que diria aos colegas para erradicar ideias e comportamentos discriminatórios contra as mulheres. Por fim, solicite aos grupos que compartilhem e discutam os aspectos que apontaram.</p>	<p>DE OLHO NA BASE</p> <p>Competências específicas de Língua Portuguesa (CELP01) O estudo desenvolvido com o manual nesta seção auxilia os alunos a compreender a língua como um fenômeno cultural e social e a reconhecê-la como meio de construção de identidades de seus usuários e das comunidades a que pertencem.</p> <p>(CELP07) As atividades desta seção favorecem o reconhecimento do manual estudado como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.</p>
---	---

Fonte: Livro Geração Alpha de LP do 9º, 2ª Edição de 2018, p. 80, manual do professor.

Ao observar a imagem acima, no quesito *de olho na base* (destaque em vermelho), o LD vincula as orientações pertinentes na BNCC quanto à *competência específica de língua portuguesa número 01(CELP01)*. Ademais, destacamos mais um fragmento da atividade em que percebemos o trabalho com a variação:

Figura 30: Fragmento da atividade: *Uma coisa puxa a outra*, capítulo 1, unidade 3, questões de 7 -10, p. 81.

<p>7. Suponha que o manual apresentasse orientações como as que seguem.</p> <p>I. Respeite a capacidade das mulheres.</p> <p>II. Não trate a mulher como objeto.</p> <p>a) Que recomendações do manual poderiam fazer referência às orientações I e II?</p> <p>b) Que problema as orientações I e II apresentariam para atingir o público-alvo?</p> <p>8. Por que o manual é um gênero classificado como didático?</p> <p>9. Do ponto de vista linguístico, é adequado afirmar que o público imaginado para o manual é formado por meninos e homens? Explique com trechos do texto.</p> <p>10. Nas partes do manual, há a presença de uma <i>hashtag</i>.</p> <p>a) O que é dito nessa <i>hashtag</i>?</p> <p>b) A quem é recomendável o uso dessa <i>hashtag</i>? Por quê?</p>	<p>#QUEROTREINAREMPAZ</p> <p>CONTEXTO</p> <p>VOCÊ QUER FAZER UM COMENTÁRIO SOBRE UMA ATLETA BONITA.</p> <p>PRESCRIÇÃO</p> <p>NÃO TEM PROBLEMA NENHUM ADMIRAR A BELEZA, O PROBLEMA É SE AO FALAR DO ASSUNTO, A GENTE ESQUECE DE SEUS TALENTOS ESPORTIVOS OU TRATÁ-LOS COMO SECUNDÁRIOS. PREFIRA "JAQUELINE A ESTRELA DO VÔLEI" DO QUE "JAQUELINE A MUSA DO VÔLEI". AFINAL O QUE IMPORTA EM QUADRA É O TALENTO DELA.</p> <p>#QUEROTREINAREMPAZ</p>
---	--

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 9º, 2ª Edição de 2018, p. 81.

Na sequência, apresentamos as instruções no manual do professor sobre as respostas referentes a essa atividade:

Figura 31: Orientação no Manual do Professor acerca das respostas às questões de 7-10 do tópico: *Uma coisa puxa a outra*, capítulo 1, unidade 3, p. 81.

<p>7. a) A orientação I poderia fazer referência à 1ª, à 2ª e à 3ª recomendação. A orientação II refere-se à 2ª recomendação.</p> <p>b) São muito genéricas. O público-alvo talvez não associasse as orientações a situações concretas do esporte. Com isso, ficaria difícil rever o comportamento.</p> <p>8. Ele supõe situações baseadas na realidade e explica como agir nessas circunstâncias, facilitando a compreensão do leitor e garantindo a ação esperada.</p>	<p>9. Não. Na 1ª recomendação, “Você está discutindo um jogo com amigos”, o substantivo <i>amigos</i> pode englobar um grupo formado por homens e mulheres. Na 2ª recomendação, lê-se: “O problema é se [...] a gente esquecer de seus talentos esportivos [...]”, em que a expressão <i>a gente</i> não discrimina gênero e inclui o enunciador.</p> <p>10.a) É dito “quero treinar em paz”.</p> <p>b) É recomendável às mulheres, já que a forma verbal <i>quero</i> refere-se à própria pessoa que escreve.</p>
--	--

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 9º, 2ª Edição de 2018, p. 81.

Nesta atividade, especialmente, no texto, pudemos perceber uma propensão a discussão sobre fatores extralinguísticos para a análise da linguagem, a exemplo das frases: (a) “*Não tem problema nenhum admirar a beleza, o problema é se, ao falar do assunto, a gente esquecer de seus talentos esportivos ou tratá-los como secundários*” e (b) “*Quero treinar em paz*”. Para esse estudo, os fragmentos poderiam ser melhor aproveitados, tanto a análise dos fatores linguísticos quanto extralinguísticos, por exemplo, em questões como:

- a) *Ao ler o texto, com características femininas, em um manual didático, vemos um discurso informal (dirigindo-se aos homens quando assistem a um jogo de competições femininas), sendo escrito para outro contexto, que é um discurso mais formal (dirigindo-se aos governantes para exigir mais rigor a leis para mulheres). Como poderíamos substituir o termo “a gente” neste outro discurso? (uma reflexão sobre as várias maneiras de dizer a mesma coisa a depender da situação de uso – variação estilística ou a variação social);*
- b) *No fragmento do texto, o que a autora quis dizer com “esquecer de seus talentos esportivos ou tratá-los como secundários”? (observação para o sentido dos termos - análise semântico-pragmática);*
- c) *Em se tratando de agentes que compõem uma sociedade democrática, a quem é mais provável fazer esse tipo de reivindicação? (uma reflexão acerca da linguagem feminina em busca de mais respeito – variação social/fatores extralinguísticos - sexo);*

- d) *Qual a intenção do autor ao utilizar o símbolo(#), conhecido como hashtag, na frase “Quero treinar em paz”?* (observação para o sentido que o elemento traz ao texto - análise semântico-pragmática).

Dessa forma, no livro do 9º Ano, cujas questões apresentadas, bem como nas orientações didáticas e em algumas instruções para as respostas às atividades, há uma abordagem sobre a variação da língua, apesar de o fazerem de maneira sutil, a ponto de, possivelmente, não atingir um conhecimento apropriado sobre o fenômeno da variação através dos diferentes fatores extralinguísticos, embora o LD tenha até usado um elemento de bastante familiaridade do aluno atualmente como é o caso da *hashtag(#)*, que em consonância com este uso, aproxima o texto da realidade do aluno e, certamente, dá-lhe mais segurança nas respostas e argumentos acerca dos questionamentos formulados.

4.4.3 Síntese do subcapítulo

Diante de algumas atividades, inclusive as expostas em nossa análise, sobre se o LD do 8º e 9º Ano aborda os fatores linguísticos e extralinguísticos, sinalizamos a presença dos condicionamentos linguísticos na exploração dos conteúdos, no entanto, o que percebemos, ainda, é a superficialidade em tratar da variação relacionada à reflexão que o aluno pode fazer sobre a língua portuguesa e suas variantes.

Ao longo de nossa análise, constatamos que o LD de 9º Ano foi o que mais deu ênfase a esses condicionamentos, embora de maneira genérica, em suas atividades, mas, tratou de fatores que exploram o texto como, por exemplo, quem o escreveu, em qual suporte, no caso do texto de nossa análise (manual didático) e, por conseguinte, nessa última atividade, subtemos que tenham sido mulheres as autoras do texto, ou seja, um condicionador extralinguístico (sexo), também tratou do público imaginado, a quem é recomendável (aos homens que desrespeitam mulheres esportistas), assim como abordaram sobre a linguagem utilizada nos textos, de modo geral, como explicou Mollica (2021), sendo um fator contextual (grau de formalidade e tensão discursiva), o que merecia explicações acerca desses condicionantes linguísticos que interferem na interpretação textual.

No entanto, o LD do 8º Ano, não aborda de maneira clara condicionamentos extralinguísticos, assim como há questões que poderiam levar o aluno a compreender a contextualização desses fatores dentro das características e entrelinhas do texto, sobretudo, nos questionamentos das atividades. Portanto, os LD exploram, de maneira superficial

(insatisfatória), os condicionamentos extralinguísticos e abordando, sobremaneira, os linguísticos.

4.5 O uso de gêneros orais/escritos e o ensino de casos concretos de variação linguística no Português Brasileiro

Para iniciar nossa análise sobre o uso de gêneros orais/escritos nos casos concretos de variação no português brasileiro, apresentamos o que norteiam os PCN quanto a aprender e ensinar língua portuguesa (fala/escrita) na escola. No tocante ao **que cabe à escola ensinar sobre a fala**: Cabe ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais.

Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido “treinar” o uso mais formal da fala; **quanto ao ensino da escrita**: cabe ensinar a escrever, sob a observação e apresentação de textos de convívio verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários, uma vez que fora da escola escrevem-se textos dirigidos aos interlocutores de fato e que todo texto pertence a um determinado gênero, com uma forma própria, que se pode aprender.

Quando os textos são apresentados na escola, os que circulam socialmente cumprem um papel “modelizador”, servindo como fonte de referência, repertório textual, suporte da atividade intertextual, pois a diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno. (PCN, LP, p. 26; 28)

Sobre o ensino do componente Língua Portuguesa, Eixo Análise linguística/Semiótica, a BNCC instrui que, **as práticas de leitura/escuta e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos**, devem oportunizar situações de reflexão sobre a língua e as linguagens de uma forma geral, em que conceitos e regras operem concomitantemente construindo: comparação entre definições que permitam observar diferenças de recortes e ênfases na formulação de conceitos e regras; comparação de diferentes formas de dizer “a mesma coisa” e análise dos efeitos de sentido que essas formas podem trazer/ suscitar; que explorem os modos de significar, nos diferentes sistemas semióticos etc.

Salienta que, **cabe também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico**, pois podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades

estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BNCC, LP, p. 81).

Dessa forma, os documentos oficiais orientam para a exploração de gêneros orais e escritos (autênticos) dentro das salas de aula.

Para maior compreensão dessa discussão, a seguir, apresentamos um paralelo embasado por Marcuschi (2001) entre escrita e oralidade, em que a língua está em simbiose a partir de seu suporte seja ele oral ou escrito, haja vista a necessidade comunicativa do ser humano em seu percurso diário de vida:

Figura 32: Paralelo apresentado por Marcuschi (2010, p.19) entre escrita e oralidade.

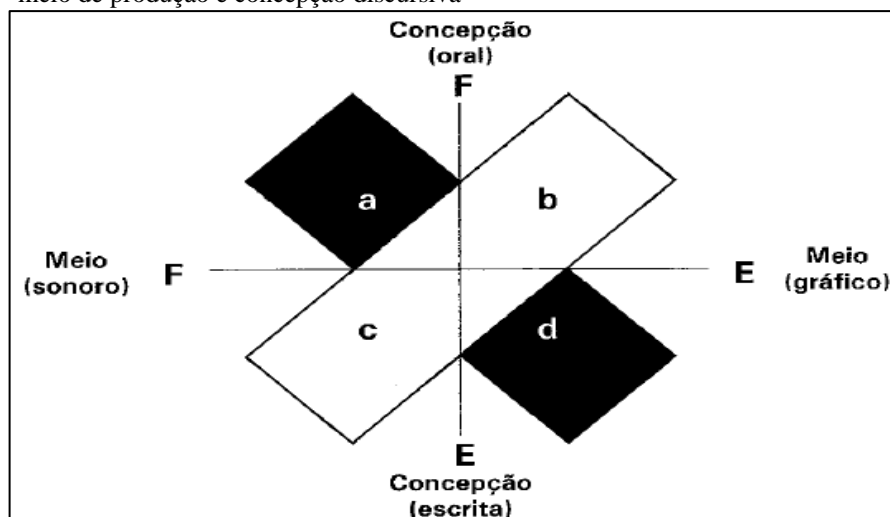
A escrita é usada em contextos sociais básicos da vida cotidiana, em paralelo direto com a oralidade. Estes contextos são, entre outros:

- *o trabalho*
- *a escola*
- *o dia a dia*
- *a família*
- *a vida burocrática*
- *a atividade intelectual*

Fonte: MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: a atividade de retextualização. 10ª ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

Ademais, um gráfico representativo, elaborado por Marcuschi, no qual “dá uma ideia das relações mistas dos gêneros a partir de alguns postulados, tais como: *meio e concepção*, tendo em vista que a fala é de concepção oral e meio sonoro, ao passo que a escrita é de concepção escrita e meio gráfico” (MARCUSCHI, 2010, p. 39).

Figura 33: Representação feita por Marcuschi (2010), da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva



Fonte: MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: a atividade de retextualização. 10ª ed. – São Paulo: Cortez, 2010, p. 39.

Diante desses apontamentos, o linguista ainda salienta que, “inevitáveis relações entre escrita e contexto devem existir, fazendo surgir tipos e formas textuais, bem como terminologias e expressões típicas”. Nessa correlação entre escrita, oralidade e contexto (MARCUSCHI, 2010, p. 19) ainda complementa: seria interessante que “a escola” tivesse mais conhecimento sobre (trabalhar oralidade, escrita e contexto) para enfrentar sua tarefa com maior preparo, servindo até mesmo de orientação na seleção de textos e definição de níveis de linguagem.

Nesse sentido, subentendemos que quando o linguista fala da ‘escola’, volta-se a ela como um todo, sobretudo, para os materiais didáticos como os LD, dentre outros que, em conjunto, são responsáveis por proporcionar e desenvolver o ensino aprendizagem nesta esfera.

Marcuschi (2010, p. 22) ainda levanta um questionamento de em quais contextos e condições de uso são usadas a oralidade e escrita na sociedade? Estes poderiam ser tomados por base (para as escolas) instaurando uma reflexão quanto ao uso destes meios de comunicação (fala e escrita) dependendo do contexto da ação comunicativa. Exemplificando estes contextos, Marcuschi (2010, p. 22) elenca as seguintes perguntas:

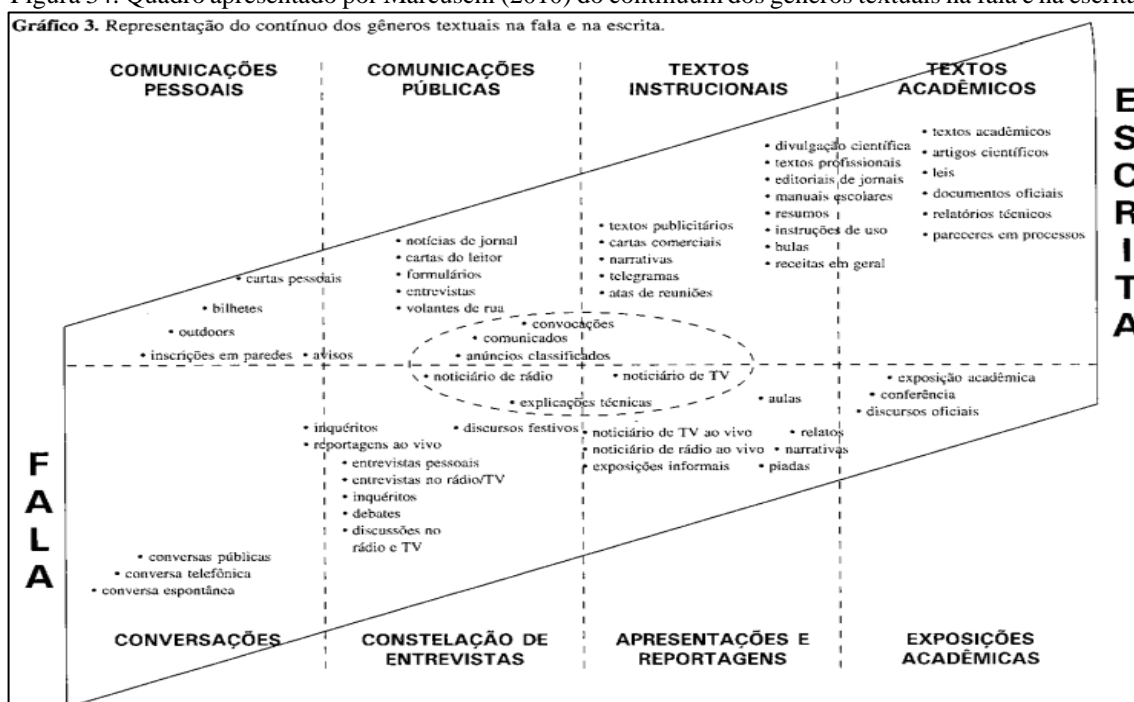
- 1) *Quais são as demandas básicas da escrita em nossa sociedade?*
- 2) *Em que condições e para que fins a escrita é usada?*
- 3) *Em que condições e para que fins a oralidade é usada?*
- 4) *Qual a interface entre a escola e a vida diária no que diz respeito à alfabetização?*
- 5) *Como se comportam os manuais escolares neste particular?*
- 6) *Que habilidades são ensinadas na escola e com que tipo de visão se passa à escrita?*
- 7) *O que é que o indivíduo aprende quando aprende a ler e escrever?* (grifos meus).

Perguntas pertinentes para que os autores de LD possam se basear quando buscam a intencionalidade dos conteúdos e atividades, sobretudo, dos textos com gêneros orais/escritos (casos concretos) para o ensino do português.

Ainda em atenção aos estudos da fala e da escrita, Marcuschi (2010) mostra as suas várias tendências, dentre elas, a perspectiva variacionista em que assinala a fala e a escrita apresentarem: *língua padrão/variedades não padrão; língua culta/língua coloquial; norma padrão/ normas não padrão.*

Marcuschi destaca que, nessa perspectiva, a variação se daria tanto na fala como na escrita, o que evitaria o equívoco de identificar a língua escrita como sendo a padrão (MARCUSCHI, 2010, p. 32), no que ele apresenta um continuum dos gêneros textuais na imagem a seguir, de modo a explicitar as variadas nuances a que a língua está submetida conforme o gênero a ser utilizado e de acordo com a situação comunicativa:

Figura 34: Quadro apresentado por Marcuschi (2010) do continuum dos gêneros textuais na fala e na escrita.



Fonte: MARCUSCHI, L. A. Da fala para escrita: a atividade de retextualização. 10ª ed. – São Paulo: Cortez, 2010, p. 41.

Esse contínuo, segundo o autor, equivale a dizer que tanto a fala como a escrita apresentam um *continuum de variações*, ou seja, *a fala varia e a escrita varia*, conforme o uso do gênero e a necessidade comunicativa, posto que o contínuo de gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita), segundo Marcuschi (2010, p. 42).

No entanto, Faraco (2008, p. 180) levanta outra discussão e reitera que o grande desafio é construir uma pedagogia da variação linguística que não ignore a realidade linguística do país, “reconheça-o como multilíngue e dê destaque crítico a variação social do português”; que perpassa um tratamento anedótico ou estereotipado aos fenômenos da variação; que observe adequadamente os fatos de norma no quadro amplo da variação e no contexto das práticas sociais que o pressupõem; que abandone criticamente o cultivo da norma-padrão e estimule a percepção do potencial estilístico e retórico dos fenômenos da variação.

Dessa forma, Faraco (2008) contribui com esse outro destaque significativo, o de ‘construir uma pedagogia da variação linguística’ para que os autores dos LD escolham textos de gêneros diversificados para o ensino das variações linguísticas. Portanto, partindo dessas premissas, analisamos como os textos dos LD Geração Alpha de Língua Portuguesa de 8º e 9º Ano, edição 2018 são trabalhados no domínio fala *versus* escrita quanto à variação linguística.

Tratamos de fazer alguns recortes de textos apresentados nos LD em que se poderia aproveitar para estabelecer atividades sob a ótica dos seguintes aspectos:

1. O contínuo dos gêneros textuais apresentados por Marcuschi (2010): tipologia de gênero; domínio de fala ou domínio da escrita; relações mistas entre a fala e a escrita; e qual o fator de impacto, a partir desse direcionamento, para o estudo das variações sejam linguísticas e/ou extralinguísticas?

2. As orientações dos documentos oficiais da educação: PCN (o que propõe para fala e o que propõe para a escrita); BNCC (quanto às práticas de leitura/escuta e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos); de que modo os documentos oficiais preconizam essa correlação para o estudo voltado às variações linguísticas?

3. Por fim, ao observar e analisar os textos sob o ângulo de utilizá-los conforme a necessidade comunicativa, há proposição de reflexão sobre a variação linguística (casos concretos da variação no português brasileiro) condicionados ao uso que o aluno faz da sua própria língua?

Explicitamos, mesmo que de modo genérico, as características imbuídas em cada texto e que seriam propícias ao trabalho de reflexão da variação linguística. Para melhor visualização e entendimento, enumeramos como (Texto 1; Texto 2) para detalharmos as observações.

4.5.1 Livro geração Alpha de Língua Portuguesa 8º Ano

Quanto à questão do uso de gêneros orais e escritos dentro dos conteúdos do LD e, sobretudo, suas exposições dentro das salas de aula, elencamos alguns exemplos como forma de explanação contextualizada sobre esse subcapítulo. Vejamos os textos a seguir:

Texto 1:

Figura 35: Texto da seção de atividades, capítulo 1, unidade 1 do LD do 8º Ano, p. 20

1. Leia o anúncio de propaganda abaixo.



PROCURA UM POSTO DE VACINAÇÃO NA SUA CIDADE E NÃO SE ESQUEÇA DE LEVAR O CARTÃO DA CRIANÇA.

← Cartaz de campanha de vacinação, do Ministério da Saúde.

a) No cartaz, a palavra *gotinhas* tem dois sentidos. Quais são eles? Explique.
 b) Qual é o sujeito da frase em destaque no cartaz? Como ele se classifica?
 c) Que palavras na frase indicam que o cartaz se dirige aos pais das crianças?

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 8º, 2ª Edição de 2018, p. 20.

Para o trabalho com a variação linguística, tratamos de mencionar o estilo em que o **contínuo de gêneros de Marcuschi (2010)** aparece, pois o texto é instrucional, ou seja, de orientação, com verbos no imperativo, mas que não denotam ordem e sim conselho a partir de um cartaz/campanha, cujo domínio prevaiente é o da escrita, com relações mistas entre fala e escrita (vacine seu filho; procure um posto; não se esqueça). Vemos, pois, o emprego do imperativo na condição muito mais de instrução que de ordem, haja vista a necessidade do objetivo a ser alcançado que é o de vacinar as crianças para proteção de doenças.

No que refere aos **PCN, quanto à fala**, é importante notar o direcionamento dado pelo documento oficial em relação à proposição do texto para uma situação comunicativa efetiva (instrução; semântica/vocabulário; a quem é recomendável) e, além disso, **quanto à escrita**, perceber o destaque dado pelo documento normatizador do ensino a relevância das características do texto para satisfazer as necessidades comunicativas a partir dos gêneros, a exemplo de um anúncio de propaganda (texto injuntivo, uso formal da língua; verbos no imperativo, mesmo que estes não tenham noção de ordem, como se costuma depreender pela estrutura).

Em relação ao outro documento oficial que preconiza o ensino de Língua Portuguesa, a **BNCC**, no que tange **às práticas de leitura/escuta e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos**, a reflexão sobre a variação linguística poderia ser identificada a partir da observação e formulação de conceitos e regras da língua (sujeitos da frase), no entanto, os autores nessa atividade, não incluíram nenhum questionamento sobre VL.

No tocante ao **Uso concreto do português brasileiro**, a variação linguística pode ser explorada na questão situacional de uso concreto da língua, pois o fato de estar escrito “O seu filho quer duas gotinhas da sua atenção” é um indício de modalização da escrita para a fala, no sentido de atrair o público para um assunto importante, que é a vacinação das crianças, de modo a evitar doenças. Está, pois, embutida, a necessidade de a criança ser vacinada; é como se fosse uma ordem disfarçada, mas o papel do gênero (propaganda) faz com que a informação seja suavizada, podendo ser escrita de outra forma: “Pais, vocês precisam vacinar seus filhos” ou “Pais, vocês devem vacinar seus filhos”. O gênero anúncio de propaganda, escrito em linguagem formal, no suporte cartaz afixado em postos e redes de saúde suscita diversas análises que poderiam ser empreendidas em sala de aula.

Texto 2:

Figura 36: Texto da seção *Uma coisa puxa a outra*, capítulo 1, unidade 8 do LD do 8º ano, p. 254.

Reivindicações de povos indígenas

O Brô MC's é o primeiro grupo brasileiro de *rap* indígena. Eles lançaram um CD, aclamado pela crítica, não apenas pela riqueza das letras, da música e do tema, como também pelo valor cultural do encontro inusitado entre o *rap* e a cultura indígena e entre a língua portuguesa, falada no Brasil, e a língua guarani. De estranhamento inicial, o *rap* indígena tornou-se uma forma de expressão e de atuação política.

Escritas em guarani, as letras de Brô MC's pretendem restituir o protagonismo da história do povo indígena. Para conhecer um pouco sobre a produção musical do grupo, leia a letra de *Koangagua*, reproduzida a seguir, ao lado de sua tradução para o português.

Koangagua	Nos dias de hoje (tradução)
Hai amoite ndoikua'ai mbaeve	Olha lá, eles não sabem de nada
Korap oguarê amoite tenonde	Esse <i>rap</i> chegou lá na frente
Apuka penderehe, nde ave reikotevê	Dou risada de vocês, agora que você precisa
Che ñe'e avamba'e oi chendive	Porque minha fala é forte e está comigo
Añe'e haetegua ndaikosei ndechagua	Falo a verdade, não quero ser que nem você
Aporahei opaichagua ajahechuka	Canto vários temas e isso que venho mostrando.
Ava mombeuha ava koangagua	Voz indígena é a voz de agora
Rap ochechuka upea ha'e tegua	O <i>rap</i> mostra o que é a verdade
Koa mombeuha ape oreteta	Essa é a verdade e aqui somos uma banca
Orejavegua ndo aleike repuka	E a nossa galera está com a gente, só não pode dar risada
Nandjara ochecha upea tuicha	Porque Deus está vendo e Ele é grande
Uperupi aha mombyryma aguata	E assim sigo em frente, já estou indo longe
Jaha ke ndeava ara ohasa	Vamos nós indígenas, porque o tempo está passando
Ndo aleike nderea upeicha javya	Só não pode cair, pra gente ser feliz
Jaikoporã ñande rekoporã	Pra gente viver bem, pra ter uma vida boa
Koanga jahecha ñande hente ovyapa	E com isso a gente vê nosso povo feliz
Ara ohasa upetcha che aha	O tempo está passando e assim vou caminhando.
Ymã ovyapa	Antigamente era muito mais feliz.
[...]	[...]

↓ Cena do clip da música
Koangagua, do Brô MC's.



Brô MC's. *Koangagua*. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=IBafJLZxT6s>>. Acesso em: 19 set. 2018.

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 8º, 2ª Edição de 2018, p. 254.

Apesar do gênero música não está entre os expostos no contínuo de **Marcuschi** (2010), deduzimos que ele se consolida entre Comunicações pessoais e Comunicações públicas (música), texto de domínio e relações totalmente mistas (sonoro, gráfico, fala e escrita), o que seria propício ao desenvolvimento do trabalho com a variação linguística em todos os níveis (fonético, morfológico, sintático, semântico, lexical e pragmático), sobretudo, ao comparar as línguas (indígena e português brasileiro, observando a seguinte frase “Korapoguarê amoite tenonde - Esse rap chegou lá na frente (tradução)”, certificamos de que a língua (gem), no rap, varia.

Abaixo são apresentadas algumas questões sobre a música Koangagua. Observe:

Figura 37: Fragmento da atividade da seção: *Uma coisa puxa a outra*, capítulo 1, unidade 8 do LD do 8º Ano, p. 255.

3. No trecho I, em *Nova gramática do português brasileiro*, o professor Ataliba T. de Castilho resgata a história dos indígenas e de suas línguas; no trecho II, os versos do rap “Nos dias de hoje” evidenciam a voz indígena. Após a leitura dos trechos, responda às questões.

I.
 À chegada dos portugueses, entre 1 e 6 milhões de indígenas povoavam o território, falando cerca de 300 línguas diferentes, de que sobrevivem hoje cerca de 160.
 CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 177.

II.
 Porque minha fala é forte e está comigo
 Falo a verdade, não quero ser que nem você
 Canto vários temas e isso que venho mostrando.
 Voz indígena é a voz de agora
 O rap mostra o que é a verdade

a) Que sentido assume a palavra *voz* no contexto do rap? O que há em comum entre a letra cantada pelo Brô MC's e o relato feito no trecho I?

b) Na sua opinião, qual é a importância de o Brô MC's cantar alguns raps em guarani?

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 8º, 2ª Edição de 2018, p. 255.

Dessa forma, em relação aos **PCN, no quesito fala** a partir do texto/música, somos levados a considerar variadas situações comunicativas, dentre elas, a de sentido sobre (língua; linguagem; semântica/vocabulário) considerando quem o produziu; a quem é recomendável, uma vez que estamos diante de duas línguas, cujas civilizações vão incidir sobre a língua utilizada enquanto código e, em face da **escrita**, de acordo com as características do gênero música, da escrita da língua Guarani e da informalidade através da tradução (observação ortográfica, expressão de ideias, uso informal da língua), condições que favorecem, por excelência, o estudo das variações linguísticas.

No tocante à **BNCC**, a relação **das práticas de leitura/escuta e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos**, o texto oportuniza situações de reflexão sobre a língua e as linguagens de uma forma geral (variações das línguas existentes no Brasil), além de possibilitar reflexões sobre a variação linguística, cujas considerações dos autores versam sobre os aspectos sociais e extralinguísticos (cultura/etnia) que demonstram o texto.


Para o **Uso concreto do português brasileiro** é importante notar que o texto é do gênero música, escrito na língua Guarani e traduzido para o português do Brasil, com a caracterização das manifestações artísticas, sobretudo, o rap, em que geralmente suas letras retratam a vulnerabilidade dos grupos sociais. Salientamos que, embora ‘uma coisa puxasse a outra’, questionamo-nos acerca dessa atividade que poderia ter explorado mais sobre a questão da VL na Língua Portuguesa.

4.5.2 Livro geração Alpha de língua portuguesa 9º Ano

As três imagens (36-38) sequenciadas desdobram-se nas atividades propostas pelos autores do LD e referem-se ao mesmo assunto.

Texto 1:

Figura 38: Texto de abertura do capítulo 1, unidade 2 do LD do 9º Ano, p. 44



3 de agosto de 1907

Tenho diante dos olhos uma carta em que me perguntam o que penso da questão ortográfica. Não sei por que não me perguntam o que penso também do último eclipse do sol ou da candidatura do general Taft à presidência dos Estados Unidos!

Tenho medo que me pelo das questões gramaticais, e é por isso que passo de largo quando brigam dois gramáticos. Se brigam três, não saio de casa.

Aqui há tempos, o Dr. Fausto Maldonado publicou em Carangola uma interessante brochura intitulada *Ortografia portuguesa* e mandou-me um exemplar, acompanhado de uma carta, dizendo-me que no prefácio da 2ª edição responderia à minha crítica. Tanto bastou para que eu não escrevesse nada sobre o livrinho, que, aliás, me proporcionou algumas horas de prazer intelectual.

Nada! Com gramáticos não quero eu brigas!

Nunca me hei de esquecer da célebre questão “faz – fazem”, que, há uns trinta anos, ou mais, se agitou no Maranhão, a terra em que os gramáticos mais proliferam.

Lembrou-se alguém de perguntar: Como se deve dizer: “fazem hoje dois anos” ou “faz hoje dois anos”?

Apareceram vinte respostas contraditórias: uns opinavam por “fazem”, outros por “faz”; estes afirmavam que se podiam empregar ambas as formas; aqueles opinavam que nenhuma delas era correta.

Essa diversidade de opiniões deu lugar a uma discussão que durou longos meses. A princípio, nenhum dos contendores saiu do terreno da urbanidade e da boa educação, mas não tardaram as invectivas, os doestos e, finalmente, as injúrias.

Imaginem se tratasse de uma questão [...] como a da reforma ortográfica!

[...] Entretanto, reconhecendo embora a conveniência de simplificar e uniformizar a ortografia portuguesa, não faço, pessoalmente, questão de sistema. Desde que eu entenda o que está grafado, e haja boa sintaxe, o resto pouco me importa – tanto me faz o “f” como o “ph”.

A simplificação ortográfica obedece a uma lei fatal da natureza, a lei do menor esforço, que tende a simplificar todas as coisas; tempo virá em que, quer queiram, quer não queiram, todas as palavras serão representadas pelo menor número possível de letras e sinais.

A. A.

Artur Azevedo. Artur Azevedo. São Paulo: Global, 2014. p. 325-326 (Coleção Melhores Crônicas).

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 9º, 2ª Edição de 2018, p. 44

O texto acima é uma crônica escrita há mais de um século para o jornal carioca *O País*, dispõe de observações sobre a língua, isto é, das mudanças que ocorreram em palavras e expressões no português do Brasil. Na sequência, questões de atividades pertinentes ao referido texto:

Figura 39: Fragmento da atividade da seção *Texto em estudo*, capítulo 1, unidade 2 do LD do 9º Ano, p. 45.

2. O quadro a seguir apresenta a estrutura da crônica lida. Copie-o e complete-o.

Parágrafo	Partes da crônica	Conteúdo de cada parte
1	Fato que motivou a crônica	Carta recebida pedindo a opinião do cronista sobre a reforma ortográfica
2	Reação do autor ao tema	Distância das brigas entre gramáticos
	Relato de experiência pessoal	
	Reação do autor ao tema	Distância de brigas com gramáticos
5 a 8	Exemplo relativo ao tema	
	Posição do autor sobre o tema	

3. Sobre o primeiro parágrafo, responda:

- Qual é o sentimento expresso pelo cronista acerca do conteúdo da carta?
- Como é possível identificar esse sentimento?

4. Releia o terceiro parágrafo e, depois, responda às questões.

- Em geral, com que intenção um autor ou uma editora enviam um livro recém-publicado para um cronista?
- Por que o cronista teve receio de escrever uma crítica à obra recebida?

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 9º, 2ª Edição de 2018, p. 45.

O box abaixo faz referência ao texto inicial do capítulo, a crônica escrita para o jornal carioca *O País*, p. 44 do LD e está contido no subcapítulo *A linguagem do texto*:

Figura 40: Texto da seção *Linguagem do texto*, boxe *Valores*, capítulo 1, unidade 2 do LD do 9º Ano, p. 47.

ALÉM DA NORMA-PADRÃO

A crônica lida apresenta o ponto de vista de um escritor, no início do século XX, em relação às regras ortográficas prescritas pela norma-padrão.

- O debate apresentado na crônica a respeito da reforma ortográfica se aproxima de que fato recente relacionado à língua? Justifique sua resposta.
- Para você, o direito das crianças e dos jovens à educação passa exclusivamente por seu direito ao domínio da norma-padrão?
- Faça uma pequena pesquisa sobre o direito à educação no Brasil e responda: Como nossos legisladores e administradores públicos poderiam garantir às crianças e aos jovens o acesso à educação?

Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 9º, 2ª Edição de 2018, p. 47.

No que tange à abordagem do gênero **Marcuschi** (2010), a variação linguística pode ser apresentada na diversidade de informações que a crônica possibilita para apresentações, haja vista que o texto tem características mistas (gráfico, fala e escrita). Em relação à fala, o documento oficial **PCN** dispõe que o texto é condição para o trabalho com a variação linguística na medida em que se veiculam situações comunicativas orais quanto ao uso das formas “faz” ou “fazem”, por exemplo. **Quanto à escrita**, o texto exhibe características do gênero crônica (fatos do cotidiano, humor crítico, uso coloquial versus formal etc).

Quanto à **BNCC**, as **práticas de leitura/escuta e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos**, o texto pode possibilitar a oportunidade de reflexão sobre situações linguísticas (variações da língua, o certo ou errado do português), além de ensejar discussões/questionamentos para que o aluno analise as variações no português brasileiro, a exemplo da variação diacrônica quanto à ortografia equivalente entre “ph” e “f”.

Em se tratando do **uso concreto do português brasileiro**, pudemos perceber que se trata de uma crônica, escrito na linguagem formal com informações metalinguísticas sobre a linguagem informal *versus* regras do português. Nos questionamentos das atividades e boxes é possível perceber uma reflexão e análise sobre casos concretos do português do Brasil, como por exemplo, em “Lembrou-se alguém de perguntar” (frase contida no texto - imagem 38) em vez de, *Alguém lembrou de perguntar* (uso no português do Brasil), que se pode vislumbrar a abordagem da VL em Língua Portuguesa.

Texto 2:

Figura 41: Texto da seção de atividades, capítulo 1, unidade 2 do LD do 9º Ano, p. 77.

↓ Seleção brasileira de rugby enfrentando a seleção francesa na Etapa Brasil do Circuito Mundial Feminino de Rugby Sevens, em 2016.

O QUE É RUGBY?

O esporte denominado futebol, no Brasil, é chamado de soccer nos Estados Unidos. Lá o termo *football* é empregado para designar outro esporte: aquele cuja bola é ovalada e no qual os jogadores usam capacete e ombreiras. No Brasil, referimo-nos a esse esporte como futebol americano.

O futebol americano surgiu como uma variação do *rugby* (aportuguesado como *rúgbi*). O *rugby*, por sua vez, surgiu na Inglaterra como uma variação do futebol – aquele tão difundido no Brasil.

Atualmente, futebol americano e *rugby* são modalidades diferentes. Cada um tem sua entidade diretiva e regras específicas, assim como as quadras e a bola.



Fonte: Livro Geração Alpha de Língua Portuguesa 9º, 2ª Edição de 2018, p. 77.

Para se ter uma abordagem de variação linguística baseada no **contínuo de gêneros de Marcuschi** (2010), eis as diferenças de sentido (variação estilística para uma ou outra

modalidade, a depender do país, quesito essencial quando se trata de contexto social, de civilização, que perpassa a língua, daí as nomenclaturas diversificadas com regras próprias. Logo, é um texto acoplado à imagem em que se pode trabalhar com o aluno a percepção multissemiótica, igualmente, classificado entre os *Textos instrucionais/ Apresentações e reportagens* (explicações técnicas), de domínio gráfico e escrito (O que é Rugby?);

Na relação com o documento oficial que preconiza o ensino de Língua Portuguesa, no Brasil, no caso os **PCN**, a dicotomia **fala versus escrita** é estabelecida em que na primeira, a abordagem da linguagem pode ser formal ou informal em um discurso e, na segunda, o texto tem propriedades técnicas, no sentido de explicar a terminologia em caráter informativo (uso formal da língua), que circula socialmente e serve de ‘modelizador’, como fonte de referência, repertório textual, suporte da atividade intertextual para o aluno.

Ainda considerando um documento oficial que normatiza o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, quanto à **BNCC, as práticas de leitura/escuta e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos** são relevantes, pois as várias formas de se dizer a mesma coisa (em nível semântico, mesmo que com regras do jogo divergentes) pode ser estudada a partir da observação dos conceitos empreendidos no texto, assim como das regras da língua (referimo-nos - pronomes oblíquos átonos que desempenham função sintática de complemento; apostos), na medida em que essas informações possibilitam reflexões sobre a variação linguística (o estrangeirismo presente - football; a palavra aportuguesado - futebol e mesmo o rugby, palavra totalmente diferente da estrutura que estamos convencidos a utilizar nas modalidades oral e escrita, no que se poderia deduzir que fosse um tipo de diamante, se não fosse a imagem para resguardar a sua significância), porém, os autores não construíram nenhuma questão de atividade sobre a variação linguística lexical, tendo o texto servido apenas de complemento a outro texto, de caráter mais informativo.

Em relação ao **Uso concreto do português brasileiro**, a motivação trazida por esse texto versa sobre uma explicação técnica, em linguagem formal, com informações do termo ‘rugby’, que poderia ter sido explorado na atividade no aspecto da variação linguística em termos lexicais, pois é utilizado em alguns países que praticam essa modalidade de jogo e que tem regras específicas, diferindo-se do futebol a que estamos acostumados a assistir no Brasil. Mais uma oportunidade que envolve língua e cultura, estando associadas para estudo no que tange, principalmente, aos fatores da variação linguística. Ademais, há um típico exemplo da informalidade da língua (o termo aportuguesado), apresentando um uso concreto “vocabular” da língua.

4.5.3 Síntese do subcapítulo

Na averiguação do ensino de textos que se baseiam em gêneros orais/escritos, sobretudo, de casos concretos português do Brasil no LD, tomamos por base alguns fatores para esta análise: Contínuo dos Gêneros de Marcuschi (2010); orientações dos PCN e da BNCC e a observação dos textos (casos concretos). Pudemos perceber que os LD “apostam”, de forma genérica, neste ensino, pois, embora coloquem textos que contenham variações da língua, não investem em questionamentos adequados que poderiam, de forma salutar, mostrar a amplitude da variedade da língua em todos seus contextos e modalidades de usos (fala/escrita) por meio de diversificados gêneros que se utilizam da oralidade e da escrita e, até mesmo, em natureza ‘mista’: sonoro, gráfico, fala e escrita.

No percurso desta nossa análise, constatamos, mais uma vez, que o LD de 9º Ano privilegiou as variações por meio dos gêneros textuais escolhidos para a determinada série, no que destacamos em algumas imagens apresentadas que se referiram às questões das atividades, enquanto o LD do 8º Ano não teve esse mesmo destaque para os fatores que envolvem a VL, pois os textos poderiam ser melhores aproveitados.

No LD do 9º Ano, fatores que condicionam a exploração do texto como, por exemplo, a reflexão *das hipóteses que levaram a opinião do autor (cronista) em relação à ortografia*, no texto, bem como *a simplificação da ortografia de palavras do português do Brasil (“ph” por “f”)*, dentre outros, sobressaíram-se. Salientamos que os textos de base (imagens referentes a fragmentos do livro - textos e atividades), para esta análise, foram os escolhidos neste subtópico do capítulo de nossa pesquisa e que as referências de observação pertencem, exclusivamente, a eles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de algumas considerações como: (i) a percepção do grau de dificuldade que os alunos apresentam no aprendizado da Língua Portuguesa no âmbito das escolas brasileiras, sobretudo, da cidade de Reriutaba-CE, onde ministrou essa disciplina; (ii) o livro didático ser um guia e um coadjuvante para este ensino; (iii) o pressuposto da Sociolinguística é de que a língua é heterogênea em função de suas múltiplas variedades, sociais, regionais e situacionais de comunicação; (iv) o ensino da língua materna deve provir da realidade concreta da fala e escrita utilizadas pelos falantes de uma língua a partir de seus fatores (linguísticos e extralinguísticos) que a condicionam, é que nos propomos a investigar de que modo os LD tratam o ensino da variação linguística.

O conhecimento das variedades linguísticas é fundamental no ensino da Língua Portuguesa, uma vez que para conceber e se posicionar frente aos estigmas deste ensino é preciso conduzir o aluno na obtenção de um domínio linguístico eficiente, de modo a garantir uma prática significativa de comunicação, nos diferentes contextos situacionais de uso, seja para a vida cotidiana, seja para as interações mais formais, a depender da necessidade. Por esse motivo, acreditamos que os LD, os maiores responsáveis em desenvolvimento de conteúdos voltados para o ensino da LP nas salas de aula, devem promover a reflexão sobre as distintas formas de manifestação de uso da língua, em seus textos e atividades, apresentando a realidade linguística contemplada no português brasileiro em diferentes comunidades de falas e salientar que nelas existem diferenças que merecem ser consideradas, observadas e pesquisadas, pois os falantes que nelas estão inseridos carregam seus aspectos socioculturais.

Diante disso, buscamos considerar as bases teóricas que elucidam os conceitos e abordagens sobre a flexibilidade linguística, haja vista muitos estudiosos se voltarem a tentar explicar os fenômenos das variações em uma língua. Labov ([1972] 2008), como precursor dos estudos variacionistas, apresentou uma nova perspectiva sobre a estrutura das línguas e, em particular, sobre os fenômenos de variação e mudança, trazendo à tona os questionamentos acerca da sociolinguística, teoria que alavancou debates e controvérsias entre os gramáticos, já que estes apontam por regras que devem ser seguidas, desconsiderando as variedades existentes. Labov investiu na pesquisa que postulou novos conceitos sobre a língua (gem), bem como tratou de uma concepção sobre os ‘padrões sociolinguísticos’ em volta das chamadas comunidades de fala, sistematizando de que forma acontece a variação e a mudança linguística, que emerge do contexto social em que o indivíduo está inserido.

Além desse renomado linguista a corroborar com este arcabouço teórico da sociolinguística variacionista, constamos, em nossa pesquisa, muitos outros que, também, contribuíram para este estudo como, Taralho (1986), Bagno (2007), Faraco (2008), Cyranka (2018), Bortoni-Ricardo (2020), Mollica (2021), dentre outros autores e trabalhos que compõem o estado da arte de nossa pesquisa como Coelho (2007), Lara (2010), Menezes (2014) e Vargas (2021). Enquanto a concepção estruturalista trata da língua como uma norma padrão a se seguir, estes autores impulsionaram o estudo sobre os diferentes comportamentos linguísticos e desencadearam reflexões sobre o uso da língua, inclusive, servindo de embasamento para documentos oficiais da educação no Brasil como, PCN, BNCC, pautando orientações de como o estudo da variação em Língua Portuguesa deve ser tratado dentro das escolas.

Nesse sentido, os estudos sociolinguísticos introduziram-se no âmbito educacional brasileiro, embora seja perceptível o fenômeno da variação dentro e fora do ambiente escolar, lamentavelmente, nunca era levado em consideração, já que para os padrões exigidos pela sociedade, a língua de prestígio era o português sem “erros”, estruturado por normas e sem abertura para questionamentos duvidosos sobre o que era certo ou errado falar ou escrever.

Dessa forma, com a valiosa teoria da variação, compreendemos que este estudo deve ser incorporado na realidade escolar, sobretudo, no ensino de Língua Portuguesa, de modo a permitir que não se continue disseminando preconceitos acerca da heterogeneidade linguística. Os alunos, por sua vez, necessitam compreender a língua sem estigmas, devendo equilibrar o aprendizado na adequação de sua fala na busca da competência comunicativa em seus diferentes contextos de uso. E, diante disso, é que nos detivemos a procurar soluções para a dinâmica do ensino de LP nas escolas em relação à variação linguística, posto que, mesmo sendo o português como o ensino prioritário nas escolas, ainda se encontra em defasagem tal domínio pelos estudantes e por essa razão, buscamos compreender o que desencadeia neles essa desmotivação face ao aprendizado da Língua Portuguesa.

Partindo da premissa de que a língua é heterogênea e não estanque e no intuito de encontrar uma maneira que facilite a aprendizagem da Língua Portuguesa pelos alunos, é que nos propomos a averiguar como é tratada a variação linguística nos LD, tendo em vista ser uma das ferramentas de maior familiaridade dos alunos, em sala de aula. Esse material, principal suporte de ensino auxiliando professores em sala, deveria apresentar conteúdos que se voltem ao ensino das diferentes variedades linguísticas existentes no Brasil, enfatizando a realidade linguística dos alunos.

A partir disso, nossa pesquisa buscou investigar como é tratada a variação linguística nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa, doravante LD, sobretudo, nos livros adotados pelas escolas de Reriutaba-CE, rede de ensino da qual faço parte como professora dessa disciplina. Nosso *corpus* foi constituído por duas obras da coleção Geração Alpha de Língua Portuguesa, compreendendo as séries Finais do Fundamental, 8º e 9º Anos.

No tocante ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa nas coleções, analisamos seu objetivo inicial, a concepção de língua (*gem*) adotada, de que forma abordam as normas padrão e não-padrão, se tratam, em seus conteúdos, dos condicionadores linguísticos e extralinguísticos e se estes materiais utilizam, em seus textos e atividades, os gêneros orais e escritos com casos concretos de uso no português brasileiro. Dessa forma, investigamos se, de fato, os LD contemplam o ensino da variação linguística, especialmente, os fatores extralinguísticos (classe social, faixa etária, sexo, situação comunicativa etc) em seu conteúdo e, ainda, atentamo-nos em averiguar se estes prestigiam a variedade culta e ‘padrão’ da língua.

Portanto, para o objetivo inicial, acentuamos que os LD expuseram em suas propostas, teoricamente, o ensino voltado ao uso da língua nas diversas situações comunicacionais, pois manifestaram voltar-se aos discursos produzidos em função da situação almejada na interação entre interlocutores em suas atividades e conteúdos transmitidos, dessa forma, a língua e os diversos fatores que a condicionam. Porém, o que constatamos, é que essa abordagem se estagnou muito mais em teorias que em práticas, não estamos dizendo que os LD, definitivamente, não contemplem esse estudo, mas que contemplam, de maneira superficial, a abordagem da variação linguística dentre vários conteúdos (aposto, uso de verbos etc.) introduzidos para o ensino de LP nos livros didáticos.

Quanto à concepção de língua (*gem*), percebemos durante o processo de análise, que os LD (8º e 9º) de LP, mesmo com algumas atividades concebidas face à concepção de linguagem enunciativo-discursiva não condizem totalmente com essa concepção. O livro do 8º Ano volta-se, geralmente, ao desenvolvimento das dimensões: discursiva e estilística do texto, mas não faz referência à concepção explícita de língua (*gem*) quanto às conexões estabelecidas entre a língua falada pelos indivíduos, assim como também não trata, significativamente, do ensino das variações linguísticas. No entanto, no livro do 9º Ano, percebemos uma maior relevância na análise da língua (*gem*) e, sobretudo, das conexões estabelecidas entre a língua e os discursos dos textos, pois, em algumas de suas atividades, aborda e trata da Língua Portuguesa em uso, inclusive, em observações feitas, propõe uma análise sobre o “erro de português” e o preconceito linguístico, servindo aos pressupostos para o ensino das variações linguísticas.

Sobre as normas padrão e não-padrão, constatamos que o LD do 8º Ano, se apropria, especialmente, da “norma-padrão”, a ‘variedade de prestígio’ tanto em sua linguagem (escrita) quanto para a motivação de que os aprendizes a dominem, tratando a variedade não-padrão da língua de maneira irrelevante. Quanto ao livro do 9º Ano, consideramos que, também, orienta para que o aluno se aproprie do domínio da norma-padrão para a escrita, focalizamos, inclusive, nas orientações dirigidas ao professor, o aconselhamento à aceitação como respostas corretas, apenas as que estiverem de acordo com a norma-padrão.

Quanto aos condicionamentos linguísticos e extralinguísticos, identificamos que o LD do 8º Ano se volta somente ao estudo de condicionadores linguísticos nos textos (característica de gênero, semântica, análise sintática etc), e deixando de enfatizar o estudo sobre fatores extralinguísticos (diferenças sociais etc), aspectos relevantes para o ensino da variação linguística. Por conseguinte, no livro do 9º Ano, apesar de abordarem, discretamente, a variação da língua, todavia, tratam de fatores que exploram o texto, por exemplo, a relação social entre os interlocutores (quem escreveu e para quem é destinado o texto). Quanto aos condicionadores extralinguísticos, destacam o sexo do emissor e receptor da mensagem dirigida, dentre outras observações feitas ao longo de nossa análise, ao passo que consideramos importante essa valorização da linguagem (com variação) introduzida nos textos, sobre a interação social dos indivíduos envolvidos na situação de comunicação, o que mostra a realidade concreta da língua em estudo.

Para a investigação sobre a abordagem do ensino de gêneros orais/escritos, sobretudo, de casos concretos de uso do português brasileiro no LD, tomamos por base os seguintes aspectos: o contínuo dos Gêneros de Marcuschi (2010); as orientações dos PCN e da BNCC; a observação dos textos com casos de uso concreto. Quanto aos referidos aspectos, os LD contemplam, mas, de maneira genérica, pois, embora tratem dos textos com variações da língua, não instigam o fenômeno com questionamentos adequados que poderiam expor as variedades nos contextos e modalidades de usos (fala/escrita), por meio de gêneros que explorem a oralidade e a escrita da língua. Isso seria de grande valia para este ensino, uma vez que levaria o aluno a perceber a existência de uma diversidade de usos, sem até mesmo que ele tenha observado e refletido sobre isso.

Nesse contexto, observamos que o LD do 8º Ano contempla textos que poderiam ser explorados, porém, não o fazem, de maneira que leve o aluno a apreciação dos fatores de VL dentro das características e reflexões sobre os textos. No entanto, o LD de 9º Ano, de maneira mais eficaz, dá ênfase a essas variações, através dos gêneros textuais apresentados,

pelo fato de não somente nos textos, mas também, em seus boxes com notas de explicação sobre o conteúdo, salienta valores relacionados ao não-padrão da língua.

Portanto, ao observarmos os LD de 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental, consideramos que mesmo com amplos estudos sobre a sociolinguística (teoria variacionista), esse ensino ainda é tratado superficialmente nos LD, apesar da flexibilidade, evolução e transitoriedade da língua e das comunidades de fala em que os próprios alunos estão inseridos. Entendemos que os LD devem apresentar, em seu conteúdo, a reflexão sobre a língua em sua heterogeneidade, bem como dispor de atividades que inspirem os alunos a analisar a língua que estudam. Almejamos que estes materiais introduzam atividades inerentes aos condicionadores, não só nos níveis linguísticos (lexicais, fonológicos, morfológicos e sintáticos), mas também nos extralinguísticos (usos regionais, gênero, classe social, escolaridade, faixa etária, nível de formalidade, contexto situacional e interlocutor), a fim de que apresentem um olhar mais significativo sobre os comportamentos linguísticos existentes no contexto sociocultural de comunicação do aluno, deixando-o mais seguro quanto ao domínio de diferentes discursos, sejam formais inerentes à variedade culta, sejam informais refletindo o cotidiano.

Diante das investigações, análises e conclusões obtidas em nossa pesquisa é que, tomando-as por base, detivemo-nos em produzir um caderno pedagógico como suporte ao professor para o ensino da variação linguística em sala de aula a partir de gêneros textuais como cordéis, músicas, textos do Instagram, dentre outros como forma de atrair os alunos, haja vista serem familiares e suprir a lacuna nos LD quanto à ausência de textos que explorassem a variação linguística. Além disso, houve a preocupação em evitar qualquer estigma social de fala e/ou escrita, a exemplo da música ‘A natureza das coisas’ apresentada no caderno.

Vale salientar que ao trazer o texto explicativo relacionado ao personagem Chico Bento, o nosso intuito foi o de mostrar as variedades existentes. Não quisemos, com isso, vincular determinada forma de falar ao pobre sertanejo, por exemplo. Essa abordagem linguística é uma opção, haja vista que os alunos podem se identificar, considerando a região onde está situada a escola: cidade de Reriutaba, interior do estado Ceará. Ao utilizar o personagem, destacamos não somente a língua, mas um fato sociocultural, presente em diferentes regiões de nosso país acerca da variedade linguística. Ao elaborar o caderno pedagógico, na idealização de oficinas, intentamos colaborar com o professor, tanto em suporte como em conteúdo, razão de nossa pesquisa sobre variação linguística.

Contudo, com base nesta presente pesquisa, observando os aspectos teóricos apresentados, assim como a análise dos livros, a nossa contribuição aos autores de LD, é de que ao selecionarem os conteúdos didáticos para suas obras, considerem o tratamento da variação

linguística, mais especificamente, no tocante à apresentação de textos com usos concretos da Língua Portuguesa, em seus diferentes dialetos, diferentes contextos situacionais e até mesmo em paralelo à explanação gramatical. É preciso que os autores de livros didáticos, além de explorar os aspectos da norma-padrão, da variedade culta da língua, apresentem, também, em suas propostas, tanto para o aluno quanto para o professor, o trabalho com a variação linguística, de modo a promover a reflexão da diversidade linguística percebida no português do Brasil.

Salientamos que os LD, exclusivamente, os da Geração Alpha de Língua Portuguesa do 8º e 9º Anos, são perfeitamente estruturados em sua elaboração e que jamais intentamos desqualificá-los, pois sabemos da grandiosidade do trabalho de produção desses materiais e, sobretudo, da dedicação de seus autores na pretensão de levar o ensino qualificado da Língua Portuguesa para as salas de aula do nosso país. O que nos convém, com esta pesquisa, é colaborar, significativamente, para a avaliação de materiais didáticos através das análises aqui apresentadas no tocante ao conteúdo de variação linguística ainda considerado periférico, mesmo tendo a língua como protagonista de nossas ações comunicativas diárias. Esperamos, igualmente, ter trazido contribuições, tanto para os profissionais de ensino no sentido de incentivá-los a perceber a língua como expressão de caráter heterogêneo, quanto para os autores de livros didáticos em propor textos e atividades de caráter autêntico sobre as variedades de nossa língua.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola editorial, 2007.
- BAGNO, M. Os impactos da BNCC para o ensino de línguas e literatura. **Web conferência de abertura da III Semana de Letras do Seridó**, Seridó: 03 de ago. 2021. Web disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g9qNypJBzew>.
- BORIN, M. A. **Sociolinguística**. Manancial- Repositório Digital da UFSM, Santa Maria, RS, Brasil: 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/16413>
- BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinalsite.pdf.
- BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação- FNDE, **Resolução Nº 42 de 28 de agosto de 2012**, Brasília: 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB**, Brasília: MEC/SEF, 20 de dez. de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB - Nº 12.796**, Brasília: MEC/SEF, 04 de Abr. de 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro e do Material Didático.- PNLD, **Decreto nº 9099, de 18 de julho de 2017**, Brasília: 2017. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/legislacoes/decretos>.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria do Ensino Fundamental, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria do Ensino Fundamental, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/INEP, 1998.
- CASTILHO, A. T. **A língua falada no ensino de português**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- CASTILHO, A. T. **O português do Brasil**. in R Ilari, *Linguística Romântica, com um ensaio de Ataliba T. de Castilho sobre “O Português do Brasil”*, 3. ed. São Paulo: 1999, p. 258-250.
- COELHO, I. L. **Sociolinguística / IzeteL Ehmkuhl Coelho ... [et al.]**. – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COELHO, P. M. C. R. **O tratamento da variação linguística nos livros didáticos de português**. Universidade de Brasília, Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Brasília: 2007.

CUNHA, M. A. F.; TAVARES, M. A. (org.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. [livro eletrônico]. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2016.

CYRANKA, L. F. M.; BARROSO, T. **A pedagogia da variação linguística na escola: experiências bem-sucedidas**. [livro eletrônico]. Londrina: EdueL, 2018.

CYRANKA, L. F. M.; OLIVEIRA, L.C. Sociolinguística educacional: ampliando a competência de uso da língua. **Revista SOLETRAS**, N. 26, ISSN: 2316-8838, jul.-dez. 2013.

DUBOIS, J. **Dicionário de Lingüística**. Trad. Frederico Pessoa de Barros, Gesuína Domenica Ferretti, John Robert Schmitz, Leonor Scliar Cabral, Maria Elisabeth Leuba Salum, Valter Kehdi. (Publicado originalmente em francês, sob o título Dictionnaire de linguistique. Paris: Larousse, 1973). 16. ed. São Paulo: Cultrix, p.653, 2011.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

FARACO, C. A. O tratamento “você” em português: uma abordagem histórica. Carlos Alberto Faraco, Dossiê Temático, Galego e português brasileiro: história, variação e mudança, **Labor Histórico**, Volume 3 - Número 2, Rio de Janeiro: jul./dez. 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo: **Opinião**, Inguinorança, 15 de maio de 2011 *versão online*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1505201103.htm>. Acesso em 08 de set. 2021.

FOLTRAN, M. J. Língua e ignorância. **Revista linguasagem**, São Carlos, v 17, n.1, 2011- ISSN: 1983 -6988. Língua e ignorância, por Maria José Foltran (Presidente da ABRALIN), 2011. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1140/664>. Acesso em: 08 de set. de 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria M. P. Scherre, Carolina R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editora, 2008 [1972].

LABOV, W. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931, 2007.

LARA, C. E. O. **O preconceito às avessas na linguagem: um estudo da variação linguística**. Dissertação (Mestrado em linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, outubro de 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/94562>

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para escrita: a atividade de retextualização**. 10. ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e escrita. **Signótica**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 119–146, 2009. DOI: 10.5216/sig. v 9 i1.7396. Disponível em: https://revistas.ufg.br/sig/article/matter/97805217_62854_frontmatter.pdf. Acesso em: 08 jan. 2023.

MAURER JR, T. H. Linguística Histórica. ALFA: **Revista de Linguística**. Vol.11, 1967.

MENESES, G. D. L. **O tratamento da variação linguística em livros didáticos** – estudos de caso do português culto. Universidade de São Paulo, Dissertação apresentada ao Departamento de Filologia e Língua Portuguesa, São Paulo: 2014.

MORAIS, C. G. O tratamento da diversidade e variação linguísticas em livros didáticos de Português. **Letras & Letras**, v. 31, n. 2, p. 188-210, 29 dez. 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/31464>. Acesso em: 17 dez. 2021.

NOGUEIRA, E. **Geração alpha língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais: 8º ano/** Everaldo Nogueira, Greta Marchetti, Maria Virgínia Scopacasa; Organizadora SM Educação; obra coletiva, desenvolvida e produzida por SM Educação; editora responsável Andressa Munique Paiva, -2. Ed. São Paulo: Edições SM, 2018.

NOGUEIRA, E. **Geração alpha língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais: 9º ano/** Everaldo Nogueira, Greta Marchetti, Maria Mirella L. Cleto; organizadora SM Educação; obra coletiva, desenvolvida e produzida pela SM Educação; editora responsável Andressa Munique Paiva, 2. Ed. São Paulo: Edições SM, 2018.

PORTO EDITORA – **Jean-Paul Dubois** na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-05-31 23:10:28]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$jean-paul-dubois](https://www.infopedia.pt/$jean-paul-dubois)

POZZANI, G. M.; STEFFLER, J. C. B. “**O Gênero diário pessoal: contexto e interdisciplinaridade no estudo da obra Diário de Anne Frank**”. In: Paraná, “Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor”, PDE. 2016.

SANTOS, I. M.; MENDES M. L. D.; PEREIRA, D. S. **A importância da sociolinguística variacionista na formação de professor de língua portuguesa**. GRUPO TIRADENTES, Portal de Eventos. ISSN: 2179-0663, v. 9, n. 1, 2016.

SAUSSURE, F. [1857-1913]. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. - 27. Ed. - São Paulo: Cultrix, 2006.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ed. Ática S.A., 1986.

TOMLINSON, B. **Materials development in language teaching**. [1998] edited by Brian Tomlinson. – 2nd ed. p. cm. – (Cambridge language teaching library) Cambridge: 2011. Disponível em: <https://assets.cambridge.org/97805217/62854/front>

VARGAS, G. **A variação linguística no livro didático.** V SENALLP - Seminário Nacional de Linguística e Ensino de Língua Portuguesa. Rio Grande do Norte: 2021. Disponível em: <https://senallp.furg.br/index.php/anais/23-a-variacao-linguistica-no-livro-didatico-gisele-vargasufpel.view/7396>. Acesso em: 4 jun. 2023.

APÊNDICE- CADERNO PEDAGÓGICO



CADERNO PEDAGÓGICO

**A variação
linguística:
ampliando minhas
habilidades.**

MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)
AUTORA: LEIDE DAIANE ANDRADE

ORIENTADORA: ALEXANDRA CASTRO
ANO: 2023

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO DO CADERNO	3
2	CADERNO DO ALUNO	6
2.1	SE LIGA NO QUE VOCÊ VAI APRENDER	7
2.2	OFICINA 1	8
2.2.1	<i>Apresentação e texto inicial</i>	8
2.2.2	<i>Compreendendo e interpretando o texto</i>	8
2.2.3	<i>Texto x gênero</i>	9
2.2.4	<i>Apropriando-se da língua (APOSTO e VOCATIVO)</i>	10
2.2.5	<i>Analisando os traços da língua(gem) do texto</i>	13
2.2.6	<i>Refletindo sobre a língua</i>	14
2.2.7	<i>Colocando as habilidades em prática</i>	15
2.3	OFICINA 2	18
2.3.1	<i>Apresentação e texto inicial</i>	18
2.3.2	<i>Compreendendo e interpretando o texto</i>	19
2.3.3	<i>Texto x gênero</i>	19
2.3.4	<i>Apropriando-se da língua (LINGUAGEM VERBAL E NÃO -VERBAL)</i>	21
2.3.5	<i>Analisando os traços da língua(gem) do texto</i>	23
2.3.6	<i>Refletindo sobre a língua</i>	24
2.3.7	<i>Colocando as habilidades em prática</i>	25
3	REFERÊNCIAS	28

4

1 APRESENTAÇÃO DO CADERNO

Caro(a) professor(a),

Com este caderno, pretendemos colaborar com o fortalecimento para aprendizagem da Língua Portuguesa de nossos jovens, sobretudo, das séries Finais do Ensino Fundamental. Uma análise sobre o tratamento da variação linguística nos livros didáticos nos revelou que ainda é preciso considerar o trabalho com a variação linguística nestes materiais para o ensino do português no Brasil, fator que norteou o planejamento deste material.

Nesse caderno, apresentamos abordagens de conteúdo baseadas tanto nas competências e habilidades norteadas pela BNCC, quanto no trabalho com os possíveis domínios linguísticos dos alunos, uma pedagogia da variação, partindo da realidade do estudante, pois assim, além de aprimorar seu desenvolvimento cognitivo, também, pode levá-lo a aprender e protagonizar seus discursos interacionais adequando-os às necessidades das diferentes situações de uso da língua.

Professor(a), utilizando este caderno, você pode planejar e executar uma sequência de atividades em conformidade com o estudo da variação linguística, analisar e perceber o desempenho dos alunos durante a resolução dos exercícios por seção. Faz-se pertinente debater e observar pontos específicos de dificuldade detectados, principalmente sobre as variedades linguísticas, no sentido de dar a esse aluno uma devolutiva completa dos exercícios e, assim, colaborar com o seu desempenho. A seguir, apresentaremos um resumo da estrutura deste caderno:

Para o professor:

De início, apresentaremos o planejamento de cada oficina: finalidade da aula, objeto do conhecimento, prática de linguagem, bem como as habilidades a serem atingidas e, ao longo do caderno, nas atividades, apresentaremos algumas sugestões sobre a abordagem dos conteúdos. Salientamos que, em cada questão, traremos uma sugestão de resposta para o aluno, uma maneira de, também, ajudar o professor quanto ao assunto tratado.

Para o aluno:

A apresentação da temática a ser abordada- Variação linguística. Apresentaremos alguns conceitos sobre as diferentes variações linguísticas para servir de apoio ao seu desempenho no decorrer das atividades abordadas. **Abertura da oficina-** apresentação do texto, de forma a sensibilizar o aluno para o conteúdo a ser tratado; **Texto inicial** - as características do gênero que vai ser estudado na oficina; **Compreendendo e interpretando-** esta propõe o trabalho com as habilidades de leitura e as características do gênero textual do texto inicial; **Texto x gênero** - dispõe de estudo de um gênero do texto proposto na seção; **Apropriando-se da língua-** esta propõe levar o aluno à uma reflexão para a construção do conhecimento sobre a LP; **A língua(gem) do texto-** esta seção propõe a ampliação dos conceitos sobre a LP por meio de diferentes situações de uso da língua; **Refletindo sobre a língua-** aprofundamento da temática discutida na oficina como forma de trazer uma reflexão acerca dos conteúdos abordados referentes às variedades linguísticas; **Colocando as habilidades em prática-** propõe ao estudante fazer atividades sobre todo o conteúdo abordado na oficina intercalando questões objetivas e questões subjetivas.

A sequência de atividades conta com uma jornada interessante de leitura de diferentes textos com assuntos do nosso cotidiano, além de permitir uma interação entre o conhecimento dos estudantes e o gênero do texto, como por exemplo, postagens do Instagram.

Destacamos que, ao longo do trabalho com os conteúdos e atividades apresentadas no caderno, colocamos pequenos quadros sobre a temática variação linguística, com abordagens de alguns estudiosos acerca dos conceitos e observações relevantes para o processo de aprendizagem da Língua Portuguesa.

A seguir, apresentamos a caracterização das oficinas 1 e 2 do caderno quanto à temática, ao campo de atuação, aos gêneros textuais/discursivos elencados no percurso estabelecido para esse caderno por meio da BNCC, documento base para o ensino, que norteia a produção dessas atividades.

OFICINA 1			
Campo de atuação:	Prática de linguagem	Turma:	Quantidade de aulas
Artístico-literário	-Leitura -Análise linguística	8º e 9º ano	6 horas aulas
Definição do Campo de atuação:	Este campo possibilita às crianças, aos adolescentes e aos jovens dos Anos Finais do Ensino Fundamental o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, oferecendo-lhes as condições necessárias para que possam compreendê-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica. Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade sociocultural e linguística.		
Objetos de conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos; • Reconstrução das condições de produção, circulação e recepção; • Apreciação e réplica; • <u>Adesão às práticas de leitura.</u> 		
Finalidade das aulas	Apresentar a língua em sua heterogeneidade por meio dos textos, além de analisar as possibilidades de efeitos de sentidos das estruturas linguísticas.	Habilidades	(EF69LP44) (EF69LP47) (EF69LP48) (EF69LP49) (EF69LP54)
Gêneros textuais trabalhados	Crônica, publicações do Instagram(memes) e tirinha.		

OFICINA 2			
Campo de atuação:	Prática de linguagem	Turma:	Quantidade de aulas
Campo jornalístico-midiático	-Leitura -Oralidade -Análise linguística	8º e 9º ano	6 horas aulas
Definição do Campo de atuação:	Este campo trata de ampliar e qualificar a participação das crianças, dos adolescentes e dos jovens nas práticas relativas ao trato com a informação e opinião, que estão no centro da esfera jornalística/midiática. Para além de construir conhecimentos e desenvolver habilidades envolvidas na escuta, leitura e produção de textos que circulam no campo, o que se pretende é propiciar experiências que permitam desenvolver nos adolescentes e nos jovens a sensibilidade para que se interessem pelos fatos que acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo e afetam as vidas das pessoas e, por conseguinte, que incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, de modo a desenvolver a autonomia e o pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos, na medida em que possam produzir textos de notícia e opinativos para participar de discussões e debates de forma ética e respeitosa.		
Objetos de conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos; • Reconstrução das condições de produção, circulação e recepção; • Participação em discussões orais de temas controversos de interesse da turma e/ou de relevância social • Construção composicional; Estilo. 		
Finalidade das aulas	(Re) conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos por meio de textos de diferentes esferas.	Habilidades	(EF69LP02) (EF69LP03) (EF69LP04) (EF69LP05) (EF69LP16) (EF69LP17)
Gêneros textuais trabalhados	Cordel, publicações do Instagram (memes e crítica), charge e cartum.		

2 CADERNO DO ALUNO

Caro(a) aluno(a),

É com muita alegria que apresentamos o caderno pedagógico “A variação linguística: ampliando meus conhecimentos”. Esse caderno é um convite para você desenvolver as habilidades em torno da Língua Portuguesa a partir de atividades significativas e interessantes – afinal, aprender sobre nossa língua pode e deve ser prazeroso.

Para nós, professores, é importante que a aprendizagem faça sentido: isso quer dizer que todas as atividades foram elaboradas pensando em você, porque nosso objetivo é que você se desenvolva e consiga projetar o caminho adequado ao seu futuro e ao esforço empreendido.

Este caderno será seu aliado em (re)conhecer os traços da Língua Portuguesa, sobretudo, das variações linguísticas. O principal, entretanto, é que ele desenvolva e amplie sua capacidade de se expressar e de falar com um discurso adequado às diferentes situações de comunicação.

O caderno apresenta a seguinte divisão:

A apresentação da temática a ser abordada- Variação linguística. Apresentamos alguns conceitos sobre as diferentes variações linguísticas para servir de apoio ao seu desempenho no decorrer das atividades abordadas. **Abertura da oficina-** apresentação do texto, de modo a despertar sua curiosidade acerca do conteúdo a ser tratado; **Texto inicial-** aborda as características do gênero que vai ser estudado na oficina; **Compreendendo e interpretando-** nesta seção, trabalhamos suas habilidades de leitura e as características do gênero textual do texto inicial; **Texto x gênero-** estudo sobre o gênero textual proposto na seção; **Apropriando-se da língua-** esta seção pretende levá-lo à uma reflexão para a construção do conhecimento sobre a LP; **A língua(gem) do texto** - propõe a ampliação dos conceitos sobre a LP por meio de diferentes situações de uso da língua; **Refletindo sobre a língua-** nesta seção, trazemos uma reflexão acerca dos conteúdos abordados na oficina, bem como as variedades linguísticas existentes em nossa língua, aprofundando a temática discutida na oficina; **Colocando as habilidades em prática-** nesta última seção, atividades são propostas sobre o conteúdo abordado na oficina, intercalando questões objetivas e questões subjetivas, no sentido de avaliar os conhecimentos adquiridos.

Vamos começar?

SE LIGA NO QUE VOCÊ VAI APRENDER

- Reconhecer as partes, o conteúdo temático e/ou a linguagem que caracterizam os gêneros de texto: crônica, postagens de instagram, cordel, tirinhas, charge, letra de canção, cartum;
- Identificar a variação linguística que é evidenciada entre os falantes;
- Reconhecer a importância da variedade linguística nas formas empregadas no texto para a construção dos efeitos de sentido;
- Inferir informações e sentidos de palavras e/ou expressões em textos verbais;
- Identificar o gênero e o propósito comunicativo de um texto;
- Comparar textos, identificando diferentes formas de tratamento da informação;
- Atribuir efeitos de sentido decorrentes da escolha de palavras, frases ou expressões.

UM POUCO SOBRE AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS:

Variação diatópica

É aquela em que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana.

Variação diafásica

É a variação estilística, isto é, o uso diferenciado que cada falante faz da língua de acordo com a situação ou grau de monitoramento da comunicação.

Variação diastrática

É a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais.

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Variação diamésica

É a que se verifica na comparação entre língua falada e a língua escrita.

Variação diacrônica

É a que se verifica na comparação entre diferentes etapas históricas de uma língua. As línguas mudam com o tempo.

**AGORA QUE VOCÊ ESTÁ POR DENTRO DO CONTEÚDO,
MÃOS À OBRA!**

OFICINA 1:

Apresentação

O texto que você vai ler a seguir, é um fragmento de uma crônica escrita pelo professor e poeta João Rodrigues, cuja apresentação diz respeito a situações e falas do cotidiano de pessoas que vivem no interior do Ceará, sobretudo, na cidade de Reriutaba. Leia com atenção e depois reflita sobre a linguagem que as pessoas costumam utilizar quando estão em ambientes desprovidos de formalidade. Destacamos ainda que, a crônica pode ser definida como um gênero literário marcado pela narração de situações cotidianas sob uma ótica individual.



JOÃO RODRIGUES

Reriutabense de Riacho das Flores, é professor, cordelista, autor de três livros de poemas e dezenas de cordéis. Em 2022, conquistou o 1º Lugar e o 2º Lugar em concursos de cordéis no Rio de Janeiro. Possui contos, crônicas e poemas publicados em diversas coletâneas. É membro da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes e da Academia Cearense de Literatura de Cordel. **Nossa Taba** é seu primeiro livro de crônicas.

Texto

Fragmento 1:

Bodega da Dona Graça

"Guarde apenas o que tem que ser guardado: lembranças, sorrisos, poemas, cheiros, saudades, momentos."
Martha Medeiros

Era um daqueles fins de tarde quentes de verão em que a garganta pede algo estupidamente gelado, quando resolvi dar uma parada na Bodega da Dona Graça pra relaxar um pouco e ouvir uma boa história. Ela sempre tem uma das boas! Isso é verdade.

Outra verdade é que se alguém falar em Riacho das Flores logo vem à cabeça essa personagem pra lá de icônica – muitas vezes “bruta”, outras nem tanto, mas há sempre uma resposta, no mínimo, pra lá de sincera escapando de sua boca. Com ela, o velho jargão “Pergunta idiota, tolerância zero” não falha; e por incrível que pareça, é isso que fideliza seus fregueses, que sempre dão boas risadas quando ela solta uma de suas farpas afiadas.

[...]

Fonte: Livro *Nossa Taba: crônicas do cotidiano reriutabense*/ João Rodrigues. 1.ed. Varjota, CE: edições CriAr, 2023, pág. 73.

Compreendendo e interpretando o texto

1. No primeiro parágrafo, o narrador faz um paralelo entre relaxar e a bodega da dona Graça.

a) O que o autor quis dizer com “Ela sempre tem uma das boas”?

Que a personagem dona Graça sempre contava histórias interessantes.

b) A que se refere a palavra **boas**, no texto?

As histórias que Dona Graça contava.

2. No segundo parágrafo, o autor faz outro paralelo entre a localidade de Riacho das Flores e a personagem pra lá de icônica.

a) Relendo o trecho, o que o autor quis dizer com isso?

Que ao falarem da localidade de Riacho das Flores, todos já lembram de Dona Graça, pois ela é uma referência como habitante daquela localidade.

b) A quem se refere a palavra **icônica** e o que ela significa no texto?

A palavra refere-se à personagem Dona Graça e está empregada no sentido de uma ícone, ou seja, uma pessoa de referência na localidade de Riacho das Flores

3. Antes do início da narração da Crônica, o autor utilizou uma mensagem da autora Martha Medeiros. Que relação o autor quis apresentar entre a mensagem e a crônica. Explique.

Espera-se que o aluno compreenda que, ao colocar a mensagem, o autor relaciona lembranças e nostalgia referentes a momentos vividos na bodega da Dona Graça, uma vez que ele (autor) também é da localidade de Riacho das Flores.



Martha Medeiros

É uma escritora, jornalista e cronista brasileira. É colaboradora do jornal Zero Hora e da revista Época. Martha nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no dia 20 de agosto de 1961. É filha de José Bernardo Barreto de Medeiros e Isabel Mattos de Medeiros. Estudou no colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, em Porto Alegre. É formada em Comunicação Social. Disponível em: https://www.ebiografia.com/martha_medeiros/

Texto x Gênero

1. O texto “Bodega da Dona Graça” é um fragmento de uma crônica. Esse tipo de texto quase sempre é curto, tem poucas personagens e se inicia quando os fatos principais da narrativa estão por acontecer. Por esta razão, o tempo e o espaço são limitados. Em “Bodega da Dona Graça”:

a) Quais são as personagens envolvidas na história?

O Narrador-personagem e a Dona Graça.

b) Onde acontecem os fatos?

Na bodega de Dona Graça na localidade de Riacho das Flores.

c) Quanto tempo você acha que tem a duração desses fatos?

Aproximadamente 4 horas, já que o autor diz que vai relaxar ouvindo as histórias de Dona Graça.

2. Em uma crônica, os fatos podem ser narrados por um narrador-observador ou um narrador- personagem, qual é o tipo de narrador da crônica em estudo? Justifique sua resposta.

Narrador-personagem, pois ele participa da história, como demonstra o emprego do verbo na 1ª pessoa do singular: “resolvi dar uma parada”.



3. Os cronistas registram fatos do dia a dia e o fazem com sensibilidade, às vezes criando humor, em outras, suscitando uma reflexão crítica acerca da realidade. Você acha que a história relatada se limita a fatos ficcionais, isto é, inventada pelo autor? Justifique sua resposta.

Espera-se que o aluno perceba a relação entre o autor (narrador-personagem), a bodega da Dona Graça e o local onde ambos habitam, sugerindo que a história não é uma ficção e sim momentos reais vivenciados pelo autor.

4. Observe mais um trecho da crônica “Bodega da Dona Graça”:

Fragmento 2:

Aos sábados à noite geralmente rolava uma tertúlia ao som da radiola e à luz da lamparina, onde os jovens se encontravam pra dançar e que mais tarde acabavam namorando na ponta do terreiro, sob a lua prateada, que subia lentamente do nascente, sem pressa, iluminando o coração dos enamorados, que faziam juras de amor diante da lua-testemunha.

Mas nem só de romantismo e diversão era a noite. Vez ou outra alguém se embriagava e queria estragar a festa, mas Dona Graça, mais destemida do que muitos homens, logo aparecia, acabava com a valentia do brigão e a paz era restaurada, para a alegria dos que queriam se divertir. Não tinha um que não a obedecesse, se por temor ou respeito – ou pelas duas coisas –, o certo é que tudo voltava ao normal. Diante dessa segurança que ela passava, a Bodega da Dona Graça acabou se tornando um point do Riacho.

A) Que objetivos o cronista de “Bodega da Dona Graça” revela?

- Tratar cientificamente de um assunto exposto no texto.
- Instruir pessoas de como chegar até a bodega da Dona Graça.
- Relatar fatos e acontecimentos ocorridos na bodega da Dona Graça.
- Refletir criticamente sobre o comportamento da personagem Dona Graça.

Fonte: Livro Nossa Taba: crônicas do cotidiano riachabense/ João Rodrigues-
1.ed. Varjota, CE: edições CriAr, 2023, pág. 73.

Apropriando-se da língua (APOSTO e VOCATIVO)

APOSTO

Para especificar o sentido de “...mas Dona Graça”, empregada no fragmento 2 do texto, o autor utiliza a expressão “mais destemida do que muitos homens”, expressão usada para especificar e enfatizar a presença da personagem. Dessa forma, quando um termo explica ou especifica outro, como ocorreu no exemplo acima, temos um aposto.



Aposto é um termo (acessório) da oração, utilizado para esclarecer, exemplificar ou especificar uma expressão precedente a ele, ou seja, é uma informação a mais, em que o enunciado continua fazendo sentido, mesmo sem a informação transmitida por meio do aposto.

Observe o Fragmento 3 da crônica em estudo:

Mas enquanto o relógio do tempo não soar a batida final, a Bodega da Dona Graça, democraticamente, está de portas abertas, pronta para acolher a todos, sem distinção, como sempre acolheu, tão prazerosamente quanto foi acolhida nesta crônica.

De olho nas explicações

Fonte: Livro Nossa Taba: crônicas do cotidiano riurabense/ João Rodrigues-1.ed. Varjota, CE: edições CriAr, 2023, pág. 73.

Observe que, na segunda linha, o autor coloca a palavra “democraticamente” entre vírgulas. Se tirássemos essa palavra, o texto continuaria com um sentido completo? Logicamente que sim.

Nesse caso, o cronista usou a vírgula como um aposto, serviu para esclarecer que na Bodega, independente de quem a visita, será bem recebido. Note que, entre o aposto e o termo a que ele se refere, quase sempre há uma pausa, na escrita, é marcada pela vírgula ou, em casos especiais por dois pontos, travessão ou parênteses.

VOCATIVO

Observe os textos abaixo:

Texto 1:



Fonte: https://instagram.com/fc_suricateoficial?gshid=MzRlODBiNWFZA==

Texto 2:



Fonte: https://instagram.com/fc_suricateoficial?gshid=MzRlODBiNWFZA==

Veja, em:

Texto 1 -Mãe, qual é a cor desse vestido?

Texto 2 -Mãe, num foi eu não!

*De olho nas
explicações*

Nestes casos, ao falarem “Mãe,...”, no texto 1 e no texto 2, temos um vocativo, que é um chamamento, uma invocação usando o discurso direto.

Vocativo é o termo da oração por meio do qual chamamos ou interpelamos nosso interlocutor, real ou imaginário. Sua função é estabelecer um vínculo explícito com o contexto discursivo.

A função do vocativo é estabelecer um vínculo explícito com o contexto discursivo. Podemos afirmar que o vocativo é um elemento que possui uma independência sintática no interior das orações e dos períodos.

Veja este outro exemplo:

Observe e leia o texto:

Variação à vista!

As variações regionais referem-se diretamente aos dialetos, ou seja, marcas determinantes de uma dada região. A fala do Chico Bento apresenta a variação dialetópica, uma linguagem coloquial típica da zona rural.



Copyright © 2002 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6614

Fonte: <https://www.todoestudo.com.br/portugues/variantes-linguisticas>

Chico Bento, um dos personagens da Turma da Mônica, apresenta um linguajar da cultura rural, um personagem que exemplifica bem a língua do campo, embora que, não especificamente, apenas quem vive no campo fale muitas das expressões linguísticas reproduzidas pelo personagem, como por exemplo, as palavras num, hoji... não são exclusivas das variedades rurais, haja vista serem de uso comum quando pronunciadas em contextos discursivos menos monitorados no português do Brasil.

Trouxemos este diálogo informal entre a professora e o aluno para mostrar aspectos linguísticos de uso da língua mesmo no ambiente de sala de aula. Vejamos:

No primeiro quadrinho, Chico Bento, a seu modo, indaga a professora se ela iria castigá-lo por algo que ele não fez, no que ela responde à pergunta dizendo que não. No segundo, Chico Bento demonstra alívio. Independente do uso formal da língua, a comunicação se efetivou.

Na tirinha, Chico Bento faz uma pausa ao dizer: "fessora". Neste caso, também temos um vocativo, é um termo independente.

Agora, depois dessas explicações, para complementar seu aprendizado sobre aposto e vocativo, acesse os Qr-codes e os links a seguir com jogos significativos sobre este conteúdo.



Veja também em canal Resumos Animados:

vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TqIACxtaScM>



Espero que você tenha aprendido!

Analizando os traços da língua(gem) do texto:

Observe a linguagem empregada na crônica “Bodega da Dona Graça”.

1. Os fatos são narrados de forma pessoal, subjetiva, ou são narrados de forma impessoal, objetiva?

Os fatos são narrados de forma pessoal e subjetiva de acordo com a visão do cronista.

2. Em relação à linguagem, a crônica está mais próxima de um texto jornalístico, histórico ou humorístico? Justifique sua resposta.

Está mais próximo de um texto histórico já que se refere a fatos do passado como o autor revela no emprego dos verbos: era, rolava, etc.

3. Que tipo de variação linguística é adotada pelo cronista: uma variedade formal ou uma variedade informal? Justifique sua resposta.

Uma variedade informal, pois a linguagem é dentro dos padrões normativos da língua portuguesa, porém, simples e direta, como por exemplo, no trecho “Aos sábados à noite, geralmente rolava uma tertúlia”.

Variação à vista!

Os estilos formais e informais, na fala e na escrita, indicam o controle e o monitoramento da produção linguística, o grau diferenciado de envolvimento dos falantes nos diversos gêneros discursivo-textuais.

Incorporam-se questões como a escolha do estilo impostas ao falante para acomodar-se ao seu interlocutor, o apoio contextual na produção dos enunciados, o grau de complexidade cognitiva exigida no tema e a familiaridade do falante com a tarefa comunicativa realizada. (Adaptado de MOLLICA, 2021, pág. 13)

(Adaptado de MOLLICA, 2021, pág. 13)

4. No texto, aparece a palavra “Bodega”, você costuma ouvir essa palavra em sua comunidade? Porque você acha que o autor utilizou esse termo no título do texto?

Resposta pessoal. Porém, é importante destacar que esta palavra praticamente já está em desuso, pelo menos, na cidade de Reriutaba no interior do Ceará, hoje é substituída por “bar”.

5. No segundo parágrafo do fragmento 1, o que o autor quis dizer com a expressão “bruta”, referindo-se à dona Graça? Como essa expressão poderia ser substituída no texto?

O autor sugere que Dona Graça era muito insensível com as palavras, dessa forma, a palavra poderia ser substituída por ríspida.

6. O autor, no segundo fragmento, diz que a “Bodega da Dona Graça” passou a ser o **point** do Riacho”. Em que língua está a palavra destacada e quem costuma usar essa variante conhecida como “estrangeirismos” nos dias de hoje. Dê exemplos.

Esse termo **point** está na língua inglesa e muitas pessoas, principalmente os jovens a utilizam para se referir a um ponto/local muito frequentado.

estrangeirismo

Linguagem de origem estrangeira; uso de palavras, frases ou expressões cuja língua de origem não é a Língua Portuguesa: empresa optou por fazer (...)
Influência exercida por um país, cultura, nação sobre outro, sendo capaz de atingir grande parte da sua população.

Fonte: <https://www.dicio.com.br/estrangeirismo/>

Refletindo sobre a língua

Na crônica “ Bodega da Dona Graça”, podemos perceber palavras e expressões de características um tanto peculiares da linguagem cearense, sobretudo, de uma linguagem antiga das quais podemos substituir por uma linguagem mais atual, como por exemplo: tertúlia substituindo por festa; lamparina por lâmpada; radiola por aparelho de som etc. A respeito dessas observações, vamos, agora, conversar...

Você acha, que por sermos brasileiros e falantes da mesma língua, comunicamo-nos igualmente em todo o território do país? Por quê?

Resposta pessoal.

Você já conversou com alguém de outra região do Brasil? Se sim, que observações você constatou sobre as diferenças e semelhanças na maneira de falar durante essa conversa?

Resposta pessoal.

Já aconteceu, durante uma conversa com alguém, você ouvir uma palavra e não compreender seu real significado por não fazer parte do seu vocabulário? Se sim, dê exemplos.

Resposta pessoal.

No início de nosso caderno, você conheceu alguns tipos de variações linguísticas. Como se dá o nome da variação linguística que se verifica entre os diferentes modos de falar dependendo do lugar ou região em que se vive?

Variação diatópica ou geográfica.

Professor (a), por meio destes questionamentos, os estudantes têm a oportunidade de refletirem sobre alguns aspectos acerca da variação linguística, assunto apresentado neste caderno. Espera-se que eles reconheçam as diferentes formas de falar em uma mesma região ou nas diferentes regiões do Brasil. No caso da crônica "A Bodega da Dona Graça", considerem aspectos semânticos (bruta) e lexicais/ dialetos (bodega). Ressalta-se que, em um mesmo estado ou cidade, pode ser percebida a variação. Por exemplo, na cidade de Reriutaba-CE, já não se usa a palavra "bodega". O cronista a utilizou apenas para dar a ideia de tempo passado (usos da linguagem da época), atualmente usa-se os termos bares ou mercantis para se referir a comércios de pequeno porte que, antigamente, eram chamados de bodegas.



COLOCANDO AS HABILIDADES EM PRÁTICA

Texto

O ENTREGADOR DE SENTIMENTOS

"Um carteiro entrega muito mais que cartas - entrega sentimentos."

Tatite

[...]

Mas voltando ao correio, o lendário carteiro, que por dezenas de anos percorreu nossas ruas entregando cartas, contas, encomendas, é mais emblemático do que o próprio Correio. Sim, lendário! Tatite foi uma lenda. Desprovido de orgulho e com uma paciência de jô, estava sempre disposto a nos atender, a nos dar uma informação a mais, a tirar uma dúvida. Não era daqueles que nos atendia apenas quando estava atrás do balcão. Atendia nas ruas, à noite, aos feriados, na missa...

--Tatite, tô esperando uma encomenda, que tá demorando.

--Amanhã, quando chegar no Correio, eu vejo-respondia.

E via mesmo.

São poucos os profissionais que atendem fora de seu expediente: médico, líder religioso, advogado, mecânico...o Tatite. Pelo menos atendeu enquanto não se aposentou.

[...]

Varição à vista!

As variações estilísticas referem-se aos diferentes modos de falar das comunidades ou grupos sociais e, também, individualmente, conforme a interação em que nos encontramos. Essas situações podem ser de maior ou menor formalidade, de maior ou menor intimidade, dentre outras possibilidades. Tudo isso pode ser sintetizado como um monitoramento estilístico.

(Adaptado de Bagno, 2007, pág. 44 e 45)

Fonte: Livro Nossa Taba: crônicas do cotidiano reriutabense/ João Rodrigues-1.ed. Varjota, CE: edições CriAr, 2023, pág. 63.

1. Com a leitura do texto, entende-se que a expressão lendário carteiro:
- É empregada por desaprovação de um antigo carteiro da cidade.
 - É inserida no texto, pelo autor, para demonstrar que carteiro foi uma pessoa muito importante para todos.
 - Foi utilizada, com ironia, insinuando que o carteiro não era responsável.
 - Significa que esse carteiro nunca existiu de verdade.
2. Uma opinião do cronista, em relação ao carteiro, está presente em:
- “por dezenas de anos percorreu nossas ruas.”
 - “estava sempre disposto a nos atender.”
 - “é mais emblemático do que os próprios correios.”
 - “Atendia nas ruas, à noite, nos feriados...”
3. O uso do travessão em “-Tatite, estou esperando uma encomenda...” se justifica porque:
- Pretende ressaltar o substantivo Tatite.
 - É usado para explicar um fato que ocorre na narração.
 - O nome Tatite é irônico e tem outro significado real.
 - É utilizado para indicar um discurso direto, isto é, a fala do carteiro.
4. Pelas características do texto, podemos dizer que é
- uma crônica.
 - um poema.
 - uma receita.
 - uma notícia.
5. A idéia central do texto é:
- Mostrar a importância do correio para os habitantes da cidade.
 - Criticar alguns profissionais que não atendem fora do expediente.
 - Saudar o carteiro que sempre foi solícito (atencioso) para com as pessoas.
 - Falar sobre os sentimentos que as pessoas “enviam” em suas cartas pelo correio.
6. Marque a opção correta.
- No discurso “-**Tatite**, estou esperando uma encomenda...” o termo destacado é
() Aposto (x) Vocativo
 - No discurso “-Amanhã, **quando chegar no Correio**, eu vejo” o termo destacado é
(x) Aposto () Vocativo

7. No último parágrafo, o autor utilizou aposto para esclarecer uma informação.

a) Identifique-os.

Médico, líder religioso, advogado e mecânico.

b) Qual termo esse aposto especifica?

Os poucos profissionais que costumam atender fora de hora, isto é, fora do horário comercial ou do expediente.

8. No texto em estudo, observando a linguagem empregada nos trechos:

-Tatite, tô esperando uma encomenda, que tá demorando.
-Amanhã, quando chegar no Correio, eu vejo - respondia.

Que tipo de variedade linguística foi adotada pelo autor? Justifique.

- a) Variação diatópica. c) Variação diafásica.
b) Variação diacrônica. d) Variação diastrática.

9. Se ao reformularmos, para esta conversa, a expressão “ -Tatite, tô esperando uma encomenda, que tá demorando.” Com um maior monitoramento situacional (maior formalidade), como essa frase ficaria?

Sugere-se assim: -Tatite, estou esperando uma encomenda, que está demorando.

- Tatite, há dias estou esperando uma encomenda, que está demorando.

10. O gênero crônica como por exemplo, “O entregador de sentimentos”, geralmente, apresenta mais informalidade em seu estilo de escrita. Isso se deve a:

- a) Exposição apenas de situações ficcionais para compor sua escrita.
b) Composição sempre de muitos personagens envolvidos nas histórias.
c) Narração de situações sempre impessoais, relatando de maneira objetiva os fatos.
d) Narração de situações, de forma artística e pessoal, fatos colhidos no cotidiano.



OFICINA 2:

Apresentação

O texto que você vai ler trata-se de um cordel. A Literatura de Cordel é uma manifestação da cultura popular brasileira que teve origem no Nordeste. É composta por poemas escritos, em linguagem popular, ricos em rimas e na perfeição métrica dos seus versos. O gênero é constituído de histórias contadas em rimas, marcadas por ritmo, métrica e musicalidade.

Os textos de cordel trazem, também, a crítica social a temas atuais que estão fortemente ligados à vida do povo brasileiro. O que você vai ler é um fragmento de um cordel escrito pelo poeta Bráulio Bessa, cuja temática versa sobre a influência das redes sociais na vida de muitas pessoas. Leia com atenção.



Fonte da imagem: <https://eskoladocinema.com/course/view.php?id=78>

Texto 1:

Redes sociais - Bráulio Bessa

Lá nas redes sociais
o mundo é bem diferente,
dá pra ter milhões de amigos
e mesmo assim ser carente.
Tem like, a tal curtida,
tem todo tipo de vida
pra todo tipo de gente.

[...]

Por falar nisso, tem gente
que esquece de comer,
jogando, batendo papo,
nem sente a fome bater.
Celular virou fogão,
pois no toque de um botão
o rango vem pra você.

[...]

Esse mundo virtual
tem feito o povo gastar,
exibir roupas de marca,
ir pra festa, viajar,
e claro, o mais importante,
que é ter, de instante em instante,
um retrato pra postar.

Tem gente que vai pro show
do artista preferido,
no final volta pra casa
sem nada ter assistido,
pois foi lá só pra filmar.
Mas pra ver no celular
nem precisava ter ido.

[...]

Conversar por uma tela
é tão frio, tão incerto.
Prefiro pessoalmente,
pra mim sempre foi o certo.
Soa meio destoante,
pois junta quem tá distante
mas afasta quem tá perto.

Tem grupos de todo tipo,
todo tipo de conversa
com assuntos importantes
e outros, nem interessa.
Mas tem uma garantia:
receber durante o dia
um cordel do Bráulio Bessa.



Bráulio Bessa

Bráulio Bessa se define como um fazedor de poesia. Foi o artista mais assistido e compartilhado nas redes sociais da Globo durante o ano de 2017.

O poeta nasceu em Alto Santo (interior do Ceará) no dia 23 de julho de 1985.

Quando tinha apenas 14 anos, Bráulio começou a escrever poesia popular - inspirado no seu principal ídolo, o poeta Patativa do Assaré.

Aos 26 anos lançou a página Nação Nordestina no Facebook e teve enorme repercussão online - o vídeo declamando o poema Nordeste independente viralizou de tal forma que chamou a atenção de produtores de televisão.

Disponível em: https://www.ebiografia.com/braulio_bessa/ Acesso em: 10 de junho de 2023

Fonte: <https://www.tudoepoema.com.br/braulio-bessa-redes-sociais/>
Vídeo da ressituação: <https://www.youtube.com/watch?v=f1cNmeU4f5w>

Compreendendo e interpretando o texto

1. O texto aborda um tema bastante atual. Que tema é esse?

O uso excessivo das redes sociais.

2. Em se tratando de comparações, depois que as pessoas passaram a utilizar as redes sociais, principalmente por meio do celular, o poeta menciona algumas diferenças.

a) O que o autor quis dizer com ter milhões de amigos e mesmo assim ser carente?

Para o autor, as pessoas privilegiam os amigos das redes sociais e esquecem de fazer amigos de verdade, próximos. Com isso, sentem-se sozinhos por não ter com quem contar (conversar) em sua vida real, fora das redes sociais.

b) No texto, o autor diz que “o celular virou fogão”, qual relação ele quis estabelecer fazendo esta afirmação?

Ele quer dizer que muitas pessoas deixam de fazer comida em casa, preferem pedir comida já pronta, no intuito de ficarem mais tempo em frente a tela do celular.

3. No texto, o poeta também afirma que, muitas pessoas vão aos shows de seus artistas preferidos, porém, não privilegiam o espetáculo. O que ele quis dizer com isso?

Que ao irem aos shows, as pessoas se preocupam muito mais em filmar para postarem nas redes sociais ou assistirem depois no celular que realmente curtir o próprio show.

4. O autor diz: “esse mundo virtual tem feito o povo gastar”. Dê sua opinião. Por que isso acontece?

Espera-se que o aluno estabeleça a relação entre o consumismo e a influência das redes sociais, pelo fato de que estas propagam todo tipo de vendas dos seus produtos.

Texto x Gênero

Texto 2:



Fonte: https://www.instagram.com/p/Cs_qJC3AQ2g/ Acesso em: junho de 2023

De olho nas explicações

O texto 2 e 3 são posteres que foram publicados na plataforma do Instagram. Post é o conteúdo criado e publicado em alguma plataforma da internet. Essa publicação pode ter o formato de imagem, vídeo, texto, áudio ou todos eles juntos. As principais plataformas de publicação de posts são as redes sociais e os blogs. Sendo assim, post é todo o conteúdo que é postado na internet. E o que é postar? É o ato de publicar, tornar público o conteúdo que foi elaborado por você.

Texto 3:


vidaaarteopovo

Bom dia, seguidores!

Se por séculos, o amor de Cleópatra e Marco Antônio, Romeu e Julieta e Shah Jahan com Mumtaz Mahal inspiraram casais pelo mundo, o jogo da paixão ganhou novos formatos e nuances nas últimas décadas.

Relações mais fluidas, abertas, aplicativos para encontros rápidos e outras possibilidades fizeram a jura da lealdade eterna ser trocada por acordos mais práticos e considerando, mais friamente, os interesses de cada parte.

Neste cenário, sobrou espaço para o amor romântico? Especialistas e casais explicam.

Confira a matéria completa em mais.opovo.com.br

23 h

23 gostos
há 23 horas

Adiciona um comentário... Publicar

Fonte: https://www.instagram.com/p/CtWP_D6ui4I/

**Revisando:**

Post é uma mensagem de texto, imagem ou qualquer outro conteúdo publicado na internet, principalmente em plataformas como o Instagram, Facebook e blogs. Geralmente, os posteres do Instagram possuem características como: um texto curto e sugestivo; adequação ao público; criatividade; preocupação estética (harmonia entre tamanhos das letras e das imagens, espaçamento, utilização de cores).

1. Agora que sabemos um pouco sobre este gênero, observe o texto 2 e responda:

a) O que acontece na cena?

Dois pessoas conversando e se conhecendo através das redes sociais, a partir do momento em que um dos personagens diz não gostar de cuscuz, a outra personagem o ignora e o bloqueia no app, sugerindo que reprova sua afirmação.

b) Qual é o público-alvo deste post?

Os nordestinos e/ou pessoas que tenham o hábito de comer cuscuz.

c) Que elementos do post dialogam com o texto 1 intitulado “Redes Sociais” de Bráulio Bessa?

O texto 2 apresenta duas pessoas conversando pelas redes sociais, cuja interação social está relacionada ao conteúdo da estrofe 1, do texto 1, Redes Sociais de Bráulio Bessa.

2. Existem diferenças entre as características do texto 1 e do texto 2? Se sim, quais? Justifique sua resposta.

O texto 1 é um cordel, cuja estrutura é composta de versos marcados por rimas e métrica, de modo a transmitir as intenções e/ou observações sobre um assunto, no caso, a interação em rede social. Já o post (texto 2) tem uma linguagem curta, além de ilustrações criativas a fim de relacionar elementos visuais e a mensagem a transmitir.

3. Quanto ao texto 3:

a) O que é abordado em sua publicação?

A abordagem é sobre os relacionamentos amorosos que, atualmente, são diferentes dos de antigamente que eram como referências no amor. Insinua que os relacionamentos, hoje em dia, estão desprovidos de compromisso, devido outras possibilidades mais fáceis de relação, inclusive, as relações iniciadas por aplicativos que, muitas vezes, não são consideradas duradouras, muito menos confiáveis.

b) O texto promove a ideia de:

a. instrução. b. recomendação. c. crítica. d. sugestão.

c) Você acha que existe uma relação entre o texto 3, o texto 2 e o texto 1? Se sim, quais?

Espera-se que o aluno perceba a relação entre os textos sobre a ideia de que, atualmente, as pessoas não demonstram muito apego às relações inter-pessoais depois do surgimento das redes sociais, sobretudo, depois do uso de aplicativos de relacionamentos em que as interações entre as pessoas tornaram-se práticas e abertas, ocasionando relações frias e descomprometidas.

d) Quanto às características, existem diferenças ou semelhanças entre o texto 2 e o texto 3? Justifique.

Espera-se que o aluno observe que ambos os textos foram publicados na mesma plataforma, no Instagram, porém, os autores utilizaram outros elementos como as ilustrações, tipologia textual, para especificar o conteúdo, bem como insinuar ao público, por exemplo, no texto 3, a discussão sobre os relacionamentos atuais, trazendo uma reflexão e, ao mesmo tempo, uma crítica, destinando-se, portanto, ao público de pessoas que não procuram bases sólidas de relacionamento.

Apropriando-se da língua

(LINGUAGEM VERBAL E NÃO VERBAL)

Sabemos que todos nós nos comunicamos por meio da linguagem, correto? Sem ela, imagine como seria a interação entre as pessoas...

Portanto, nossa linguagem é composta de elementos verbais e não verbais! Nesse contexto de comunicação, você sabe a diferença entre linguagem verbal e não verbal?

Linguagem verbal: também chamada de linguagem verbalizada, é expressa por meio de palavras escritas ou faladas.

Linguagem não verbal: utiliza signos visuais, como, por exemplo, os gestos, postura, ilustrações, placas, músicas.

De olho nas explicações

Observe o texto:



Disponível em: <https://www.otempo.com.br/charges/charge-o-tempo-16-06-2022-1-2684670> Acesso em: junho de 2023

Ao observarmos a charge, podemos constatar dois tipos de linguagem: a verbal e a não verbal. Em sua legenda aparece “VER...DES” e, para completar, no corpo do texto, temos: “VER DESMATAMENTO; VER DESTRUIÇÃO; VER DESCASOS”. Esta linguagem verbal, no texto, sugere uma crítica sobre os descasos das pessoas para com o meio ambiente e em complementação traz a imagem do ambiente totalmente desmatado (uma ação que provoca uma grande perda da biodiversidade assim como a perda do habitat de animais e plantas, e, ainda, além de impactar diretamente no clima). Nesse caso, temos uma linguagem mista, ou seja, a junção da verbal com a não-verbal.

Enfim, a linguagem constitui-se de elementos (verbais e não verbais), que são instituídos pela sociedade, para a interação entre as pessoas nas diversas situações comunicativas. Portanto, a linguagem é uma atividade interativa, concretizada mediante os conhecimentos e valores de mundo compartilhados entre os sujeitos envolvidos.

Agora que sabemos um pouco sobre a linguagem verbal e a não verbal, observe e responda:

Variação à vista!

Em qualquer comunidade seja pequena ou grande sempre apresentará variação linguística que decorre de vários fatores: grupos etários; gênero; status socioeconômico; grau de escolarização, mercado de trabalho; rede social. Todos esses fatores apresentam os atributos de um falante: sua idade, sexo, seu status, nível de escolarização, etc.



Disponível em: <https://pin.it/4qXgw02> Acesso em: junho de 2023

1. Observando o texto acima, que personagens aparecem na imagem?

Na imagem, aparecem pais e filho conversando.

2. Sobre a linguagem do texto, que informações você consegue apreender da linguagem verbal no cartum?

Espera-se que os alunos percebam a preocupação dos pais sobre o tempo gasto com a interação social que o garoto busca nas redes sociais.

3. Quanto à linguagem não verbal do cartum, que informações você pode apreender?

Espera-se que eles percebam, pelo olhar e semblante dos pais, a preocupação com o filho, em contrapartida, o filho se incomoda com a pergunta dos pais.

4. A partir da relação entre a linguagem verbal e a não verbal, o que constatamos sobre a fala do garoto no cartum?

Que ele não aceita a afirmação dos pais, negando-a ao utilizar a linguagem aprendida na internet, no que se constata pelo uso do “emotion” utilizado no final da sua fala.

Para complementar seu aprendizado, acesse os Qr-codes com jogos significativos sobre este conteúdo.



Espero que você tenha aprendido!

Analizando os traços da língua (gem) do texto:

Nesta oficina, foram utilizados diferentes textos sob diferentes linguagens.

1. Sobre o texto 1, destacando as palavras **rango** e **retrato**, podemos dizer que são vocabulários que:

- () Utilizamos quando o discurso é mais formal, com mais monitoramento.
 (x) Utilizamos quando o discurso é informal, linguagem do dia a dia.

2. Quanto ao texto 2, sua linguagem apresenta:

- a) uma variação social.
 b) uma variação estilística.
 c) **uma variação geográfica.**
 d) uma variação diacrônica.



Fonte da imagem: <https://descomplica.com.br/blog/resumo-variacao-linguistica/>

3. Ainda considerando a linguagem do texto 2, ele representa um tipo de dialeto bem característico da região:

- a) sul do país. b) sudeste do país.
 c) **nordeste do país.** d) norte do país.

4. Sobre o texto 3, a linguagem empregada é formal ou informal? Justifique sua resposta.

Apesar de ser veiculado em uma plataforma da internet, o texto é de uma página do gênero jornalístico, logo, tende a ser mais formal.

5. Em relação à linguagem, o texto 2 está mais próximo de um texto:
 histórico humorístico jornalístico

Justifique sua resposta.

Está mais próximo de um texto humorístico, pois provoca o entretenimento do leitor ativando o humor por meio do discurso nele presente, que é o de bloquear uma pessoa por não gostar de cuscuz.

Refletindo sobre a língua

Atualmente, dificilmente encontramos quem não utilize as redes sociais. Entre os pontos positivos destas redes, está a facilidade de comunicação e informação; porém, também há os pontos negativos, como por exemplo, a falta de privacidade, o acesso a informações com pretensões maliciosas como golpes financeiros, cyberbullying, dentre outros.

Nesta vasta rede de interação, também encontramos uma significativa diversidade linguística, inclusive, a da comunicação entre jovens que compartilham da mesma linguagem.

- Neste contexto, você acha que fatores extralinguísticos da língua como idade, sexo, classe social, entre outros, podem influenciar no nível de comunicação entre os falantes?
 Resposta pessoal.
- A internet, sobretudo, as plataformas e aplicativos como o whatsapp e message têm influenciado na linguagem das pessoas? De que forma?
 Resposta pessoal.
- Você utiliza as redes sociais como Facebook, Instagram, Tik Tok e com que intuito?
 Resposta pessoal.
- Que tipo de postagem você mais procura nas redes sociais para curtir, comentar e compartilhar?
 Resposta pessoal.
- Que exemplos de variações da língua você pode exemplificar, vindo do contexto das redes sociais?
 Resposta pessoal.

Professor (a), por meio destes questionamentos, os estudantes têm a oportunidade de refletirem sobre suas atuações nas plataformas das redes sociais, nas quais as informações céleres têm afetado a vida de muitos jovens, seja de forma produtiva, seja de forma improdutiva e maléfica, debate pertinente em sala de aula. Ademais, nossa reflexão aqui, também, é sobre as variações de linguagem escolhida por todos que usam as redes sociais, sobretudo, das postagens feitas utilizando-se de pôsteres, cartazes, dentre outras. No caso dos textos da página do Instagram @signosnordestinos, além de ser uma linguagem típica da região Nordeste, possui traços humorísticos, o que caracteriza ainda mais as falas originais daquela comunidade/região. Muito importante esse conhecimento dessas diferentes linguagens existentes no português do Brasil.



COLOCANDO AS HABILIDADES EM PRÁTICA

Texto

Hora de interpretar e compreender o texto

A natureza das coisas (Música de Flavio José/ Composição: Accioly Neto)

Se avexe não	Se avexe não
Amanhã pode acontecer	Toda caminhada começa no
tudo, inclusive nada	primeiro passo
Se avexe não	A natureza não tem pressa, segue
Que a lagarta rasteja até o	seu compasso
dia em que cria asas	Inexoravelmente chega lá
Se avexe não	Se avexe não
Que a burrinha da	Observe quem vai subindo a
felicidade nunca se atrasa	ladeira
Se avexe não	Seja princesa ou seja lavadeira
Amanhã ela para na porta	Pra ir mais alto, vai ter que suar
da sua casa	

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/flavio-jose/200188/>

1. O título da música é “A natureza das coisas”.
 - A. O compositor se refere a palavra “coisas” como a:
 - a) água, solo e ar.
 - b) vida, preocupação e tempo.
 - c) burrinha, lagarta, asas.
 - d) ladeira, princesa, lavadeira.
 - B. Considerando as informações contidas no texto, a quem possivelmente é destinada essa canção?
 - a) A pessoas felizes e sem muita preocupação.
 - b) A pessoas que têm pressa à procura da felicidade.
 - c) A jovens que vivem uma vida turbulenta.
 - d) A garotas que sonham em ser princesa.

C. Com a expressão “ a natureza não tem pressa segue seu compasso”, o autor quis dizer que:

- a) a natureza sempre tem um tempo determinado.
- b) a vida é a natureza monitorada pelo tempo.
- c) como em forma de compasso a natureza se multiplica.
- d) **não adianta ter pressa, a vida segue em conformidade às nossas ações.**

D. Além de entretenimento, a música tem por finalidade:

- a) mostrar a realidade em que consiste a natureza e as coisas.
- b) **trazer uma reflexão sobre a vida diante das dificuldades encontradas.**
- c) informar sobre o processo de metamorfose das borboletas.
- d) criticar a realidade dos processos evolutivos da vida.

2. Quanto à linguagem do texto, podemos dizer que é uma linguagem formal ou informal? Justifique.

O texto apresenta uma linguagem informal/regional percebida pelo uso da expressão “se avexe não”.

3. No texto, a palavra **inexoravelmente**, significa a mesma coisa que:

- a) **de maneira rigorosa, implacável.**
- b) de maneira lenta, devagar.
- c) de maneira fria, descuidada.
- d) de forma real, concreta.

4. A música começa com a expressão “Se avexe não”. Essa expressão é típica de qual região do país?

- a) da região sul do país.
- b) da região sudeste do país.
- c) **da região nordeste do país.**
- d) da região norte do país.

5. Sendo uma variação regional, então a chamamos de:

- a) uma variação social.
- b) uma variação estilística.
- c) **uma variação geográfica.**
- d) uma variação diacrônica.

6. Observe as escolhas linguísticas realizadas pelo compositor da música:

No nível lexical: “Se avexe não”

No nível semântico: “pra ir mais alto, vai ter que suar”

No nível estilístico-pragmático: “Seja princesa ou seja lavadeira”

Variação em estudo!

Em cada “comunidade de prática” costuma haver modos peculiares de falar (normas específicas) e o comportamento normal do falante é variar sua fala de acordo com a comunidade de prática em que ele se encontra. É parte do repertório linguístico de cada falante um senso de adequação, ou seja, ele/ela acomoda seu modo de falar às práticas correntes em cada uma das comunidades a que pertence. Tornou-se indispensável analisar também as múltiplas redes de relações sociointeracionais de que participam os falantes: elas são fatores diretamente correlacionados com os diferentes modos de falar (e escrever), com as diferentes normas de uma determinada comunidade.

Ainda sobre o nível lexical, foi utilizado o termo “burrinha”. Na sua opinião, a troca do termo pela palavra transporte, afetaria o sentido do texto? Comente.

Espera-se que o aluno perceba as diferentes maneiras de nomear as coisas, fenômeno de variação que acontece devido aos diferentes dialetos existentes no Brasil. O termo poderia afetar no entendimento do texto, no sentido de deixar mais claro a intenção do compositor, mesmo que no sentido subjetivo, dizer que a felicidade um dia, de qualquer maneira, chegaria.

Observe o texto:



Fonte: <http://www.acaricaturado brasil.com.br/2020/09/cartum-felicidade.html>

7. O texto tem por finalidade:

- a) fazer uma crítica sobre algo.
- b) denunciar sobre um fato.
- c) informar um evento.
- d) descrever uma situação.

8. A linguagem do texto é

- verbal
- não verbal
- mista

9. O cartum conduz a uma reflexão sobre o perfil característico de muitas pessoas que vivem em sociedade.

a) O que, essencialmente, distingue os personagens do cartum?

A maneira de pensar sobre a importância de fazer escolhas. Um prefere ser igual a todos os outros e ficar preso aos comandos da sociedade, o outro decide ser livre e fazer diferente, o que ele acredita que o levará a ser feliz.

b) Você concorda com o personagem que abriu a gaiola? Justifique.

Resposta pessoal.



3 REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. **Educação em Língua Materna.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518versaofinalsite.pdf.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria do Ensino Fundamental, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

CEARÁ, Secretaria da Educação. **Caderno de atividades: Fortalecendo aprendizagens.** 8º e 9º ano Volume 1. Fortaleza- CE: 2021.

CEREJA, W. R. **Português linguagens,** 8º ano/ Thereza Cochar Magalhães, 9. Ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2015.

CYRANKA, L. F. M.; OLIVEIRA, L.C. Sociolinguística educacional: ampliando a competência de uso da língua. **Revista SOLETRAS**, N. 26 (jul.-dez. 2013), ISSN: 2316-8838.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para escrita: a atividade de retextualização.** 10ª ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

MOLLICA, M. C. **Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação.** Maria Luiza Braga, (org.), 4.ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

NOGUEIRA, E. **Geração alpha língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais: 9º ano/ Everaldo Nogueira, Greta Marchetti, Maria Virgínia Scopacasa; Organizadora SM Educação; obra coletiva, desenvolvida e produzida por SM Educação; editora responsável Andressa Munique Paiva, -2. Ed. São Paulo: Edições SM, 2018.**

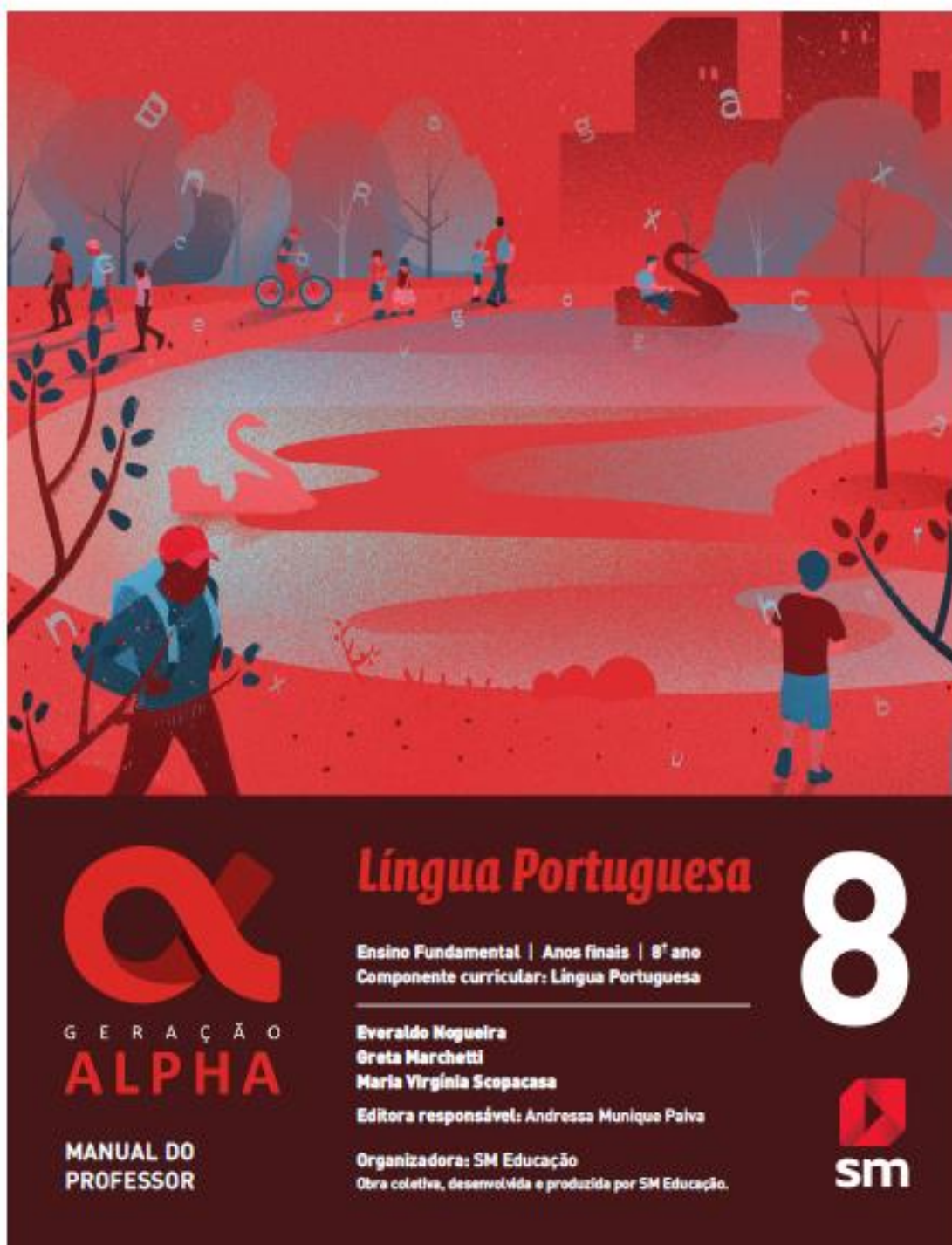
ANEXO A – OBJETIVOS DE LÍNGUA PORTUGUESA - PCN

- compreender o sentido nas mensagens orais e escritas de que é destinatário direto ou indireto, desenvolvendo sensibilidade para reconhecer a intencionalidade implícita e conteúdos discriminatórios ou persuasivos, especialmente nas mensagens veiculadas pelos meios de comunicação;
- ler autonomamente diferentes textos dos gêneros previstos para o ciclo, sabendo identificar aqueles que respondem às suas necessidades imediatas e selecionar estratégias adequadas para abordá-los;
- utilizar a linguagem para expressar sentimentos, experiências e idéias, acolhendo, interpretando e considerando os das outras pessoas e respeitando os diferentes modos de falar;
- utilizar a linguagem oral com eficácia, começando a adequá-la a intenções e situações comunicativas que requeiram o domínio de registros formais, o planejamento prévio do discurso, a coerência na defesa de pontos de vista e na apresentação de argumentos e o uso de procedimentos de negociação de acordos necessários ou possíveis;
- produzir textos escritos, coesos e coerentes, dentro dos gêneros previstos para o ciclo, ajustados a objetivos e leitores determinados;
- escrever textos com domínio da separação em palavras, estabilidade de palavras de ortografia regular e de irregulares mais freqüentes na escrita e utilização de recursos do sistema de pontuação para dividir o texto em frases;
- revisar seus próprios textos a partir de uma primeira versão e, com ajuda do professor, redigir as versões necessárias até considerá-lo suficientemente bem escrito para o momento.

ANEXO B - COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA – BNCC

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).
9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

**ANEXO C – CAPA DO LIVRO DIDÁTICO DA COLEÇÃO GERAÇÃO ALPHA DE
LÍNGUA PORTUGUESA 8º ANO - EDIÇÃO 2018**



ANEXO D – CAPA DO LIVRO DIDÁTICO DA COLEÇÃO GERAÇÃO ALPHA DE LÍNGUA PORTUGUESA 9º ANO - EDIÇÃO 2018

